

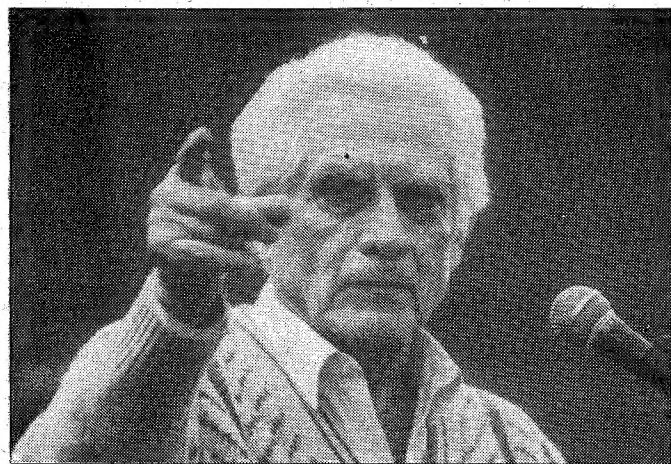
Juízes em greve por três dias

ELE É O RÉU



O ministro da Justiça é o «réu»: os juízes, todos eles, incluindo os dos Supremos da Justiça e Administrativo, mais os da Relação, iniciaram hoje uma paralisação de três dias: as três primeiras «audiências» de Fernando Nogueira. A contestação, e o «julgamento», prosseguirão, estendendo-se à próxima semana. Temos, assim, que a greve dos juízes se prolongará pelos próximos dias, concretizando-se, logo de seguida, na sexta-feira, a mesma forma de luta por parte dos oficiais de Justiça. E a próxima semana começará com uma outra paralisação: a dos magistrados do Ministério Público, que não comparecerão aos julgamentos até ao dia 14

continua na pág. 32



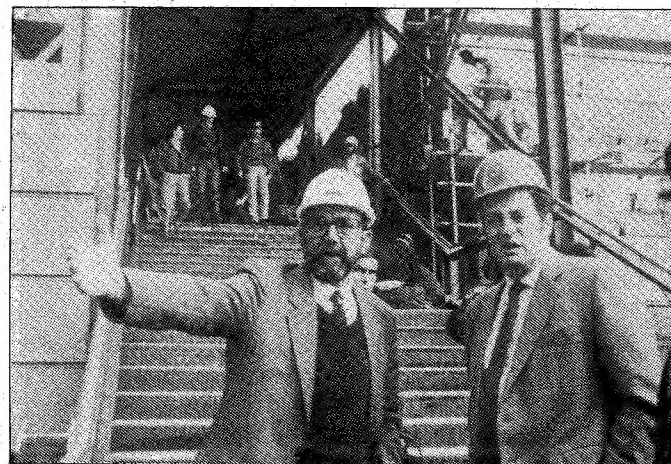
Um dedo acusador sobre os críticos

PC: RENOVAÇÃO NA CONTINUIDADE

Centralismo democrático é «quem mais ordena»

Se todos os Congressos se projectam para o futuro, este, do PCP, que ontem encerrou, para além de teses, documentos, estatutos e moções, para além do seu carácter histórico pelo ineditismo da afirmação da minoria, projecta também esta contradição: a aparente abertura para o exterior não tem correspondência na evidente inflexibilidade interna.

Págs. 2 a 5



Siza Vieira e Pedro Feist esta manhã no Chiado

Um túnel entre ruínas abre Chiado ao Natal

Abre esta tarde aos peões o túnel especialmente concebido para permitir a passagem entre a Rua Garret e o elevador de Santa Justa. Trata-se de uma obra que permitirá aos lisboetas o acesso às lojas que sobreviveram ao desastre de Agosto último e às iluminações de Natal no Chiado e no Rossio.

Pág. 9

Ex-funcionário bancário emprestava dinheiro cobrando 20% de juros

POLÍCIA JUDICIÁRIA DETEVE «D. BRANCA» À MODA DO PORTO

Pág. 8

**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA**

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

**SOS
CTC**

OS PROFISSIONAIS DO
SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE

88 27 86

89 98 26

23 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS
AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º - LISBOA

MINORIAS NÃO SÃO ACEITES PATO CAL, ABRANTES AFIRMA-SE

Dina Soares, Paula Sa e Rodrigues da Silva
enviados «DL»
fotos de Bruno Neves



A intolerância e a fé

Meia-noite de sábado para domingo, à porta do Palácio de Cristal do Porto. Lá dentro, os dois mil delegados ao XII Congresso do PCP, reúnem-se à porta fechada para eleger o novo Comité Central. Cá fora, ao frio, sob uma chuva miúda que de vez em quando cai, aglomeram-se centenas de pessoas. Jornalistas são poucos os que aguardam a anunciada conferência de Imprensa, o mais são militantes anónimos do PCP que querem saber o resultado da reunião.

As surpresas possíveis são quase nulas, o resultado, de qualquer forma, é seguro. Mas eles ali estão, permanecem, não arredam pé. O Congresso foi suspenso às sete e meia da tarde, para recomençar às nove, à porta fechada, só para delegados, estes que aqui estão assistem e não deliberam.

Podiam ter ido ver o Porto, passear, divertir-se, aproveitar, em suma, a única noite livre do Congresso. Não. Jantaram ou comeram qualquer coisa e vieram para aqui e aqui estão, numa militância que é mais do que isso porque está imbuída de qualquer coisa que lhe é superior, a crença, uma fé.

A mesma fé que leva a que numa prática colectiva, certamente inédita em Portugal entre partidos políticos, estes comunistas anónimos se encarreguem de tudo neste Congresso. Do que se imagina, mas também do inesperado: o varrer do jardim exterior ao Palácio, o cuidar, lá dentro, constantemente, dos sanitários («camarada: evita urinar por fora»; assinado: o Serviço de Higiene e Limpeza do XII Congresso).

Passa já da meia-noite. De repente, cá de fora, percebe-se que os delegados vão proceder a uma votação. Vê-se um mar de cartões vermelhos no ar.

Depois, os braços baixam-se, logo outros, muito menos, se erguem... a votação não foi unânime. Na rádio, um locutor diz que a reunião não está a ser pacífica.

E é, então, que aqueles mesmos que há horas aqui estão, se indignam. Sem excessos, em conversas e comentários de grupo. Mas estão indignados. Com o que ouviram na rádio e, sobretudo, com os delegados que impediram uma qualquer unanimidade. E choca esta intolerância, filha talvez dessa outra fé que não deixa de ser comovente. Marginalizando, contudo, ambas, ao nível do inconsciente colectivo, aqueles que ousam ter dúvidas e afirmar-se pela razão.

Este Congresso foi o que foi, será o que vier a ser pelo que deixar para o futuro. Mas foi também muito e em síntese final, simbolicamente, esta maioritária fé, esta maioritária intolerância que são bem, de cima abaixo, a marca do PCP. Um partido que vive ainda (com excepções já) o complexo da orgulhosa fortaleza sitiada.

«Se fosse por voto secreto, eram trezentos». A afirmação é de um delegado a este XII Congresso do PCP e foi feita à saída da reunião, à porta fechada, que eleger o novo Comité Central. Talvez seja exagero, emocional despeito de quem acabara de perder, ao não ver aceite pela direcção um único nome dos propostos como minoritários. Mas trezentos possíveis, por voto secreto, ou 22 contra mais 28 abstenções, contabilizados de braço no ar, pouco importa. O significativo é que, contrariando uma regra mais ou menos sempre mantida nos congressos do PCP, a unanimidade quebrou-se. Dificilmente, alguma coisa voltará a ser como era antes.

E não se quebrou só na eleição para o Comité Central. Quebrou-se em todas as votações. Logo na quinta-feira, por causa da proposta de José Luís Judas (precisamente sobre o voto secreto); quebrou-se anteontem sempre, na votação do estatuto, das teses, do programa, até de uma proposta para a elaboração de uma história do PCP. A unanimidade foi a excepção que confirmou a regra, e uma moção pela paz e contra o imperialismo, foi votada por aclamação.

«Se fosse por voto secreto, eram trezentos» — garante-nos, de novo, o delegado à saída da reunião à porta fechada. Perguntámos-lhe mais pormenores e ele diz-nos que Cunhal foi duro: «Ficou claro que eles não admitem quem pensar de forma diferente». «Então e agora?» — queremos saber. O delegado, inesperadamente, conclui: «Estou satisfeito, agora, é aguentar, leva o seu tempo, é

preciso saber esperar, mas vai ao sítio.»

Não se revela o nome do delegado, mas a verdade é esta: sob a capa de uma vitória esmagadora da direcção do partido, uma oposição esboça-se, afirma-se, define-se ou ganha contornos. Enganam-se tanto a direcção do PCP e a maioria quando dizem que «continuamos na mesma», como observadores apressados que passaram

aqui pelo congresso e no final concluíram: «O PCP continua em 1975.»

Não é verdade e nem é preciso para tal olhar para o novo programa, a tese por «uma democracia avançada no limiar do século XXI». Basta ter visto o que esteve à vista de todos, nas votações, em algumas intervenções críticas; basta ter andado pelos bastidores e perceber que Barros Moura e José Luís Judas (pelo menos estes, mas não só) saíram deste Congresso cobertos de prestígio.

Pato e Carlos Costa despromovidos

Se Barros Moura e Judas saíram cobertos de prestígio, apesar de derrotados, um derrotado houve que integrou a maioria. Esse derrotado foi nem mais nem menos do que Octávio Pato, que sofreu uma derrota em toda a linha, culminada pela sua exclusão (tão inesperada como surpreendente) da Comissão Política.

Pato, um histórico do PCP, a partir de agora não integra o órgão político máximo do PCP e limita-se a ser um dos sete elementos efectivos do secretariado do Comité Central.

Isto é, executa, mas não define a linha política determinante da acção. É uma inequívoca queda, tão mais inequívoca quanto é certo que Pato era dado como um dos possíveis sucessores de Cunhal, um

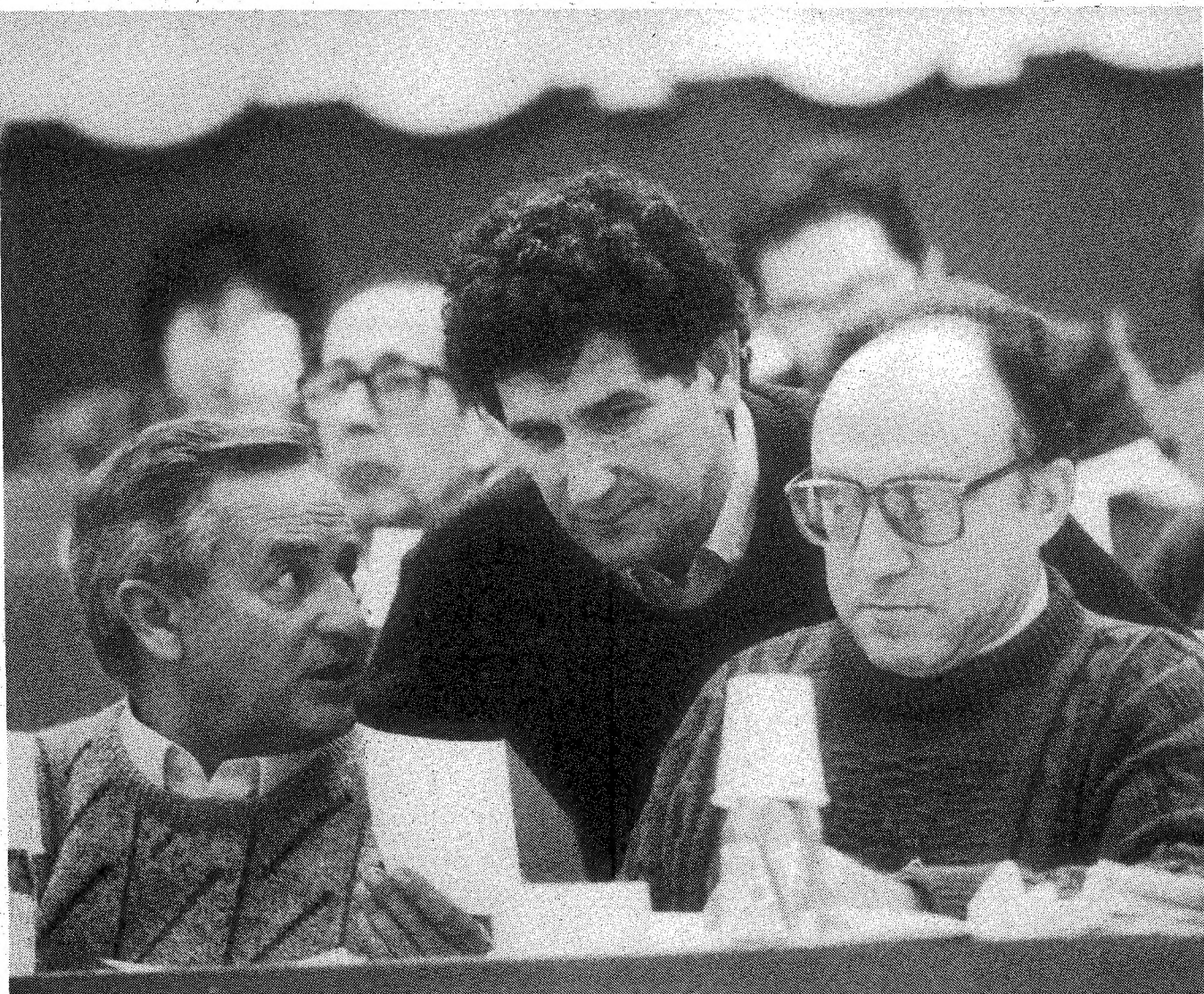
dos seus delfins.

Mas não é. Delegados que assistiram à reunião do comité central realizada à porta fechada garantem que esta exclusão não foi pacífica, mas acabou por ser inapelável. E dizem também que julgam ter percebido que na sua origem esteve a velha intuição de Cunhal, arguto, desta vez, em dar-se conta da sede de poder e de ascensão de Octávio Pato.

Com Pato outro nome histórico caiu também: Carlos Costa, igualmente relegado para o secretariado do comité central e excluído da comissão política.

Se sobre Carlos Costa ninguém diz nada, sobre Pato as nossas fontes admitem que quem o conhece sabe que ele não ficará de braços cruzados perante esta despromoção. O futuro o dirá. Neste congresso, entretanto, só se deu publicamente por ele no último dia... para presidir à sessão de encerramento. Durante as outras sessões, nem a nenhuma presidiu, nem uma única vez falou. Apenas na reunião à porta fechada interveio para explicar, em nome da direcção, os critérios que presidiram à escolha do novo comité central. Uma explicação técnica. A política coube a Cunhal.

Continua na pág. 3



Pato (à esquerda), desce; Abrantes (à direita) sobe; Casanova entre os dois.

Continuação da pág. 2

Domingos Abrantes
um possível n.º 2

Cunhal que continua o n.º 1 indiscutível, sem n.º 2 à vista. A reunião que a seguir à eleição do comité central se prolongou (também à porta fechada) até depois das quatro da manhã ainda foi menos pacífica do que a que a antecedeu. A hipótese de criação de um secretário-geral adjunto foi rejeitada e Pato viu-se despromovido.

Cunhal, mais uma vez, desmentia as previsões. Mas só até certo ponto. Se Pato foi afastado, Domingos Abrantes emerge como um possível futuro n.º 2. Pelo menos é, a partir de agora, o único dirigente (juntamente com Cunhal) que integra os dois órgãos de cúpula: o executivo de oito membros da comissão política e o secretariado de sete membros do comité central.

Isto quer dizer alguma coisa, como certamente não é indiferente que a Domingos Abrantes (enquanto Pato era remetido sistematicamente ao silêncio) tenha cabido, intervir, em nome da direcção do PCP, para falar da «luta da classe operária».

Foi isto na tarde de sábado e a ninguém passou despercebido que Abrantes tenha louvado a actuação da CGTP, secundando assim Cunhal que o tinha feito no primeiro dia.

Mas Abrantes não louvou apenas a CGTP. Foi mais longe: louvou a «flexibilidade táctica da CGTP». Quem conhece a central sindical e o seu jargão, sabe que quando se louva a «flexibilidade táctica da CGTP» está a louvar-se... José Luís Judas. São estes códigos de linguagem que permitem ao PCP dizer e não dizer, simultaneamente, parecer uma coisa e ser outra de facto, num jogo de subtilezas «nuances», decifráveis por iniciados.

No caso concreto, louvar a «flexibilidade táctica da CGTP» quer dizer que, ao contrário dos «duros» (como Pato e Carlos Costa), Abrantes (como Cunhal no primeiro dia) considera terem sido acções correctas a entrada da CGTP no Conselho de Concertação Social, o início das relações (que equivaleram a um reconhecimento de facto) com a UGT, a participação da CGTP na greve geral, aparentemente a reboque da central rival. Ora, todas estas opções político-sindical foram de iniciativa de José Luís Judas, muito criticado, então e caso a caso, pelos duros do comité central e defendido sempre por Cunhal.

Domingos Abrantes surge assim como o possível n.º 2 ou pelo menos o único que com Cunhal partilha o pensamento e a acção (executivos da comissão política e do secretariado) com um discurso ao ní-

ALIAR-SE-Á ALGUÉM A QUEM NÃO SE ALIA CONSIGO PRÓPRIO?

vel da «classe operária» totalmente sintonizado com o líder.

Outros três nomes emergem deste congresso: Luís Sá, responsável pelas autarquias, o sector onde o PCP se tem mostrado tão aberto como na CGTP; Jorge Araújo, um homem que, por doença, tem estado afastado, mas em que os minoritários depositam algumas esperanças, e que consideram uma «excelente cabeça»; e José Casanova. O primeiro e o último integram o executivo restrito da comissão política, o segundo o secretariado do comité central, onde provavelmente se defrontará com Pato e Carlos Costa.

Ainda sobre o novo órgão dirigente, a comissão central de controlo e quadros, uma surpresa: dele não faz parte Dias Lourenço, apenas incluído no comité central, a seu pedido, como tem sido anunciado.

Como tem sido anunciado, também, esta comissão constituirá uma espécie de prateleira dourada para dirigentes históricos em situação de pré-reforma política.

O centrismo de Cunhal

Cunhal foi duro, já se disse, no discurso à porta fechada, durante a reunião que elegeu o comité central. Terá dito que ninguém era excluído do comité central por votar assim ou de outro modo (alusão ao caso de Zita Seabra), mas ir contra as directivas e a linha do partido.

Um discurso que terá sido completado com uma outra versão, ontem, na sessão de encerramento. Aí, Cunhal defendeu, explicitamente, o direito de cada militante pensar pela sua cabeça e com isso contribuir para o enriquecimento do partido, com o consequente dever de actuar de acordo exclusivamente com a vontade colectiva.

Neste último discurso público (feito de improviso), Cunhal pareceu tão interessado em vincar bem esta ideia como em sossegar as bases eventualmente inquietas com a inédita quebra da unanimidade.

Disse Cunhal (citação de cor): «a complexidade da situação leva a que seja natural que tenham aparecido ideias diferentes; se todos pensássemos da mesma maneira numa situação como esta, isso significava que o partido tinha perdido a capacidade de se interrogar. A reflexão individual, a participação individual de cada um dos militantes são preciosas para o partido, mas a decisão final é colectiva e é para cumprir de acordo com o centralismo democrático».

Assim e ao contrário do que pode parecer, este congresso não foi uma derrota das minorias, tanto como não foi uma vitória integral da direcção. O que terá acontecido como (em situação muito diferente) no VI Congresso de 1967, é que Cunhal marcou pontos contra um lado e



Cunhal e Pato: a velha intuição do líder terá travado a ascensão de um delfim que o deixou de se...

o outro, manteve-se mais ou menos ao centro, como fiel de uma balança.

É certo que os minoritários perderam... mas Cunhal promoveu quem, ao mais alto nível, está mais próximo (ou menos afastado) das posições minoritárias. É certo que a maioria ortodoxa aparentemente venceu, mas Cunhal afastou o símbolo da ortodoxia, Octávio Pato. A vitória do centralismo foi, pela hábil e ainda poderosíssima actuação de Cunhal, a vitória de um certo centrismo.

Judas não fala na reunião à porta fechada

Inflexível, quanto hábil táctico, Cunhal venceu em toda a linha e não cedeu a nenhum dos nomes propostos para integrar o Comité Central que surgissem das minorias.

Falamos de minorias, porque é falso (como chegou a ser noticiado), que houvesse uma lista da minoria. Não houve lista nenhuma: o que aconteceu é que cada um dos delegados podia acrescentar nomes aos da lista proposta pela direcção. Feito o balanço, surgiram cerca de vinte novos nomes, não em termos de lista, mas apresentados por um ou mais delegados. Barros Moura e José Luís Judas foram dos mais propostos e ambos tiveram quem defendesse a sua entrada para o Comité Central. Mas Judas fizera já saber que não aceitaria o cargo, para não prejudicar a unidade da Central Sindical. O mesmo declarou Manuel Carvalho da Silva, secretário-coordenador da CGTP, outro dos nomes propostos pelas minorias. Posição contrária adoptaram José Ernesto Cartaxo e Maria do Carmo Tavares, como se sabe eleitos para o Comité Central na lista proposta pela direcção.

Esta dualidade de posições parece não vir a afectar todavia o entendimento entre estes diri-

gentes de cúpula da CGTP, dado, para além do mais, o excelente relacionamento pessoal que todos mantêm de há longos anos.

Na reunião à porta fechada para a eleição do Comité Central, Judas nem interveio: limitou-se a votar (contra ou abstendo-se, o «DL» não conseguiu apurar).

O que conseguimos saber foi que vários nomes indicados pela direcção do Partido teriam sido fortemente contestados. Paula Coelho, eleita como suplente, foi um deles; outro terá sido um membro efectivo sobre o qual, face à contestação, a própria direcção admitiu que não terá feito uma avaliação curricular completa.

Mas, mesmo assim, manteve-o na lista que veio a ser eleita. Lista que inclui, como efectivos, três nomes respeitadores das letras portuguesas: O poeta Armando Silva Carvalho, Oscar Lopes e Manuel Gusmão.

Propostas rejeitadas, crítica ao PS

Durante o Congresso, já aqui se escreveu no sábado, muitas propostas de alteração aos documentos base da direcção foram enviadas para a mesa. Os delegados não tiveram conhecimento delas, a não ser pela síntese feita, no sábado à tarde, por Ângelo Veloso.

Esta síntese (se está correcta e reflecte a verdade, vamos admitir que sim) permite entender de que modo algumas bases se tentaram opor à direcção.

No caso da política de alianças, a direcção rejeitou todas as propostas que procuravam «apagar o carácter social e de classe» do partido, bem assim como aquelas que argumentavam que «sem ceder ao PS, isto é, sem o PCP ir atrás do PS, não são possíveis alianças partidárias entre o PCP e o PS».

O PCP discorda desta tese e, pela voz de Ângelo Veloso, afirmou que «a direita tem avançado aliada ao PS, primeiro

confundida e atrás do PS, depois apoiada pelo PS, e agora com os seus acordos nas autarquias, nas desnacionalizações, na destruição da Reforma Agrária, na revisão da Constituição».

Outra proposta rejeitada pela direcção do PCP privilegiava a luta eleitoral. Foi rejeitada segundo Veloso, porque «para os comunistas a luta de classes e a luta de massas são os motores da História (...) a luta eleitoral insere-se na luta de classes, integra-se e articula-se com a luta de massas».

Ainda outro tipo de propostas rejeitadas foram as que, sempre segundo Ângelo Veloso, «transpunham mecanicamente» para o programa do PCP «experiências conjunturais e específicas deste ou daquele país socialista ou soluções que não são universais e que até, nalguns casos, são experiências em curso, em fase de reflexão e de comprovação histórica».

A alusão à «perestroika» parece óbvia. A este propósito é curioso notar que Cunhal conseguiu esta coisa espantosa: levou o congresso a saudar a «perestroika» (moção de saudação ao PC da URSS) e, ao mesmo tempo, rejeitou uma proposta sobre a situação internacional que responsabilizava também a URSS (e não só os Estados Unidos) por até há pouco tempo, apostar na corrida aos armamentos.

Quer dizer, Cunhal levou o Congresso ao que pareceria impossível: apoiar Gorbachev sem beliscar a imagem de Brejnev.

Métodos de debate

Claro que tudo isto foi possível graças, em grande parte, à metodologia com que decorreu o Congresso e a que já nos referimos no sábado. Debate não houve, o que houve foi um somatório desarticulado de intervenções, como também já se disse, a maior parte das quais nada teve a ver com uma matéria específica em causa. Falou-se de tudo em geral, logo de nada em particular, o debate, de

facto, rigorosamente não existiu.

Daí que muitos delegados, na esperança de verem acolhidas algumas das suas propostas específicas as tenham preferido enviar para a mesa, sem as apresentar ao Congresso. Isto também porque nunca ninguém sabe se chegará a falar.

A mesa controla as inscrições, as quais são feitas, aqui, não de braço no ar, mas através de papéis entregues aos serviços de apoio. Entre dois mil delegados, quem pode jurar quem entregou primeiro a inscrição?

Esta metodologia permite que, a certa altura, não haja tempo para falar mais ninguém (neste congresso 38 inscrições ficaram prejudicadas), mas permite também montar o espectáculo.

Zita: a imagem que fica

As intervenções polémicas de sexta-feira foram atiradas para a noite. No sábado, a única intervenção crítica (a de Raimundo Narciso) foi agendada logo a abrir, quando ainda nem toda a gente tinha chegado.

No sábado, também, passou-se outra cena exemplar destes métodos, respeitante a Zita Seabra. Sobre ela, na sexta-feira, tinha surgido uma intervenção que criticava os métodos como o partido a tinha tratado. A mesa deixou andar e aparentemente não respondeu. Mas, claro, a intervenção pró-Zita Seabra não iria ficar sem resposta. Estava o dia de sábado à beira do clímax (já na expectativa de se irem votar os documentos principais), eis que surge um delegado que, zás, ataca Zita Seabra sem apelo nem agravo. Se alguém quisesse contrapor, impossível, já não havia tempo. De Zita, a memória que acabou por ficar foi a crítica contundente de um delegado, feita sob os aplausos generalizados do Congresso.

Estes métodos reflectem evidentemente, uma certa habilidade, mas não escapam a quem vê o congresso com um olhar atento e distanciando. O mesmo olhar que não pode deixar de reflectir sobre esta perplexidade: por um lado, o PCP apresenta um programa não revolucionário, não radical, perfeitamente capaz de ser assumido por várias forças de esquerda com as quais o partido jura que está disposto a fazer alianças; por outro lado, o PCP mostra-se no seu interior inflexível com as suas diferenças, e serve-se de habilidades para fazer do Congresso um espectáculo o mais possível desprovido de autêntico debate.

Se todos os congressos se projectam para o futuro, este do PCP, para além de teses, documentos, estatutos e moções, para além do seu carácter histórico pelo ineditismo de uma afirmação de minorias, projecta também esta contradição: a aparente abertura para o exterior não corresponde à inflexibilidade interna. Pelo menos quem está de fora, não percebe como é que um partido tão disposto a alianças... não é capaz de aliar-se consigo próprio.

AS BASES MUDARÃO O CUME

Raimundo Narciso, uma das pessoas que saltou do Comité Central do Partido Comunista Português neste XII Congresso, realizado no Palácio de Cristal, no Porto, fez, ao «DL» o balanço da reunião magna dos comunistas e explicou as razões que presidiram ao seu afastamento do órgão central do partido.

Confessou-nos: «Estou de acordo com a regra de ouro do meu partido de respeitar a opinião da maioria. Não tendo vencido com as minhas ideias, penso seguir a linha agora traçada pela direcção do PCP. Não é a linha da desistência, porque ainda posso intervir junto dos camaradas com quem trabalho».

Funcionário do PCP há mais de vinte anos, Raimundo Narciso, que foi um dos que não contribuiu com o voto para que Zita Seabra fosse expulsa do CC, fez um balanço positivo do Congresso. Considerou que se puderam tirar contribuições valiosas do choque de ideias entre a "velha estrutura" e a corrente dos críticos.

Raimundo Narciso frisou, no entanto, que as ideias defendidas, por exemplo, por Barros Moura, José Judas e António Mendonça «não se tratam de ideias opostas ou antagónicas às da direcção, mas pontos de vis-

ta de comunistas que procuram respostas sobre as dificuldades e objectivos do partido».

Mas, um dos pontos pelo quais se bateu, inclusivamente numa das intervenções mais acesas das que preencheram os quatro dias de congresso, foi precisamente o da melhoria do debate interno. Aqui cita mais uma vez Barros Moura e António Mendonça, dizendo que «apesar de defenderem pontos de vista que não são acolhidos pela direcção do partido, contribuem para afinar a realidade».

Quanto ao novo Comité Central, órgão para o qual tinha proposto o nome de Barros Moura - um homem que classifica de «grande qualidade» - afirma que predominou o critério da «homogeneidade político-ideológica» com a actual direcção do PCP, o que equivale a dizer com o próprio Álvaro Cunhal. «A esmagadora maioria dos comunistas presentes no congresso decidiu apoiar o CC proposto pela direcção, agora à que respeitar esta decisão».

Mais delicada foi a abordagem ao seu afastamento do CC.

Terá sido por não ter votado favoravelmente a expulsão de Zita Seabra? Respondeu que esse ponto apenas terá sido um dos



Daqui a quantos anos as bases mudarão o cume?

muitos que conduziram a esta situação, como a discussão de propostas e ideias dentro partido diferentes das da direcção.

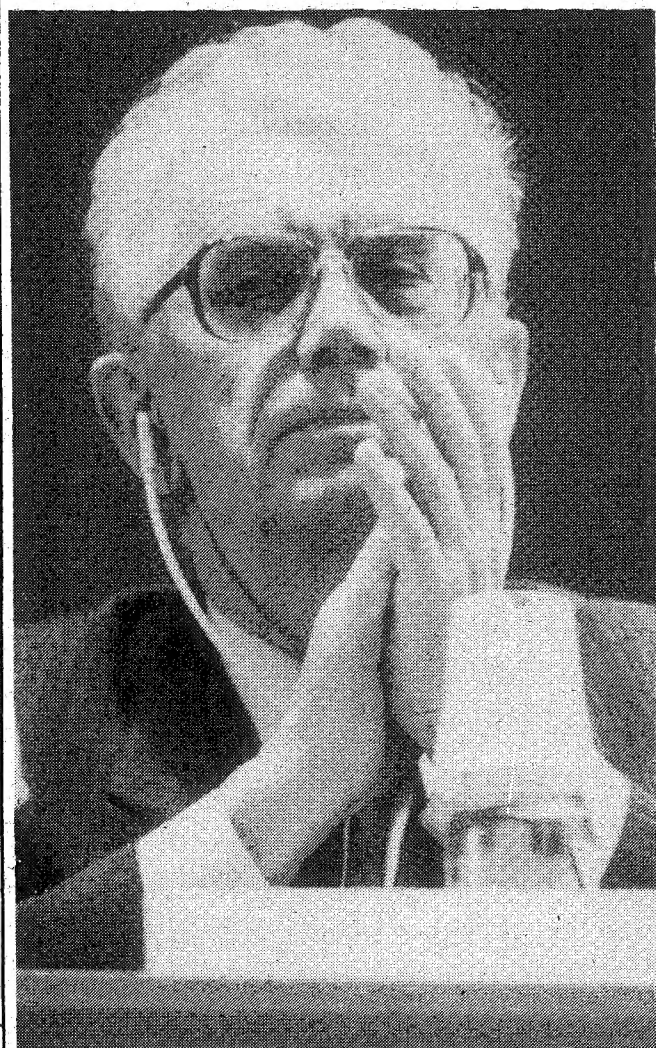
«Predominou no CC a ideia de que eu, com os pontos de vista

que vinha defendendo, não garantia a homogeneidade na estrutura central do partido», disse Raimundo Narciso. E acrescentou: «São compreensíveis as razões que levaram à nossa exclusão. Pode-se concordar ou

não, mas é preciso ter a consciência que Roma e Pavia não se fizeram num dia...»

Para este comunista o futuro testará a transformação do PCP. «O processo vai ser lento. Contudo, a actividade do Comité

Central não vai ser isolada de todo o funcionamento do restante partido». Raimundo terminou assim com um voto de confiança no decorrer dos tempos e na capacidade das bases transformarem o cume.



Medvedev: o odor da «perestroika»

Vadim Medvedev admite partidos políticos na URSS

«Não excluo a hipótese da existência, na URSS, de dois ou três partidos políticos, mas esse não é o nosso objectivo fundamental», afirmou no sábado Vadim Medvedev, chefe da delegação soviética presente no XII Congresso do Partido Comunista Português, e responsável pelo sector da ideologia no Executivo do Gorbachov.

O dirigente soviético, que falava durante uma conferência de imprensa, declarou que o seu país está a tomar o curso da democracia e do pluralismo socialista, considerando que eles são possíveis apenas com um partido, «desde que seja criado um sistema que possibilite a discussão dos problemas de todos e desde que o partido funcione de forma democrática».

Segundo Medvedev, o apoio que a «perestroika» soviética tem recebido dos partidos dos países socialistas e não só, tem sido muito positivo. No entanto, o responsável pelo ideologia

da era Gorbachov pensa que a aplicação dos princípios de reestruturação deve constituir uma decisão de cada partido individualmente.

Interrogado sobre os problemas ideológicos que a «perestroika» acarreta, Vadim Medvedev não negou a sua existência, atribuindo-a à dinamização da comunicação social, da crítica e da discussão. Em sua opinião, as pessoas sentem necessidade de se «limpar» e por isso às vezes exageram na crítica, mas isso não pode ser reprimido administrativamente.

A abertura e a transparência criadas na sociedade soviética são, na óptica de Medvedev, as condições que permitiram que surgissem à luz os conflitos nacionalistas do Báltico e do Azerbeijão. «Estas questões já existiam há muitos anos, não surgiram com a «perestroika», o que não havia era condições para que eles fossem discutidos», acrescentou.

A ameaça das forças conservadoras no processo de evolução da «perestroika» foi outro dos pontos abordados pelo responsável da URSS, que destacou igualmente o perigo que constituem os «apressados». Com o «caso Zita Seabra», terminou a conferência de imprensa de Vadim Medvedev. Face à

questão «não se sente incomodado por ser identificado com um líder anti-democrático, que expulsou Zita Seabra, a mais conhecida campeã da «perestroika» em Portugal?», Medvedev afirmou não conhecer o assunto, ao mesmo tempo que alertava contra os que se intitulam «campeões da perestroika».

A ceia de Cristo da OLP

É uma velha tradição internacionalista: as prendas que as delegações estrangeiras oferecem ao partido convidante. A tradição obviamente manteve-se. Eis algumas: da delegação do MLSTP (S. Tomé e Príncipe), a mais simples, três flores; do partido no poder na Coreia do Norte, a mais inacreditável, um calendário de parede para 1989, acompanhado de numerosa literatura do «grande líder» Kim Il Sung; do partido irmão da Etiópia, a mais volumosa, um galhardete com cerca de dois metros de altura; da OLP, a grande

surpresa, uma escultura em madeira, reproduzindo... a ceia de Cristo!

Já que falamos de prendas, o outro lado destas ofertas: a da Câmara Municipal do Porto, que recebeu todas as 75 delegações estrangeiras presentes no congresso. Acto de grande simpatia, naturalmente, culminando com uma prenda oferecida a cada delegado estrangeiro. A prenda era uma gravata. Quando o delegado italiano examinou a sua, reparou na etiqueta... «made in Italy».

O SOBE E DESCE DO COMITÉ CENTRAL

O Comité Central do PCP sofreu uma renovação na continuidade, mas alguns dados do jogo de poder interno foram alterados com a criação de dois órgãos: o Executivo da Comissão Política e a Comissão Central de Controlo e Quadros. Se o primeiro ocupa um lugar de topo na hierarquia partidária, o segundo pode ser encarado o último reduto dos velhos combatentes.

O executivo da Comissão Política é o núcleo do poder dos comunistas portugueses. Durante os próximos cinco anos - que culminarão no próximo congresso de 1992 e no qual o líder «insubstituível» deverá sair - a luta pelo primeiro lugar no seio do PCP concentra-se aqui, no órgão especialmente criado para preparar a sucessão de Álvaro Cunhal.

Entre os oito nomes que o integram, Álvaro Cunhal, Agostinho Lopes, Ângelo Veloso, Carlos Brito, José Casanova, Luís Sá, José Soeiro, há dois que são dignos de registar desde já. Domingos Abrantes, o único que, além de Cunhal, integra a Comissão Política, o Executivo e o Secretariado, é Luís Sá, a as-

censão mais fulgurante deste congresso, com a entrada directa no órgão executivo.

Mas se a luta para integrar o Executivo da Comissão Política foi grande, o mesmo não aconteceu na Comissão Central de Controlo e Quadros (CCCQ). Esta espécie de prémio de consolação para os que há muitos anos dirigem o partido abrangeu Carlos Costa, Fernando Blanqui Teixeira, Jaime Serra, Joaquim Gomes, José Vitoriano, Luísa Araújo e Sérgio Vilariques.

Toda esta movimentação esteve longe de ser pacífica. Três áreas se abriram na discussão: a dos que saem, a dos que consolidam posições e a dos que, embora permanecendo na direcção, são despromovidos. Neste último sector, o mais polémico internamente, foram atingidos Blanqui Teixeira, Carlos Costa e Octávio Pato, que deixaram de pertencer à Comissão Política.

Fontes comunistas disseram ao «DL» que a despromoção de Octávio Pato foi a que suscitou maior controvérsia e admitem mesmo que este dirigente - não conformado por passar do órgão «pensante» para o execu-

tante - «não irá ficar de braços cruzados...»

Aventada a hipótese da criação do cargo de secretário-geral adjunto e após alguma discussão, a mesa entendeu por bem rejeitar a proposta, optando pelo mini «politburo». Na opinião de alguns comunistas, com o aparecimento do Executivo da Comissão Política, o CC vai ter que ser menos participativo.

Vozes discordantes

A eleição do Comité Central também teve os seus momentos de contestação. Logo no início, alguns delegados queixaram-se da «reduzida auscultação prévia» das bases do partido na elaboração da lista de candidatos. Os cerca de vinte comunistas da área crítica propostos por vários delegados para integrem o novo CC foram amplamente debatidos, mas não conseguiram penetrar na «barreira» da linha imposta pela direcção. Os nomes mais falados foram o de Barros Moura, deputado comunista ao Parlamento Europeu, e o de José Luís Judas, dirigente da CGTP.

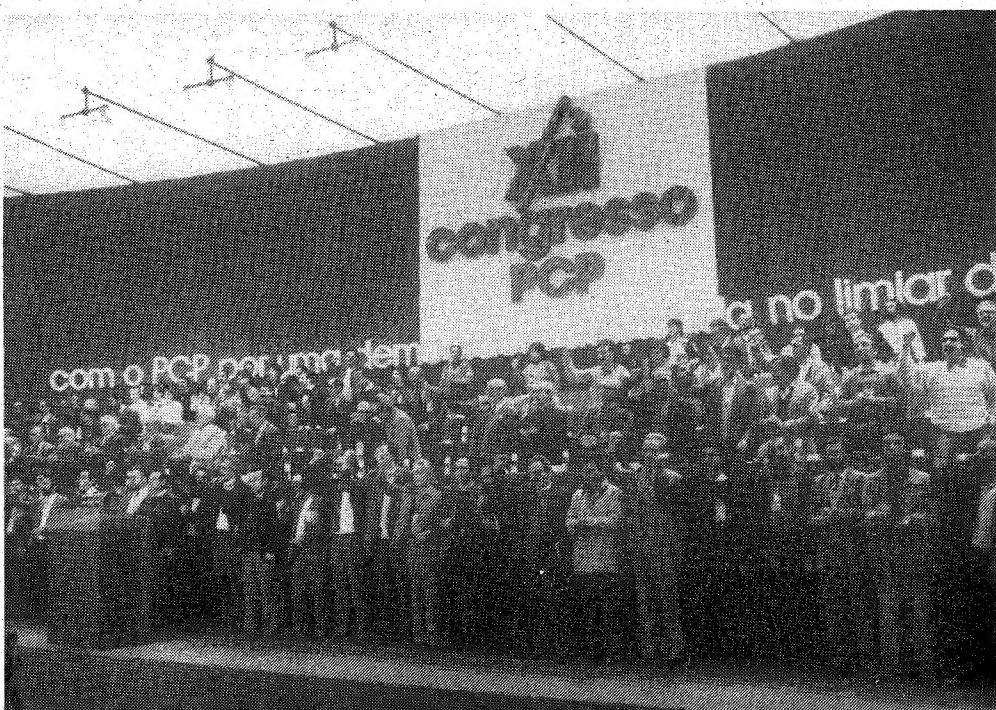
A ausência de explicação para certas saídas, como a de Raimundo Narciso e António Graça, foi igualmente objecto de alguma polémica. Álvaro Cunhal, no discurso que proferiu neste reunião à porta fechada, afirmou que não se tratavam de saídas de carácter político, mas não indicou concretamente quais as razões que as motivavam. Do sector da juventude veio o descontentamento de se verem tão fracamente representados.

Dado inédito na história recente do PCP, cujos factores acima referidos contribuíram em muito, foi o facto de o Comité Central ter sido aprovado com vinte e um votos contra e vinte e oito abstenções. Curiosamente este resultado não foi referido ontem no discurso de apresentação do novo CC.

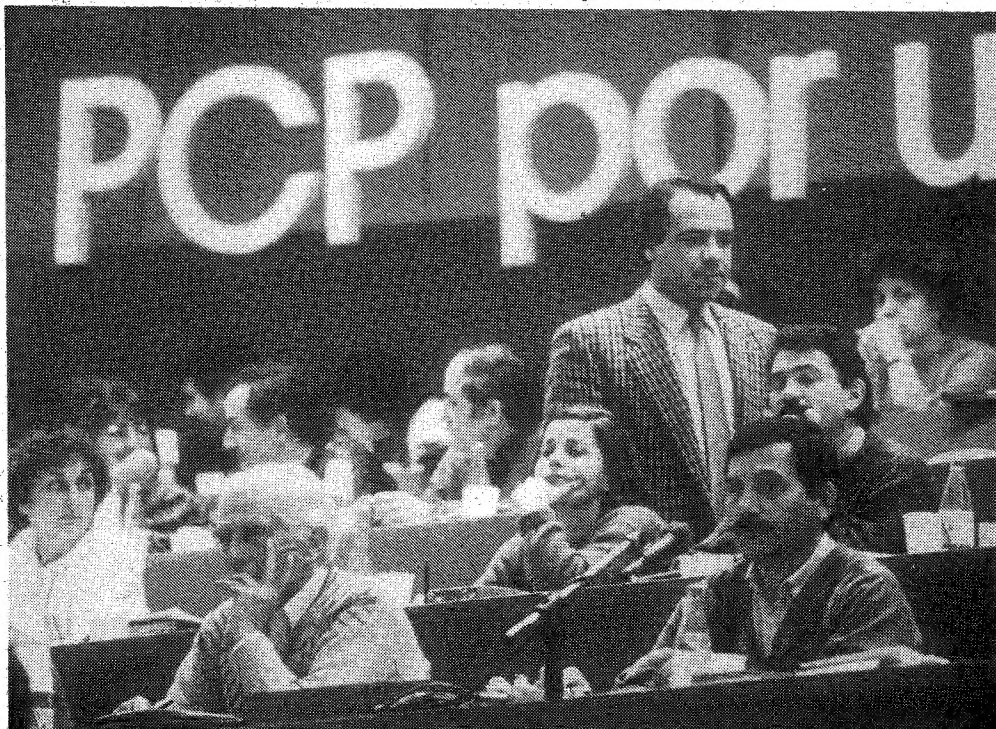
ma forma que se comemorou o 60º aniversário. Foi aprovada com uma abstenção.

De referir que, dentro deste espírito, estava ainda preparada outra moção segundo a qual se devia proceder à realização de um colóquio para debater a evolução social de Portugal nos últimos anos. No entanto, ela não chegou a ser apresentada.

Menos sorte ainda teve a moção da apoio à URSS e à «perestroika», que recebeu duas abstenções. Mas se as moções ti-



O novo Comité Central na cerimónia da apresentação ao Congresso



Manuel Carvalho da Silva (de pé): o nº 1 da CGTP foi proposto para o Comité Central pelas minorias; não seria eleito, até porque ele próprio (tal como Judas) anunciou a sua não disponibilidade para o cargo para preservar a unidade da central sindical

Comité Central que nos 94 membros efectivos comporta 48 operários, 20 empregados, 25 intelectuais e quadros técni-

cos e 1 agricultor. No que diz respeito aos 78 suplentes, 38 são operários, 16 empregados e 24 fazem parte dos intelectuais e

quadros técnicos. Entre os 172 elementos, 28 são mulheres. Mantém-se a regra da maioria operária.



Decq Mota: depois de perder o lugar de deputado no Parlamento Regional dos Açores, foi o que sobe de suplente a efectivo do Comité Central



Carlos Costa: outro histórico em queda

Só a paz obteve unanimidade

Ao longo dos quatro dias durante os quais decorreu o Congresso do Partido Comunista Português, uma das ideias mais rebatidas pela comunicação social foi a de que, pela primeira vez na história recente deste partido, a unanimidade foi quebrada.

Tal posição, assumida por diversas vezes pelos delegados comunistas, teve a sua maior expressão nas votações de sábado à tarde. Na realidade, dos

documentos apresentados, apenas a moção pela paz e contra o imperialismo recebeu o acordo total dos 2.090 delegados.

A mesma sorte não teve a moção apresentada por Nuno Tito de Moraes, director da revista «Política», e que propunha a realização de um estudo aprofundado sobre a história recente do partido, aventando igualmente a ideia de se proceder, em 1991, à comemoração dos 70 anos do partido da mes-

veram alguma contestação, os três documentos em discussão receberam um apoio substancialmente menor.

Enquanto face ao novo programa dos comunistas apenas dois delegados se abstiveram, e a resolução política recebeu cinco votos contra e onze abstenções, a contestação mais feroz atingiu os novos estatutos, contra os quais votaram doze delegados, tendo-se outros doze abstido.

TERÁ EM RODES VIRADO A HISTÓRIA DA EUROPA?

Paulo David

Enviado especial

Há tendência para considerar que a calma reflexão nada vale quando comparada com as decisões concretas, os debates assanhados, as batalhas fragorosas, as vitórias proclamadas, as derrotas escondidas. A recente reunião em Rodes do Conselho Europeu foi pacífica (portanto desinteressante), foi tranquila (portanto aborrecida), foi reflexiva (portanto inútil). Engano.

Atribui-lhe eu, de entre o catálogo das cores, o tom «azul» (a Cimeira Azul) e se erro cometi foi o de não lhe haver acrescentado a claridade, a transparência, a visão de horizontes afastados, aquela que apenas aparece nos dias límpidos quando paramos a pensar, numa imobilidade que só aparentemente é a de nada acontecer. A verdade é que a reunião de Rodes pode ter assinalado uma viragem essencial na história da Europa.

A ideia resulta de uma análise calma e reflexiva feita a três documentos: as conclusões oficiais das cimeiras de Hanover (27-28 de Junho de 88) e de Rodes (2-3 de Dezembro) e a um texto que me forneceu úteis indicações sobre o que poderiam vir a ser as conclusões oficiais da Cimeira Azul.

Uma novidade salta à vista. Pela primeira vez, surgiu em Rodes uma longa e especial declaração sobre o papel internacional da Comunidade Europeia. E não é um internacional restrito. Abrange o mundo inteiro e lá situa, política e economicamente, o que irá ser, depois da entrada em vigor do Mercado Único de 1993, esta Europa que chegou a parecer cansada e sem destino universal.

Depois de sangrada por duas terríveis guerras, exausta pela gestão de filosofias, de doutrinas políticas, de ciências económicas, de descidas da razão ao inconsciente, do rigor do saber puro em ciência e da ousadia criadora em arte e tendo atravessado os infernos extremados do fascismo, do nazismo e do comunismo, sofrendo ainda a paixão e a desilusão das contraculturas marginais, do grito revolucionário estudantil e das imitações de americano e de soviético — depois de tudo isto, a Europa chegou a parecer cansada e sem destino.

Agora, em Rodes, o Conselho

Europeu fez preceder de cuidadosas considerações objectivas o seu convite a todos os países para que se empenhem «ao lado da Comunidade Europeia enquanto parceiro mundial, num esforço histórico destinado a deixar às gerações futuras um Continente e um mundo mais seguros, mais justos e mais livres».

Nova dinâmica

Retrocedamos para o concreto.

Na sua declaração sobre o papel internacional da Comunidade Europeia, o Conselho Europeu de Rodes afirmou-se «consciente de que a realização do Mercado Interno em 1992, que está já a incutir uma nova dinâmica à vida económica da Comunidade, influenciará pela mesma maneira o papel político e económico da Comunidade no mundo».

E a seguir: «O Conselho da Europa reafirma que o Mercado Único beneficiará por igual modo os países comunitários e não comunitários, garantindo um crescimento económico contínuo. O mercado interno não se fechará sobre si mesmo. A Europa de 1992 será um parceiro e não uma «Europa Fortaleza». O mercado interno constituirá um factor decisivo para uma maior liberalização do comércio inter-

nacional, com base nos princípios do GATT visando a realização de convénios recíproca e mutuamente vantajosa. A comunidade continuará a participar activamente no Uruguay Round, do GATT, dado o seu empenhamento no reforço do sistema de trocas comerciais multilaterais.»

Seguem-se muito concretas referências aos nossos parceiros da OCDE, aos Estados Unidos, ao Japão, aos países da EFTA e a afirmação de que «serão activamente prosseguidos o diálogo e a cooperação abertos e construtivos com outros países ou grupos regionais do Médio Oriente e do Mediterrâneo, África, Caraíbas, Pacífico, Ásia e América Latina, com especial ênfase na cooperação inter-regional».

Logo na terceira linha

Vêm depois os empenhamentos em que se cumpria integralmente o disposto na Acta Final de Helsínquia, o estabelecimento de um equilíbrio seguro e estável das forças convencionais na Europa a um nível mais baixo, o reforço da confiança mútua e da transparência militar, a concretização de uma proibição total e real das armas químicas e a promoção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, da livre circulação dos povos e das ideias e do estabelecimento de sociedades mais abertas.

A isto acrescenta-se o que se diz no capítulo «Dimensão Social» das conclusões de Rodes: «A realização do Mercado Único não pode ser vista como um fim em si, pois ela persegue um objectivo muito mais vasto, o qual consiste em assegurar a todos um máximo de bem-estar, de acordo com a tradição do progresso social inerente à história da Europa.»

Aliás, pela primeira vez também, logo na terceira linha do comunicado final, vem uma referência ao lugar da Comunidade Europeia no mundo.

Este lugar no mundo está a

ser dotado de instrumentos internos e externos. Para rematar o aspecto externo, saliente-se que no final da declaração de Rodes se afirma a vontade «de assegurar a coerência entre as políticas externas da Comunidade Europeia e as políticas acordadas no âmbito da Cooperação Política Europeia» e se propõe o corolário indispensável à acção: «adopção rápida de posições comuns e a prática de acções concertadas.»

Blablaba de alma

Um papel a exercer no mundo inteiro pressupõe que ele tenha como ponto de apoio sólidas bases políticas, económicas e sociais. Uma enumeração dos regulamentos da CEE, das reuniões técnicas em curso e da legislação já aprovada para a entrada em vigor do Mercado Único, em Janeiro de 1993, daria prova do cuidado de pormenor com o que tudo está a ser duramente negociado, do desenvolvimento do hábito do compromisso como parte viva de um equilíbrio global, da necessidade de mobilização geral com a adopção das «medidas necessárias para que a Europa se torne uma realidade tangível aos olhos do cidadão». Tal enumeração não é, porém, possível aqui.

Há, no entanto, uma outra base sólida sem a qual a Europa no mundo será blablaba de alma e não realidade concreta: é a visão a longo prazo. Disso dêem-se dois exemplos.

Com o desenvolvimento que a CEE está a ter, configurando-se já o superestado que vai ser, um mecanismo importa assegurar: o da fiscalização democrática dos actos dos comissários europeus, das actuações do Conselho Europeu e dos comportamentos dos milhares de altos e médios funcionários da CEE que estão, todos eles, a gerar a criação de uma nova classe social.

Por isso, lordes Plumb, actual presidente do Parlamento Euro-

peu, propôs que os principais órgãos dirigentes da CEE deixem de estar dispersos por três cidades (Bruxelas, Estrasburgo e Luxemburgo), na intenção de tornar mais eficiente todo o mecanismo superior da Comunidade e, por isso, este Conselho Europeu de Rodes logo na primeira página do seu comunicado final escreveu: «nas vésperas das eleições europeias de Junho de 1989, o Conselho Europeu sublinha o papel indispensável do parlamento Europeu no processo da unificação europeia. Felicita-se o Conselho pela contribuição construtiva que o Parlamento deu à realização dos objectivos do Acto Único e que constitui um factor positivo para a cooperação futura entre as instituições.»

Proteger recursos vitais

E aqui é oportuno introduzir um curioso resultado da comparação entre o texto final do comunicado de Rodes e aquilo que antes parecera ir ser o parágrafo atrás citado. Segundo indícios prévios, esse parágrafo teria a seguinte redacção: «Ao aproximarem-se as eleições europeias de 1989, o Conselho Europeu congratulou-se com a cooperação construtiva com o Parlamento, que constitui um factor positivo na concretização dos objectivos do Acto Único.» Compare-se esta com a redacção final.

Um outro aspecto dos horizontes longínquos que os sábios de Rodes terão agora avistado centra-se na questão do ambiente.

Fontes portuguesas dizem que Portugal é pioneiro no lançamento do tema e que até o próprio Jacques Delors nos reconheceu esta qualidade.

O que eu posso garantir é que entre o comunicado final do Conselho Europeu de Hanover (27-28 de Junho de 1988) e esta reunião de Rodes, a referência aos problemas do ambiente cresceu de 17 linhas, já menos de seis meses, para 52, agora. E

tal como a posição da Comunidade Europeia no mundo mereceu, em Rodes, uma declaração especial, assim aconteceu igualmente com o ambiente.

Nesta declaração especial, a preocupação de preparar uma força a longo prazo está explícita no terceiro parágrafo do documento: «A plena realização do mercado interno prevista para 1992 e o correspondente crescimento económico constituem, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade. O futuro industrial e a competitividade da Europa, no plano internacional, dependerão em parte da aplicação do elevado nível de protecção do ambiente previsto no Tratado. Há que conceder uma atenção especial ao mar e às regiões costeiras dos Estados membros, que têm uma importância capital do ponto de vista económico e ecológico, particularmente a região mediterrânica, o mar do Norte e o mar da Irlanda. A Comunidade deverá redobrar os seus esforços para proteger estes recursos vitais.»

Prenda de Zeus

Quando li o comunicado final da reunião, em Rodes, do Conselho Europeu, dois nomes me chegaram à ideia e também, com eles, um pedaço da mitologia grega. Charles de Gaulle, a sua Europa do Atlântico aos Urais e a sua luta por que a França no mundo fosse a Europa no mundo; Hans-Dietrich Genscher, que há 14 anos é ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha e sempre se bateu pela cooperação com o Leste, sonhando ele, no fundo, a reunificação das duas Alemanhas mas reconhecendo também que essa Europa do Atlântico aos Urais é não só uma entidade cultural única como também perfeitamente compatível com uma CEE crescentemente coesa. E o pedaço de mitologia grega conta que foi Zeus, ele próprio, quem desceu ao fundo do mar para de lá trazer, como oferta ao deus do Sol, a ilha de Rodes.



Embora exaustivo (dias de 20 horas de trabalho, a falar Rodes, escrever Rodes, comer Rodes, beber Rodes e quase dormir Rodes), o trabalho dos oitocentos jornalistas que cobriram a recente reunião do Conselho Europeu naquela ilha do Mar Egeu teve, pelo menos, um encanto: o centro de Imprensa foi instalado nas enormes salas do Hotel das Rosas (que aqui se mostra) e de cujas largas janelas se viam, para companhia da escrita, a vaga e a cor-do Mar Mediterrâneo

Deus Pinheiro segue posição europeia

ADESÃO TURCA À CEE SÓ APÓS MERCADO ÚNICO

Um acordo cultural entre Portugal e a Turquia, a assinar ainda hoje, constitui um dos aspectos mais salientes da visita de João de Deus Pinheiro àquele país, que amanhã termina.

O desenvolvimento do intercâmbio entre os dois países, não apenas no domínio da cultura, mas também do turismo é o objectivo do acordo, que consubstancia uma cada vez maior aproximação nas relações entre os dois países. A visita do ministro dos Negócios Estrangeiros, que se faz acompanhar de Ivo Cruz, da Associação Industrial Portuguesa, e Carlos Gomes de Almeida, representante da Secretaria de Estado do Comércio Externo, deverá tornar possível, igualmente, a identificação de áreas de cooperação económica. A criação, a curto prazo, de «joint-ventures» e o aproveitamento da Turquia como «porta» para a penetração nos mercados do Médio Oriente são também aspectos perspectivados. Os quais estão, à partida, facilitados por um acordo recentemente assinado em Ancara entre associações empresariais dos dois países.

CEE: Portugal adia pretensões turcas

No centro das conversações entabuladas entre governantes dos dois países, que, como se sabe, possuem já alguns laços políticos, como a integração na estrutura da NATO, esteve, naturalmente, a problemática da adesão da Turquia na Comunidade Europeia e a eventualidade de Portugal interceder junto do «Clube dos Doze» para a rápida aceitação do pedido formulado em Abril de 1987. No entanto, é posição unânime no seio da CEE, como aliás ficou expresso durante a recente Cimeira de Rodas, a inconveniência da admissão de novos países antes do Mercado Único de 92.

Portugal tem, neste particular

alguns argumentos de peso para defender o adiamento das pretensões turcas. Em primeiro lugar, trata-se de um país capaz de funcionar como concorrente forte no sector têxtil. Por outro lado, sendo um país pobre -que no entanto apresenta índices reveladores de acelerado crescimento económico- a sua adesão imediata sorveria fundos comunitários que o executivo português considera de importância vital para o desenvolvimento do nosso país.

«Não conseguimos pensar em qualquer razão legítima pela qual as negociações para a adesão devam aguardar até depois de 1992, ano em que será criado o mercado único da Comunidade, ao qual a Turquia já está ligada desde 1963 por um acordo de associação», defendeu Mesut Yilmaz, ministro dos Negócios Estrangeiros, ao solicitar a «compreensão e apoio firme» de Portugal para o arranque do processo. O governante turco sublinhou a «orientação ocidental irreversível» do seu país, considerando «inconcebível» que subsista alguma área da CEE na qual não participe activamente.

Deus Pinheiro reconheceu, por seu lado, ser «desejável» a entrada da Turquia na CEE, segundo uma lógica baseada na abertura do fórum económico europeu aos países vizinhos, mas não tomou nenhuma atitude política que possa ser interpretada como capaz de acelerar o processo de adesão.

Segundo várias fontes, o processo demorará entre seis a oito anos, uma vez que terá de limar algumas arestas, como o problema das identidades asiática e islâmica do país, a explosão demográfica que está a sofrer e, quíça mais importante, a problemática dos direitos humanos, matéria que reconhecidamente tem registado algumas melhorias.

Timor-Leste na agenda

A questão de Timor-Leste terá sido também discutida nesta visita de João de Deus Pinheiro. Ainda recentemente, a Turquia apoiou a resolução do Conselho Europeu que apontava no sentido da defesa do direito à auto-determinação do povo maubere, assinalada como êxito diplomático português na matéria. Daí que consolidar na co-

munidade internacional mais uma voz favorável à posição portuguesa seja para o ministro dos Negócios Estrangeiros fundamental. Admite-se mesmo que a questão passará por uma tomada de posição do nosso país em relação às minorias turcas na Bulgária, problema que tem estado na ordem do dia na região.

No encontro entre os respon-

sáveis dos negócios estrangeiros portugueses e turcos foram debatidos vários temas de carácter internacional. Yilmaz, sublinhou o clima de distensão que que preside às relações entre as super-potências, que favorece o diálogo e a cooperação entre os povos. Quanto aos progressos no conflito turco-grego a propósito de Chipre, lamentou-se, sejam lentos. Congratulou-se,

no entanto, com o recente diálogo entre as duas comunidades da ilha. O ministro turco comentou ainda a situação no Médio Oriente, justificando que o reconhecimento do Estado palestino proclamado pela OLP por parte da Turquia teve como base o entendimento de que há vontade do povo palestino em coexistir pacificamente com Israel.

Grande Campanha de Natal CITROËN

De 1 a 31 de Dezembro, comprando um CITROËN, Você pode ganhar magníficas prendas. Basta comprar um CITROËN! Preencha o boletim que lhe é apresentado no acto de compra em qualquer concessionário ou agente CITROËN e habilite-se a GRANDE CAMPANHA DE NATAL. Há prendas fabulosas para Você ganhar! Um BX 14 RE, um AX 14 T2S, um 2 Cavalos... e milhares de outras prendas CITROËN. 161 Auto-Rádios com leitor de cassettes, 364 Blusões, 69 Estojos de Ferramentas, 23 Sacos de Desporto, 117 Mochilas... e magníficas lanternas para todos os compradores CITROËN. Mais de 10 000 contos em prendas! O sorteio terá lugar no dia 16/1/89, pelas 18.30 h, na Rua da Glória, n.º 21 - 2.º Esq. em Lisboa. Os resultados serão publicados no Correio da Manhã, Diário de Notícias e Jornal de Notícias do dia 31/1/89. Se for Você um dos vencedores, também será contactado pela CITROËN. COMPRE JÁ UM CITROËN, EM QUALQUER PONTO DO PAÍS. A CITROËN TEM PRENDAS PARA SI!

Novas máquinas de jogos equipam o Casino Estoril

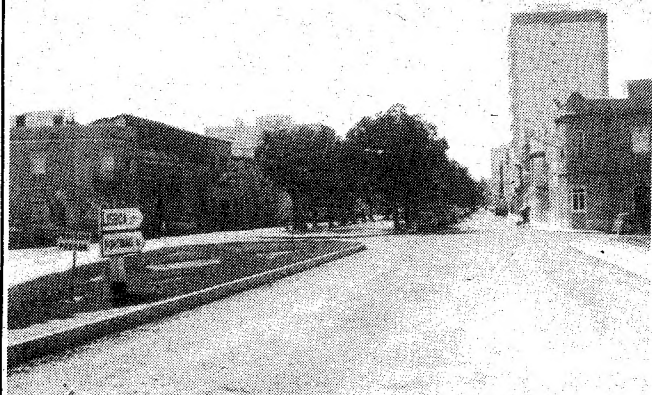
O parque de máquinas de jogos do Casino do Estoril foi aumentado com os mais recentes modelos criados nos Estados Unidos da América, nomeadamente uma mini e autêntica roleta electrónica, bem como um «corrocel» de máquinas «poker» em que o jogador pode utilizá-la confortavelmente sentado numa poltrona regulável.

O actual parque de máquinas do casino integra 361 unidade com seis grupos reunidos em «link» que permitem a atribuição de prémios acumulados. Nesta altura estão prestes a sair dois «jackpots» de 19.500 contos; que será um record em qualquer casino nacional.

Para obter tal importância terá o eventual contemplado de introduzir três moedas de 50 escudos, o que poderá acontecer a todo o momento até talvez antes da saída deste número do «DL».

Segundo uma informação do Casino do Estoril, foram pagos ao balcão da sala de jogos de Janeiro a Outubro do corrente ano, 810.507.265\$000 ou seja uma média de 2.700 contos por dia, para além dos mais modestos prémios pagos directamente pelas máquinas.

CONCURSO APROVADO PELO GOVERNO CIVIL DE LISBOA



Variante urbana beneficiará trânsito rodoviário em Loulé

A Junta Autónoma de Estradas e a Câmara Municipal de Loulé estabeleceram em Fevereiro do corrente ano um «protocolo de acordo» para execução de uma variante urbana em Almansil, com vista à resolução do problema de estrangulamento de tráfego na EN 125, sobretudo na época estival.

Executado o respectivo projecto e aprovado o mesmo pelo secretário de Estado das Vias de Comunicação, eng.º Falcão e Cunha, a Junta Autónoma de Estradas promoveu o lançamento de um concurso para arrematação dos trabalhos de empreitada.

Por despacho do secretário de Estado das Vias de Comunicação foi agora autorizada a adjudicação da empreitada em causa à empresa Lusovias, pela quantia de cerca de 663 000 contos, com um prazo de execução de 180 dias, pelo que se prevê a sua abertura ao tráfego no final de Maio de 1989.

Esta variante tem uma extensão de 4 km.

Madrid mostra pouco interesse na construção da ponte de Monfortinho em contradição com a manifesta boa-vontade dos alcaides da região fronteiriça, disse o governador civil de Castelo Branco que reconhece ter-se gerado uma certa frustração.

Alberto Romãozinho, falava numa reunião com empresários portugueses e espanhóis, bem como presidentes camarários de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Cáceres em Espanha. No final e em comunicado seria afirmado: «é urgente que os dois países celebrem um acordo geral, em matéria fronteiriça, que estabeleça as linhas gerais de uma política de valorização da zona raiana comum».

A construção da ponte encurta a distância Lisboa-Madrid em cem quilómetros e permite um rápido acesso ao mar para pessoas e mercadorias do norte da Estremadura e de todo o centro de Espanha.

Derrame de ácido condicionou durante 12 horas a circulação na estrada entre Celorico da Beira, Guarda e Vilar Formoso na tarde de sexta-feira e madrugada de sábado.

O camião cisterna transportava ácido clorídrico e o condutor, um cidadão alemão, foi alertado de que a cisterna deixava sair líquido. Parou e ao tentar estancar a fuga, foi intoxicado pelas emanções dos gases, pelo que teve de ser conduzido ao hospital da Guarda.

Os bombeiros da Guarda tiveram de lavar a estrada e transferir o ácido para outra viatura enquanto a circulação de viaturas se fazia apenas por uma via, normalizando-se a situação a partir das cinco e trinta.

O veículo onde se verificou a ruptura do depósito transportava aquele produto de Estarreja para Itália.

Sinistralidade em números

No período de vinte e quatro horas, que findou ao meio-dia de ontem, registaram-se nas estradas e zonas urbanas do País, a cargo respectivamente da Brigada de Trânsito da GNR e Divisão de Trânsito da PSP, 180 acidentes de viação de que resultaram 11 mortos e 129 feridos dos quais 35 em estado grave.

GALP

DINAMIC

Gasóleo

ÉMULO DE D. BRANCA DETIDO PELA JUDICIÁRIA NO PORTO

Após intensas diligências, a 7.ª secção da Polícia Judiciária do Porto, chefiada pelo subinspector Eduardo Pereira, deteve, anteontem, um ex-funcionário bancário que, segundo os indícios até agora recolhidos, terá praticado centenas de crimes de burla, usura e extorsão, através de processos em tudo idênticos aos que foram utilizados pela popular D. Branca e que a levaram à prisão.

Trata-se de José Carlos Borges Mesquita, de 44 anos, natural de Chaves, mas com residência no Porto, na Rua de Santos Pousada, e escritório montado, também no Porto, na Rua de Pinho Leal, 304, onde recebia os seus clientes, na sua maioria industriais do sector têxtil, que a ele recorriam para a obtenção de empréstimos, pelos quais ficavam obrigados a pagar 20 por cento de juro ao mês.

O detido, também conhecido pela alcunha de «O Conde», deixou o banco onde trabalhava, em 1975, e, desde então, passou a dedicar-se ao «negócio de empréstimos», que terão atingido proporções de veras vultosas, a avaliar pelo número de pessoas (cerca de 70) lesadas que decidiram conjugar esforços para por em descoberto tal prática criminosa tanto mais, quanto é certo, que alguns deles já «pagaram», com penas de prisão o crime de emissão de cheque sem provisão a favor, precisamente, de Borges Mesquita.

Na África do Sul: Contrabando de Crustáceos envolve portugueses

Um português, empresário de pesca, foi preso pelas autoridades sul-africanas, na sequência de investigações a um grupo português de contrabando de crustáceos, divulgaram fontes oficiais.

O gerente da empresa de pesca, cuja identidade não foi revelada, seria detido após as autoridades portuguesas e da África do Sul terem procedido a investigações em Portugal, disse Gene Louw, administrador da província da cidade do Cabo.

A mesma fonte recusou fazer uma estimativa do valor dos crustáceos, considerando, porém, aquela detenção como «um grande avanço».

Ao mencionar o prosseguimento das investigações, a pedido das autoridades portuguesas, Louw salientou a «excelente cooperação internacional que se tem verificado neste e noutros casos».

Louw adiantou ainda a possibilidade de grandes companhias de pesca estarem a apanhar crustáceos ilegalmente.

Os crustáceos são uma das espécies protegidas na África do Sul, estando estabelecidas pelo governo quotas rígidas para as quantidades que podem ser capturadas, que, a serem desrespeitadas, fazem incorrer os infractores em penas graves.

Incêndio a bordo do «Vasco da Gama»

Um incêndio a bordo do paquete «Vasco da Gama» eclodiu hoje, cerca da 1h30 e foi dado

Exigia cheques pré-datados

Tanto quanto nos foi dado apurar até ao momento, «O Conde» obrigava os seus clientes a passarem-lhe cheques pré-datados, no montante do empréstimo concedido, mais os juros relativos ao primeiro mês. Se por qualquer razão falhasse o respectivo pagamento, Borges Mesquita — que se encarregava de todas as operações — não hesitava em «penalizar» os clientes com mais 20 por cento de juros, do mesmo modo que não se eximia de proceder judicialmente contra os clientes «devedores». Escusado será dizer que, servindo-se de tais expedientes, «O Conde» não só tinha o seu dinheiro sempre garantido, como obtinha largos proveitos de rendimento, que lhe possibilitavam uma vida recheada de conforto e... segurança. Com efeito, sabe-se que, para além de se passear em bons automóveis, «O Conde» servia-de de guarda-costas, mormente para dissuadir algum cliente mais «ousado» ou «renitente», contando-se, entre os indivíduos que lhe davam protecção um ex-guarda da PSP do Porto.

Quando foi detido na sua residência, Borges Mesquita tinha em seu poder alguns cheques pré-datados, passados em seu nome, os quais constituirão indícios seguros da actividade desenvolvida pelo ex-bancário que — será oportuno recordar — começou a suscitar uma atenção especial por parte das autoridades já desde há meia

por extinto uma hora mais tarde — informou uma fonte do Regimento de Sapadores Bombeiros.

Segundo a mesma fonte, o fogo verificou-se na zona das caldeiras do navio, que está acostado na Rocha de Conde de Óbidos. Logo que foi dado o alarme acorreram ao local cinco viaturas dos bombeiros e vinte sapadores, que debelaram o sinistro cerca das 2h30.

Desconhecem-se ainda os prejuízos causados pelas chamas.

Os sapadores bombeiros mantêm no local uma brigada de prevenção.

O «Vasco da Gama», que já foi o «Infante D. Henrique», encontra-se há alguns dias no Tejo e deveria partir esta semana num cruzeiro inaugural.

Obras no tribunal de Vila Real afectam trabalhadores judiciais

As obras de remodelação do tribunal judicial de Vila Real estão a provocar mal-estar aos funcionários, que já classificam a situação laboral de «insustentável».

Na sala de audiências foi improvisada a secretaria, tendo os funcionários sido desalojados dos seus locais de trabalho e transferido o mobiliário e todos os processos, «que se arrastam aos montes pelo chão».

A situação está a gerar grande confusão e inoperacionalidade no aparelho judicial local, segundo disse um funcionário do tribunal que pediu o anonimato.

A mesma fonte disse que a situação se está «a revelar insustentável» porque os funcionários «são obrigados a trabalhar misturados com os processos espa-

lhados pelo chão e com as secretárias abarrotadas de papéis».

«As obras só agora começaram, em empreitada que, parece, irá arrastar-se durante muito tempo», disse o funcionário.

«Mas a prestação de serviço dos funcionários judiciais complicou-se extremamente com a falta de visibilidade pela fraca potência das lâmpadas dos candelabros. A falta de aquecimento suficiente, também nos deixa enregelados», lamentou.

Os funcionários queixam-se da anormalidade da situação, assacando culpas ao Ministério da Justiça, porque — dizem — as obras deveriam ter sido feitas durante as férias judiciais.

No palácio da Justiça funciona uma repartição de notário, um registo civil, uma conservatória de registo predial, o tribunal da comarca com dois juízes, um tribunal de instrução criminal e o tribunal de trabalho, repartições que o próprio edifício comporta com total insuficiência de espaços.

«Os gabinetes dos magistrados parecem autênticas celas, dada a sua exiguidade, e não existem salas para diligências processuais nem para advogados», queixam-se os funcionários da justiça.

O público não dispõe de privacidade para os seus depoimentos, tendo já sido decidido que algumas das repartições deixem o edifício do tribunal com urgência, mas a decisão nunca foi concretizada, acrescentam.

Prédio no Porto ardeu parcialmente

Um incêndio de grandes proporções destruiu ontem parte de um prédio na Rua de Barão Forrester, 744, Porto, disse uma fonte do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

dúzia de anos.

Já tinha problemas com a Polícia

De acordo com as informações obtidas, podemos garantir que «o Conde» já em 1982 teve problemas com a Polícia, por causa de uma burla e de traficar capitais, crimes pelos quais nunca foi julgado, não obstante encontrar-se caucionado em 500 contos. Desde então que o referido indivíduo tem acumulado acções delituosas, não só em Portugal como em Espanha, onde, ao que se diz, «não pode entrar».

Por outro lado, vem a propósito referir que há cerca de cinco meses, mais precisamente em Julho, «o Conde» viu uma brigada da Polícia Judiciária irromper no seu escritório, para a realização de uma busca que se revelou extremamente proveitosa, visto que ali foram encontrados cheques cujo valor global ascendia a mais de 500 mil contos, sendo certo, porém, que os investigadores desde logo ter-se-ão apercebido de que estavam em presença de um «negócio» bem mais vultoso.

Aliás, como consequência imediata e directa da intervenção policial, logo se constituiu um grupo de lesados — muitos deles antigos clientes do Banco Pinto de Magalhães — que decidiram apresentar queixa contra Borges Mesquita que, esta tarde, deverá ver confirmada a sua detenção pelo magistrado dos juízes de Instrução Criminal, a quem irá prestar declarações à hora de encerrarmos esta edição.

O sinistro durou cerca de três horas e foi combatido pelas três corporações de bombeiros da cidade, Sapadores e Voluntários Portugueses e do Porto, que utilizaram várias agulhetas, de alta e de baixa pressão, acrescentou a mesma fonte.

O prédio, que não possuía seguro contra incêndios, é ocupado por Natércia Fontes no rés-do-chão e no primeiro andar, tendo o fogo causado avultados danos, segundo os bombeiros.

Corgo, Tua, Sabor e Tâmega: União de Defesa

das Linhas contra encerramento

A «União de Defesa das Linhas Férreas de Portugal» é, por ora, uma intenção nos planos de acção da Comissão para a Defesa das Linhas do Corgo, Tua, Sabor e Tâmega. Poderá vir a ser criada a curto prazo, caso a estratégia da CP, em encerrar de vez em quando uma linha, continue. A «União» appareceria, numa primeira fase, para defender as linhas ameaçadas de fecho.

A proposta de constituição da União de Defesa das Linhas Férreas de Portugal foi revelada no último fim de semana e insiste na necessidade de se defenderem «com unhas e dentes» todas as linhas férreas ameaçadas, propondo, por outro lado, que a Associação Portuguesa dos Amigos dos Caminhos de Ferro para liderar o processo reivindicativo junto do Governo.



TÚNEL DO CHIADO ABRE ESTA TARDE

O túnel do Chiado deverá abrir ao princípio da noite ao público, permitindo um melhor acesso às lojas da zona e mais fácil ligação entre todas as artérias afectadas pelo incêndio de 25 de Agosto, particularmente as ruas do Carmo, Garrett e Nova do Almada. A obra foi esta manhã visitada pelo arquitecto Siza Vieira, que coordena a recuperação do Chiado, na companhia, entre outros, do vereador substituto do presidente, Pedro Feist, dada a impossibilidade de Nuno Krus Abecasis estar presente.

Interdita a um público sequioso de verificar «in loco» a extensão dos prejuízos e contactar, em muitos casos, com empregados e donos de casas que se acostumaram a visitar, a parte do Chiado que ainda não recuperou das cinzas promete «vestir» outras roupagens a partir das 19 horas de hoje, quando o túnel for aberto.

O túnel, ou viaduto, como lhe queiram chamar, sai do elevador de

Santa Justa, atravessa a Rua do Carmo, acabando na Rua Garrett. As escadilhas da Rua de S. Francisco são uma das vias alternativas para quem se dirige à Rua Nova do Almada. Outra, pela parte baixa, é a Rua do Crucifixo, claro.

Ainda não foram feitas, em definitivo, as contas, mas tudo aponta para um custo de 60 mil contos nesta obra que, por alguns dias - nesta quadra natalícia -, dará outra animação à zona comercial de Lisboa por excelência.

O viaduto é inclinado, sensivelmente a meio da Rua do Carmo, por indução do próprio arquitecto Siza Vieira, que assim exhibe aos lisboetas a sua primeira obra no «novo» Chiado. Permite assim que se poupem alguns degraus nas escadas de acesso. Há pontos em que a sua altura é de cefca de quatro metros, não estorvando, portanto, nem as máquinas nem as obras em curso.

CEE assim o obriga

"Temos que rejuvenescer o sector pesqueiro"

— disse Carlos Pimenta em Sesimbra

Carlos Pimenta defendeu sabido am Sesimbra a necessidade das pescas portuguesas actualizarem as suas artes com vista a um melhor aproveitamento global do sector. O ex-secretário de Estado das Pescas (na sua primeira participação no Governo) e do Ambiente e Recursos Naturais, antes de ser eleito para o Parlamento Europeu, frisou a urgência que se coloca no rejuvenescimento do sector. «Há que rejuvenescer as pescas portuguesas», acentuou o eurodeputado.

O deputado ao Parlamento Europeu considerou, no encerramento de um seminário que decorreu no Clube Sesimbrense, organizado pelo Instituto Progresso Social e Democracia «Francisco Sá Carneiro» (I-PSD), que para Portugal ganhar a «batalha das pescas», a partir de 1992, «é urgente que as estruturas e organizações de produtores tenham cada vez mais um carácter empresarial».

Carlos Pimenta equacionou a questão nestes termos: «Há que transformar o produto e colocá-lo no mercado nacional e internacional». Segundo ele, «a lógica de pescar e vender acabou,

pois os produtores têm que colocar o peixe no mercado e saber escolher calibrar, além de necessitarem de redes de frio», acrescentou Pimenta.

Um outro aspecto que prendeu o seu interesse e o das duas centenas de pessoas, nomeadamente produtores de todo o País que assistiram ao seminário do Clube Sesimbrense, é de sinal vincadamente europeu e em particular da CEE: formação profissional. Sobre esta, Pimenta sublinhou que «deu um salto importante em Portugal, mas não chega, apesar de em 1985 haver oitenta alunos nas escolas de formação profissional do sector das pescas e, já este ano, dois mil e quinhentos».

O deputado social-democrata ao Parlamento Europeu salientou ainda que «em 1985 se investiu um milhão de contos no sector das pescas e em 1988 muito mais, cerca de oito milhões». Mas, observou: «Há que investir mais, mas sem esquecer que o importante, neste domínio, é seleccionar o investimento, não fazendo construções de barcos de qualquer maneira».

Carlos Pimenta advertiu ain-

da que a partir de 1992 «há que saber pescar», isto é, que a pesca tem de ser dirigida «a determinadas espécies de que o mercado necessita e não indiscriminadamente. Por isso -avançou-, os investimentos terão que ter em conta o tipo de embarcações necessárias à captura das diferentes espécies».

O eurodeputado sublinhou ainda que a «Operação Integrada de Desenvolvimento da Península de Setúbal vai apoiar a criação de infraestruturas para indústrias alimentares derivadas do peixe».

Cooperação com Marrocos

O director-geral e o subdirector-geral das pescas portuguesas, Eurico de Brito e Eurico Monteiro, respectivamente, iniciaram esta manhã conversações com responsáveis marroquinos da pesca e da marinha mercante.

Eurico de Brito e Eurico Monteiro chegaram ontem a Casablanca, viajando de imediato para Rabat, onde as conversações continuarão até amanhã, devendo o director e o

subdirector-geral das pescas portuguesas regressarem quarta-feira a Lisboa.

No essencial, a deslocação de ambos a Marrocos tem como objectivo fazer o balanço e programar acções de cooperação na área das pescas entre Portugal e os responsáveis pelo sector daquele País do Norte de África, em função da situação criada com (e após) a assinatura do acordo entre Marrocos e a CEE.

Segundo um responsável do gabinete do ministro marroquino da Marinha Mercante e Pescas, referido pela Lusa, «há um vasto campo de cooperação a realizar no quadro relações bilaterais».

Note-se que, em resultado do acordo CEE-Marrocos, está vedada a constituição de novas sociedades mistas de pesca, devendo as existentes (cerca de duas dezenas) serem extintas depois de 1992.

Todavia, Marrocos tem oferecido a Portugal várias hipóteses de projectos de cooperação na área da marinha mercante, unidades fabris de pescado, rede de frio e rede portuária, que carecem de ser coordenados.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PONTE DE LIMA ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE UM EQUIPAMENTO DE APOIO À TERCEIRA IDADE LAR DE IDOSOS E CENTRO DE DIA

- 1 - Concurso aberto pela Santa Casa da Misericórdia com sede na Casa da Fonte do Pinheiro, 4990 Ponte de Lima.
- 2 - Concurso público, nos termos do Artigo 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
- 3 -
 - a) Local de execução: Vila Moraes, s/n.º, 4990 Ponte de Lima.
 - b) Designação da empreitada, natureza e extensão dos trabalhos: empreitada de construção de um equipamento de apoio à Terceira Idade «Lar de Idosos e Centro de Dia». A empreitada compreende os trabalhos de construção civil, fundações e estrutura, redes de água e esgotos, instalações e equipamentos eléctricos e arranjos exteriores. O preço-base de concurso é de 136 154 000\$00 (cento e trinta e seis milhões e cento e cinquenta e quatro mil escudos) com exclusão do IVA.
- 4 - O prazo de execução é de 365 (trezentos e sessenta e cinco) dias a contar da adjudicação.
- 5 -
 - a) O processo do concurso para execução da empreitada encontra-se patente na sede administrativa da Instituição, sita na Casa da Fonte do Pinheiro, Rua General Norton de Matos, 4990 Ponte de Lima, onde pode ser examinado nos dias úteis durante as horas normais de funcionamento dos Serviços e aos sábados, desde a data de publicação do aviso de abertura até ao dia e hora do acto público.
 - b) Os interessados poderão solicitar durante o prazo para apresentação da respectiva proposta cópias das peças escritas e desenhadas e documentos complementares do processo do concurso, devendo o pedido ser apresentado, por escrito.
 - c) O custo das cópias das peças escritas e desenhadas do processo de concurso será indicado aquando da respectiva encomenda pelo telefone 94 11 40.
- 6 -
 - a) As propostas serão entregues até às 17 horas e 30 minutos do dia 28 de Dezembro de 1988.
 - b) As propostas serão entregues pelos concorrentes ou seus representantes contra recibo até à data e hora referida na alínea anterior.
 - c) As propostas serão redigidas em língua portuguesa.
- 7 -
 - a) Só serão autorizados a intervir no acto público do concurso os representantes dos concorrentes, devidamente credenciados por estes, bastando, no entanto, no caso de intervenção do titular da empresa em nome individual, a exibição do seu bilhete de identidade.
 - b) O acto do concurso é público, terá lugar na sala de sessões da Instituição e realizar-se-á pelas 18 horas, do primeiro dia útil, após ter expirado o prazo de apresentação da proposta.
- 8 - As cações e garantias exigidas serão: o concorrente a quem for adjudicada a empreitada deverá prestar uma caução de valor correspondente a 5 % do total da adjudicação.
- 9 - A empreitada será por preço global.
- 10 - Poderão concorrer empresas ou grupos de empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade de responsabilidade solidária ou em agrupamento complementar de empresas, tendo em vista a celebração do contrato.
- 11 -
 - 11.1 - Só serão admitidos concorrentes titulares de alvarás de empreiteiros de obras públicas nas seguintes categorias e subcategorias e da classe correspondente ao valor da(s) sua(s) proposta(s):
 - DA I CATEGORIA
 - 2.ª Subcategoria (edifícios)
 - 4.ª Subcategoria (estruturas de betão armado ou pré-esforçado)
 - DA IV CATEGORIA
 - 3.ª Subcategoria (ventilação, aquecimento e condicionamento de ar)
 - 5.ª Subcategoria (redes de baixa tensão)
 - 9.ª Subcategoria (instalações de iluminação, sinalização e segurança)
 - 11.2 - Os concorrentes deverão apresentar:
 - a) Proposta nos termos do modelo anexo ao Programa do Concurso;
 - b) Demais documentos do número seguinte e outros indicados no Programa de Concurso.
 - 11.3 - Os concorrentes deverão apresentar documentos de âmbito profissional, económico, financeiro e técnico que permitam apreciar a sua aptidão para a sua boa execução, nomeadamente:
 - a) Apresentação, relativamente aos três anos mais recentes, do balanço e das contas de exploração e de ganhos e perdas;
 - b) Referências bancárias e comerciais;
 - c) Declaração respeitante ao volume de empreitadas nos últimos três anos;
 - d) Declaração relativa aos efectivos médios anuais da empresa nos últimos três anos, aos técnicos ou serviços técnicos a que recorre, integrados ou não na empresa, bem como de indicação dos técnicos directores;
 - e) Declaração que descreva o equipamento de que a empresa dispõe, com indicação das suas características, quantidades e ano de aquisição.
- 12 - O critério no qual se baseará a adjudicação da empreitada será o da proposta mais vantajosa implicando a ponderação dos seguintes factores por ordem decrescente:
 - Situação económico-financeira da empresa;
 - Garantia de boa execução;
 - Preço;
 - Prazo de execução da empreitada.
- 13 - A Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima reserva-se o direito de não fazer a adjudicação se as condições das propostas não lhe convierem, ou se o seu valor for incompatível com as verbas orçamentais disponíveis.
- 14 - O anúncio referente a este concurso foi enviado em 2 de Dezembro de 1988 ao Serviço de publicações do «Diário da República» e aos 3 jornais diários do Porto, 3 de Lisboa, 2 de Braga, respectivamente, «Comércio do Porto», «Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias», «Diário de Notícias», «O Seculo»/«A Capital», «Diário de Lisboa», «Correio do Minho», «Diário do Minho» e ainda nos jornais da localidade, «Semanário Cardeal Saraiva» e quinzenário «O Povo do Lima».

Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2 de Dezembro de 1988

O Provedor,
João Pereira Norberto

Igual à que se pratica em todo o mundo

Arquitectura paisagista está bem, muito obrigado!

A arquitectura paisagística portuguesa está bem, muito obrigado: eis a conclusão que se pode extrair do 3.º Encontro Nacional da APAP (Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas), que se reuniu em Évora no passado fim-de-semana. Ela — a arquitectura portuguesa — está a par da que se pratica em todo o mundo, conforme disse o presidente APSP, professor Caldeira Cabral.

«A arquitectura paisagista em Portugal está bastante bem e a par do que se faz em todo o mundo», acrescentou o decano da classe no final do encontro deste sector profissional.

De acordo com aquele dirigente, «cada vez se sente um maior interesse e uma maior precisão nas discussões, tendo sido dado um passo em frente no sentido da afirmação e da consciência da profissão».

Depois de recordar que a arquitectura paisagística em Portugal é mais recente em relação ao Norte da Europa, Caldeira Cabral frisou que ela, no entanto, «está avançada cerca de 40 anos em relação ao espaço mediterrânico».

«Portugal foi o primeiro país que teve um curso universitário de arquitectura paisagística, curso que não existe ainda nem em Espanha nem em Itália» — disse aquele arquitecto.

Falando sobre projectos de espaços verdes públicos, um dos temas discutidos no encontro, Caldeira Cabral considera que é «mais barato um espaço verde abundante do que um espaço verde diminuto».

«Quando o espaço verde é diminuto, não há dinheiro que chegue para a sua conservação que, por sinal, nunca é eficaz» — afirmou aquele profissional, que recordou que «a eficácia naqueles espaços só é conseguida se os mesmos forem bem dimensionados».

No encontro de Évora, que contou com a presença de cerca de 150 arquitectos e estudantes daquela disciplina, foram abordados temas relacionados com a contribuição para a definição de termos e conceitos essenciais da arquitectura paisagística, com a estrutura de protecção e valorização da paisagem e espaços verdes públicos.

Saúde: um sector a humanizar

A necessidade de humanizar as estruturas e pessoas ligadas à saúde, um sector onde «o privilégio foi concedido à técnica, investigação científica e concorrência profissional», vectores que «fazem desviar a atenção do homem doente», é uma das conclusões do terceiro encontro dos agentes da Pastoral da Saúde, que sexta-feira terminou em Fátima.

«Cada profissional de saúde deve ser, através do seu testemunho de vida e trabalho, instrumento da relação humana nas suas comunidades», con-

cluíram os participantes, todos eles ligados à saúde: médicos, enfermeiros, administradores hospitalares, auxiliares de acção médica, técnicos e capelães de vários pontos do país.

A criação de cursos de humanização nos centros de saúde que proporcionem «uma maior sensibilização para a nova mentalidade de respeito prioritário pela pessoa doente» foi sugerida pelos participantes no encontro subordinado ao tema «As relações humanas nos serviços de saúde perante a desumanização da sociedade contemporânea».

SIDA em S. Tomé

A existência, em S. Tomé e Príncipe, de vários casos de sida foi confirmada por Lázaro Baptista, director da medicina preventiva e coordenador nacional da luta contra a sida naquele país africano, em declarações à rádio nacional de S. Tomé a propósito do Dia Mundial da Sida.

Lázaro Baptista disse que o ministério da Saúde do seu país está a fazer todos os esforços para conhecer o problema, cujos contornos não estão ainda bem definidos, e que se torna necessário convencer as pessoas do perigo real que a doença representa em S. Tomé e Príncipe.

O coordenador da luta contra a sida disse que o laboratório

para testes da sida existente no país e que foi oferecido pela Suécia não é cabalmente aproveitado.

«Neste momento, procura-mos essencialmente submeter a análise todas as unidades de sangue destinadas a transfusão» e observar «um rigoroso cuidado no que respeita a agulhas e outros instrumentos de perfuração», sublinhou.

Lázaro Baptista referiu os riscos de contaminação sexual como os mais difíceis de prevenir, afirmando que «a educação nesse domínio briga com séculos de hábitos e comportamentos», mas que as autoridades são tomenses esperar «conseguir modificar as coisas».

SIDA: PERSPECTIVAS SÃO OPTIMISTAS

— segundo o especialista José Champallimaud

«O desequilíbrio biológico criado pela sida será restabelecido naturalmente nos próximos anos», afirmou José Champallimaud, médico responsável pelo serviço de doenças infecto-contagiosas do Hospital Egas Moniz, numa mesa-redonda subordinada ao tema «Alguns aspectos epidemiológicos do HIV», na qual participaram centena e meia de médicos dos concelhos de Sintra, Mafra e Torres Vedras.

«Novos vírus, bactérias e tipos de infecções sempre surgiram, mas a humanidade nunca desapareceu», disse o especialista que considerou que «o nosso organismo é capaz de enfrentar muitos mais vírus do que aqueles que um computador qualquer pode estudar».

Jose Champallimaud mostrou-se confiante no aparecimento de «uma nova penicilina» para a sida porque a aposta feita actualmente na investigação da doença «é demasiado grande para falhar».

Na opinião do especialista, é preciso abandonarmos rapidamente a definição de «grupos de risco» quando se fala da sida, «quanto mais não seja por motivos pedagógicos».

«Hoje em dia, não só já não faz sentido falar em grupos de

risco (pois a sida ameaça todos, sem discriminação), como se torna cada vez mais urgente explicar à população que o síndrome não é apenas um problema dos doçados, homossexuais e hemofílicos», sublinhou.

A sida não chegou a Macau

O receio da sida levou as autoridades sanitárias de Macau a lançar uma campanha de esclarecimento sobre a doença, isto porque aquele território é considerado «vulnerável» à sua propagação, pelo facto de ser uma zona de passagem de centenas de milhares de pessoas.

Apesar das características do território, até agora não foram assinalados indivíduos contaminados entre a população local, facto que resulta de possíveis dificuldades na despistagem da doença, tendo em conta a elevada morbilidade da população e o grande número de entradas e saídas do território, disse um responsável dos serviços de saúde.

Em Macau vive mais de meio milhão de pessoas e, no ano passado, transitaram pelo território 30 milhões, oriundas

da República Popular da China e de Hong Kong.

A partir de meados de Janeiro, será distribuído ao domicílio um panfleto com as características da sida, formas de contágio e meios de protecção a observar. Os três centros de saúde existentes no território vão prestar esclarecimentos à população, estando ainda previstas acções nas escolas para divulgação dos perigos da doença.

Desde Junho de 1986 que as autoridades clínicas, para detectarem anti-corpos HIV, analisam todo o sangue e seus derivados utilizados nos serviços de saúde oficiais, tendo encontrado apenas um caso seropositivo — de um turista europeu — entre as 5.144 amostras examinadas, disseram as autoridades de saúde.

Testes a grupos de risco

Os testes de despistagem, acompanhados da distribuição de folhetos em português, chinês e tailandês, incidiram também nos grupos de alto risco — homossexuais, toxicómanos e prostitutas — sendo a campanha efectuada desde há dois anos em salões de massagens, estabelecimentos prisionais e no

centro de recuperação de toxicómanos.

Não há quaisquer dados sobre a incidência de toxicómanias entre a população local e é igualmente desconhecido o número de homossexuais e de pessoas que praticam a prostituição. A única informação concreta diz respeito ao número de tailandeses e filipinos recenseados. São 1200, mulheres na esmagadora maioria, e grande número deles dedica-se à prostituição.

O recenseamento de doenças sexualmente transmissíveis em Macau aponta para números excepcionalmente baixos e apenas a hepatite B atinge índices elevados, estimando-se que 10 por cento da população seja portadora do vírus, um padrão considerado normal para o sul da China.

Em Hong Kong foram registados até ao momento 13 casos de sida que redundaram em 11 mortes. Na China, apenas três pessoas morreram vítimas da sida, tendo ainda sido detectados 21 seropositivos, 11 dos quais eram estrangeiros.

Os únicos países em toda a Ásia que até agora não registaram quaisquer casos de sida são as Ilhas Maldivas, o Nepal, o Butão e o Bangla Desh.

Cegueira ameaça milhares de diabéticos

Mais de 20 mil doente portugueses afectados por diabetes têm lesões graves nos olhos e podem cegar se não receberem rapidamente tratamento adequado, alertou o presidente da Associação Portuguesa de Oftalmologia, Eurico Lisboa, no 31.º congresso daquela associação que terminou domingo em Vilamoura.

Este problema «é o que mais preocupa os especialistas portugueses» pois «existem muitas dificuldades para os doentes diabéticos se tratarem convenientemente, não só pela falta de meios existente no país, mas também porque os tratamentos naquela área são dolorosos e exigem muita paciência», considerou Eurico Lisboa, no encon-

tro que cerca de 400 oftalmologistas de todo o país.

O presidente da Associação Portuguesa de Oftalmologia, afirmou recear que uma percentagem muito elevada dos 20 mil diabéticos com graves lesões oftalmológicas venha a cegar.

A falta de equipamentos e a

má distribuição dos especialistas foram considerados pelo especialista como estando na raiz dos problemas com que se defronta a oftalmologia. Na opinião dele, «existe um amontoado de médicos nos hospitais centrais que poderiam ocupar lugares em hospitais distritais e criar uma maior cobertura do país».

Pílula anticoncepcional usada por mais de meio milhão de portuguesas

A pílula anti-concepcional é usada por 540 mil mulheres em Portugal, sendo o método contraceptivo mais utilizado, afirmam estatísticas divulgadas ontem na conferência de imprensa que anunciou a realização, esta semana, das Jornadas Internacionais sobre Prevenção em Saúde Materna.

O secretário-geral do encontro, Vitor Gomes, assistente hospitalar de obstetrícia e ginecologia do Hospital Egas Moniz, considerou a pílula o método mais indicado para evitar a gravidez na jovem adolescente, sublinhando que «não há idade limite para tomar a pílula, desde que esta seja de baixa dosa-

gem», ou seja, desde que tenha uma dose de estrogénio inferior às chamadas pílulas da primeira geração.

O especialista afirmou que estudos feitos na Suécia em adolescentes que começaram a usar a pílula anti-concepcional mesmo antes da primeira menstruação demonstraram a ausência de repercussões negativas do medicamento no crescimento das jovens.

A necessidade das mulheres se prepararem para a gravidez fazendo exames médicos preventivos foi sublinhada pelo ginecologista segundo o qual os índices de saúde materno-infantil em Portugal estão a melhorar.

Assim, o número de partos não assistidos é, em Portugal, inferior a três por cento, facto que se repercute no índice da mortalidade infantil, ou seja, durante o primeiro ano de vida, que hoje em dia é de 14,24 por cada mil crianças.

O médico sublinhou ainda a importância da prevenção em doenças como o cancro da mama, responsável pelo maior número de mortes de mulheres em todo o mundo e cuja taxa de incidência em Portugal — embora menor que nalguns países europeus — o torna num problema sanitário importante.

Outros temas serão abordados nas Jornadas Internacionais

sobre Prevenção em Saúde Materna, nomeadamente a sida, que será objecto dum comunicação a cargo de José Luís Champallimaud, um dos médicos que, com a bióloga Odete Ferreira, isolou um dos vírus da doença.

Este especialista fará uma análise retrospectiva dos acontecimentos relacionados com a infecção pelo vírus em Portugal, onde se calcula serem 200 os doentes com sida.

As Jornadas Internacionais sobre Prevenção em Saúde Materna começam amanhã, estando prevista a participação de especialistas de vários países da Europa, nomeadamente da Grã-Bretanha, Espanha e Holanda.

Setúbal: promessas são muitas mas desemprego continua

— denuncia União de Sindicatos

Após mais de dois anos de promessas, o problema do desemprego no distrito de Setúbal não melhorou, refere um estudo divulgado pela União de Sindicatos do distrito.

Segundo a União de Sindicatos de Setúbal (USS), estrutura da CGTP, «novos empregos não há, a precariedade alastra, o poder de compra dos trabalhadores continua em queda, pelo que é urgente a alteração da situação socio-económica do distrito».

De acordo com o estudo da USS, «os investimentos registaram uma quebra de 70,6 por cento a preços constantes de 1981, o que torna mais claras as responsabilidades governamentais na degradação da situação do distrito, tendo em conta o peso do sector empresarial do Estado na indústria transformadora do distrito».

«De 1981 a 1985 o distrito de Setúbal apresentou a maior taxa de crescimento da produtividade global na indústria transformadora do continente e a maior taxa de agravamento da exploração de mão-de-obra», refere o estudo, que acrescenta que «o índice de produtividade aumentou 39,5 por cento, enquanto o peso das remunerações no valor acrescentado bruto desceu de 72,8 pra 59,5 por

cento».

No estudo, divulgado pela Comissão Executiva da União de Sindicatos de Setúbal, salienta-se que «de Dezembro de 1985 a Junho de 1988 a perda líquida de postos de trabalho no sector empresarial do Estado foi de 12 por cento correspondendo à eliminação de 1.842 empregos».

«No sector privado (numa amostra de 94 empresas) a perda líquida de postos de trabalho atingiu os 23,8 por cento, correspondendo à eliminação de 2.051 empregos», refere o estudo.

Para a estrutura da CGTP, «no sector químico, de Dezembro de 1985 a Dezembro de 1987, foram liquidados 1.987 postos de trabalho, com especial incidência na 'Quimigal', que perdeu neste período 787 empregos».

Na conclusão do estudo, a União de Sindicatos de Setúbal «exige do Governo não mais promessas, mas a implementação de uma política de desenvolvimento para a recuperação industrial do distrito».

«É urgente a implementação da operação integrada de desenvolvimento, com a participação efectiva dos agentes económicos e sociais da região», salienta a USS.

Empresa metalúrgica em tribunal por dívidas agora em vias de recuperação

A Auto Mecânica da Beira, importante unidade metalúrgica de Castelo Branco que tem dívidas acumuladas de 200 mil contos e prejuízos acumulados de 170 mil contos, está em vias de recuperação, soube a agência Lusa junto do administrador judicial.

A recuperação poderá surgir com a gestão controlada que a direcção da empresa propôs ao Tribunal. A situação da unidade fabril é considerada grave, pelos muitos processos movidos pelos credores e pelo facto de não se vislumbrar qualquer possibilidade de solução produtiva na empresa.

O Tribunal aceitou a proposta de gestão controlada, pelo que foi nomeada uma comissão de credores, que sugeriu a nomeação do economista Lopes Marcelo para administrador judicial com o objectivo de efectuar o estudo de viabilidade económico-financeira.

De acordo com Lopes Marcelo, em declarações à Lusa, no seu relatório propõe a venda da maior parte do património, sendo o respectivo produto destinado ao pagamento parcial dos credores, incluindo ex e actuais empregados, e visando a reinstalação da empresa na zona industrial, em Castelo Branco.

Assim, a área onde tem estado instalada a unidade produtiva, bem como alguns equipamentos, vão ser vendidos, esperando-se que os montantes a apurar sejam suficientes para pagar aos credores nos moldes acordados e que permitam igualmente a reinstalação da empresa, disse Lopes Marcelo.

O administrador judicial declarou ainda que se espera que durante o próximo ano, no âmbito da gestão controlada, se possa proceder à venda dos bens que for possível desafectar à continuação da actividade da renovada unidade fabril.

A Auto Mecânica da Beira iniciou a sua actividade em Dezembro de 1926 como empresa de reparação de automóveis e, em 1945, por ocasião da Segunda Guerra Mundial e devido à dificuldade de importação de equipamentos, especialmente para a indústria têxtil, fabricou teares mecânicos que tiveram grande procura.

A introdução de teares semi-automáticos, a concorrência de outras empresas que então apareceram e as perturbações surgidas com o 25 de Abril - altura em que muitos projectos ficaram suspensos -, criaram as dificuldades actuais da empresa.

BANCÁRIOS NÃO VÃO ENTRAR EM GREVE

— garante presidente do Sindicato do Sul e Ilhas

«Não está prevista nenhuma greve dos bancários, e nem sequer se estuda essa hipótese», afirmou esta manhã ao «DL» o presidente do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, Barbosa de Oliveira, desmentindo assim notícias vindas a público este fim-de-semana.

Segundo aquele sindicalista, o que está a ser ultimado é uma proposta conjunta das direcções dos três sindicatos do sector (Norte, Centro e Sul e Ilhas) a apresentar à Associação Portuguesa de Bancos reivindicando

um aumento salarial intercalar de 4 por cento.

As três direcções sindicais reúnem-se em Coimbra na próxima sexta-feira para finalizar o documento reivindicativo, que será também entregue na Secretaria de Estado do Orçamento e no Ministério do Emprego e Segurança Social.

O objectivo da reivindicação, segundo Barbosa de Oliveira, é «repor o poder de compra dos trabalhadores bancários, uma vez que a inflação atingiu níveis que ultrapassam

os indicadores previstos no acordo estabelecido no âmbito do Conselho Permanente de Concertação Social e que serviram de referência na revisão salarial do sector».

CP: greve não é para já

Também na CP não está prevista qualquer greve para já, garantiu ao «DL» um sindicalista da empresa.

Segundo a mesma fonte, os sindicatos entregaram no passado dia 30 a sua proposta de re-

visão salarial aguardando, até ao final do mês, a contraproposta do Conselho de Gerência.

«Vive-se neste momento um clima de acalmia, uma vez que estamos à espera da resposta da gerência da CP e, como é mês de Natal, nunca há grande evolução», disse o sindicalista, acrescentando:

«No entanto, em Janeiro é possível que a situação se altere, sobretudo se se verificar aquilo que se ouve dizer: uma contraproposta de aumento salarial na base dos 5 por cento».

MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

MAIS JUSTIÇA SOCIAL

AUMENTO DE PENSÕES

A PARTIR DE 1 DE DEZEMBRO

O Governo, tendo como objectivo a efectiva melhoria das condições de vida e dos níveis de protecção social da população beneficiária, e dando **prioridade aos mais desprotegidos**, decidiu aumentar os quantitativos das pensões de invalidez, velhice e sobrevivência, beneficiando mais de **dois milhões de portugueses** que, deste modo, **vêm aumentado o seu poder de compra**.



Procurando uma inequívoca justiça social, esta medida fez crescer as pensões de valor mais baixo, ascendendo a 12,3% os aumentos das pensões mínimas de invalidez e velhice do regime geral, sendo de 11,5% o aumento das pensões do regime especial dos trabalhadores agrícolas.

As pensões nos regimes não contributivos e equiparados registam um crescimento de 12,8%.

REGIMES DE SEGURANÇA SOCIAL E TIPOS DE PENSÕES	VALORES ANTERIORES				NOVOS VALORES	
	DEZEMBRO 1984	DEZEMBRO 1985	DEZEMBRO 1986	DEZEMBRO 1987	DEZEMBRO 1988	CRESCIMENTO
1. REGIME GERAL • INVALIDEZ E VELHICE						
- Pensões Mínimas	5 500\$00	6 900\$00	11 500\$00	13 000\$00	14 600\$00	12,3%
- Pensões Acima das Mínimas (Exemplo)	10 000\$00 20 000\$00 30 000\$00	12 200\$00 24 400\$00 36 600\$00	13 790\$00 25 570\$00 41 360\$00	15 170\$00 30 330\$00 45 490\$00	16 690\$00 33 360\$00 50 040\$00	10%
2. REGIME ESPECIAL DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS • INVALIDEZ E VELHICE	4 700\$00	5 900\$00	8 500\$00	9 600\$00	10 700\$00	11,5%
3. REGIMES NÃO CONTRIBUTIVOS E EQUIPARADOS • INVALIDEZ E VELHICE	4 500\$00	5 700\$00	7 500\$00	8 600\$00	9 700\$00	12,8%

O Governo decidiu igualmente actualizar os quantitativos de:

	DEZEMBRO/86	DEZEMBRO/87	DEZEMBRO/88	TAXA DE CRESCIMENTO
• SUPLEMENTO DE GRANDE INVALIDEZ				
1. Invalidez e Velhice do Regime Geral	4 270\$00	4 830\$00	5 420\$00	12,2%
Regime Especial Agrícola e Pensão Social	3 660\$00	4 140\$00	4 650\$00	12,3%
2. Sobrevivência (todos os regimes)	2 560\$00	2 900\$00	3 260\$00	12,4%
• Complemento de Cónjuge a cargo	1 900\$00	2 150\$00	2 420\$00	12,6%

- Estes valores de pensões entrarão em vigor em 1 de Dezembro.
- O Subsídio de Natal, devidamente actualizado, será pago em simultâneo com a pensão de Dezembro.

EM VIGOR A PARTIR DE 1 DE DEZEMBRO



POR FAVOR, POUPEM AO MENOS AS CRIANÇAS CABOVERDIANAS

Acabo de tomar conhecimento, através do «Diário de Lisboa» de 11 de Novembro de um artigo intitulado «Dois irmãos cabo-verdianos de 10 e 12 anos transformados em 'Inimigo Público' em Oeiras».

Desta vez não foi notícia de primeira página, mas o referido jornal diário, honrou o acontecimento com três quartos da página e com um título graficamente bem evidenciado.

Sendo leitor assíduo do «Diário de Lisboa», é com imensa tristeza (a palavra revolta já tem o sabor de cansaço...), que verifico que a Comunicação Social em Portugal, de uma maneira geral, continua a empolar casos do dia-a-dia e a privilegiar um certo tratamento das questões relacionadas com os cabo-verdianos. Relatam-se ocorrências, fica-se pela ponta do iceberg. Os mecanismos que geram essa realidade parecem não serem preocupação dos jornalistas...

Estamos já habituados à «série de episódios» onde vestem aos cidadãos cabo-verdianos a pele de vários personagens: faquistas, marginais, desordeiros, etc., etc...

Os títulos dos jornais são elucidativos:

«Eles matam e matam-se uns aos outros», é o Telejornal que, na hora nobre de grande audiência, abre com um caso de tráfico de droga.

Pergunto se agora vamos ter outra «série» em que os protagonistas são as crianças cabo-verdianas — por favor, poupem, ao menos, as crianças!

Conhecendo um pouco da imigração cabo-verdiana em Portugal, notícias como estas deixam-me sempre preocupado. Não é minha intenção comentar o conteúdo do artigo do «DL» para o que não disponho de dados que avancem à questão, mas apenas tecer algumas considerações sobre as «preferências» da Imprensa portuguesa, quase sempre pondo a tónica no sensacional.

Não se pense que defendo a agressividade e o vandalismo «liderado» pelas crianças cabo-verdianas da escola a que se refere a notícia: cada caso terá de ser canalizado e encaminhado conforme a natureza do mesmo.

O artigo em questão começa bem.

Passo a citar:

«Embora, ao que se conseguiu apurar, eles não ajam sozinho, talvez porque o mais novo, com apenas 10 anos, tenha fama de ser o 'chefe' do grupo, ou por inconfessáveis influências de racismos ancestrais ou ainda por sofrerem, eles e a família, o desenraizamento, a verdade é que surgem como 'os maus da fita'».

Logo a seguir num conjunto de catorze parágrafos, privilegiou-se uma vez mais o relato de acontecimentos. E fica-se por aí.

Mas falemos um pouco de cabo-verdianos. Segundo o

IED (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento) a comunidade cabo-verdiana em Portugal ronda os 50 000. Há quem fale até em mais. Deste universo fazem parte os naturais e nacionais de Cabo Verde e ainda os filhos de uns e outros. Todos estas «comunidades» têm como elementos comuns fortes laços culturais que caracterizam a nação cabo-verdiana espalhada pelas sete partidas do mundo.

Embora seja muito antiga a presença dos cabo-verdianos em Portugal, foi nos finais da década de 60, mais propriamente no período compreendido entre 1968 e 1973, que atingiu o clímax da imigração de Cabo Verde para Portugal. Esta imigração teve o papel de «tapa-buracos» dada a crise de mão-de-obra, com a saída de portugueses para a França e a Alemanha, e ainda como consequência da ocupação dos jovens nas três frentes de guerra colonial. Este facto levou as autoridades coloniais ao estabelecimento de um programa de imigração de mão-de-obra que em Portugal era absorvida em trabalhos não qualificados como a construção civil. As minas foram outro mercado de trabalho que na altura se ofereceram aos recém-chegados.

A esses trabalhadores que se foram radicando em Portugal e que mandaram vir as famílias vieram mais tarde juntar-se muitos dos cabo-verdianos e seus descendentes que prestavam serviço nas restantes colónias portuguesas, ou ainda ex-emigrantes em S. Tomé e Príncipe e em Angola!

É natural que os três grupos referidos apresentem graus de integração diferenciados, mas a grande maioria desta numerosa comunidade vive em condições extremamente difíceis. Tem portanto uma integração marginal na sociedade portuguesa.

Com o reagrupamento das famílias, facto que se tem verificado desde 1974, hoje a comunidade cabo-verdiana em Portugal tem todas as características de uma imigração permanente. É uma realidade a que não se pode fugir. Com o seu suor tem participado activamente na construção deste país e conquistou já o seu lugar de pleno direito na sociedade portuguesa.

O encontro com essa comunidade faz-se através de situações com resultados muito desiguais. O preço desse desencontro é muito alto. É a especulação da mão-de-obra «dócil», desarmada, são as manifestações de racismo nos transportes públicos, é o des-

gaste da sua imagem difundida pela Comunicação Social, é o conflito aberto nas escolas entre alunos e professores, etc., etc. O desconforto na integração não aparece apenas ligado às dificuldades económicas, à separação da família, ao isolamento, mas também a um confronto negativo com os modos de vida portugueses.

Esta realidade, que não deixará de ter influência no comportamento de muitos, não é motivo de análise, na Comunicação Social.

Mas não se fica por aqui.

Se a realidade é bem amarga, o futuro não se apresenta mais promissor. E ameaçado por esse futuro, vemos os filhos dos nossos imigrantes, a 2.ª geração, os homens que deverão participar na construção desta sociedade visto que são portugueses. Se aos pais se põe o problema do desencontro entre a expectativa que levavam na sua «mala de cartão» quando partiram e a dura realidade que é o aqui e agora, que futuro espera seus filhos, portugueses de naturalidade?

Na encruzilhada entre duas culturas, têm todos os problemas inerentes à segunda geração de imigrantes, mas neste caso com um «handicap» de «peso». Nas escolas, ainda antes de aprenderem que dois e dois são quatro, conhecem logo o sabor amargo da palavra estrangeiro, racismo, preto (aqui com toda a carga pejorativa, evidentemente). Zonas de conflito, os estudantes cabo-verdianos, que não dominando a língua portuguesa, não conseguem acompanhar o raciocínio dos professores.

Estes, que pouco ou nada sabem da cultura cabo-verdiana, acham que as crianças são desinteressadas. Daí à agressividade e ao vandalismo vai um passo.

Teoricamente bilingues, falam de um modo geral a língua materna dos pais, o crioulo. O seu imaginário é uma mistura de referências do «ghetto» em que habitam, e, da sociedade que os cerca até aos limites onde lhes é permitido ir.

A comunicação é caracterizada por constantes bloqueios, e o insucesso escolar das crianças cabo-verdianas é muito mais alto do que a média portuguesa para as mesmas faixas etárias. São crianças que desde que se lhes ministrem metodologias adequadas de aprendizagem da língua portuguesa têm, em iguais circunstâncias, as oportunidades de sucesso de qualquer criança portuguesa de nascimento.

Para este sucesso a formação dos professores é funda-

mental. Será que estes estão sensibilizados para as especificidades culturais desta comunidade? Os manuais de alfabetização e os livros escolares têm em atenção essa realidade?

Será que o leitor sabia que, na Escola n.º 3 da Falagueira que abrange a população escolar de bairros degradados da zona com cerca de 80% dos alunos cabo-verdianos, nestes o insucesso escolar ronda os 60%?

Será que conhece a situação dos trabalhadores cabo-verdianos no Algarve, onde predomina o trabalho precário, tanto ao gosto dos «patos bravos», não falando já das péssimas condições de transporte e alojamento, etc., etc.?

Será que sabia que no bairro dos Pescadores, na Quarteira, entre outros, há casos de detenções indiscriminadas, espancamento, por parte das autoridades portuguesas?

Estas situações vividas e sofridas pela comunidade cabo-verdiana não são noticiadas, bem como, aliás, as respectivas manifestações culturais.

É um facto que as duas comunidades — a cabo-verdiana e a portuguesa — estão «condenadas» a viver lado a lado. Construa-se, pois a integração — o inverso da assimilação — uma integração harmoniosa na qual os acontecimentos que irão então desaparecendo não sejam olhados fora do contexto global.

A Associação Cabo-Verdiana, instituição de carácter recreativo, cultural e social, tem nesse campo dado o seu contributo.

Contributo modesto, neste oceano de problemas e com o projecto que actualmente desenvolve «Projecto Nô Djuntas Môn» («Dêmos as Mãos»).

É a sua aposta para uma integração como tarefa a dois; em que os portugueses e cabo-verdianos de mãos dadas — «Nô Djuntas Môn» — podem e devem encontrar uma solução. Mas não estamos aqui para falar da Associação Cabo-Verdiana e do seu projecto. Esperamos que nos darão uma oportunidade de explicar melhor os nossos pontos de vista.

Se o objectivo é facilitar a integração, então é altura de lançarmos mãos à obra, sem continuarmos a perder mais tempo que é precioso para uns e outros.

Se se preferir ignorar isso, então casos em «quantidade» para relatar não irão faltar. A escolha é vossa.

Álvaro Apolo



A visita de Gorbachev aos EUA

Comitiva discute dimensão do apoio à "perestroika"

A União Soviética enviou um grupo de intelectuais para promoção das novas políticas do Kremlin, previamente à visita que o presidente Mikhail Gorbachev efectua amanhã a Nova Iorque.

Num encontro, no sábado, nas Nações Unidas, os membros do grupo discordaram sobre a dimensão do apoio com que Gorbachev conta no que respeita à «perestroika» (reestruturação) e «glasnost» (transparência), dando provas entre si da «glasnost» em acção.

«Acho que ele tem mais opositores do que simpatizantes», disse o director do Teatro de Moscovo, Mark Zakharov. Referiu a inércia, falta de iniciativa e o que classificou de «colheita de alguns tempos muito difíceis na nossa história».

O director do jornal governamental «Izvestia», Ivan Lappetev, discordou. Acha que os velhos hábitos custam a desaparecer mas comentou: «posso dizer com consciência absolutamente limpa que esta máquina está a mexer-se e a caminho».

O porta-voz do grupo, Nikolai Yefimov, disse que as reformas melhoraram a esperança de vida dos soviéticos, o que chamou de índice dos progressos de uma sociedade.

«No regime (do líder soviético Leonid Brejnev, na última década, a esperança média de vida na União Soviética desceu para nosso grande desgosto», disse Yefimov, vice-director do Departamento Ideológico do Comité Central do PCUS.

«Agora, nos últimos três anos, a esperança média de vida aumentou em dois anos e meio. Esse indicador mostra realmente os resultados do que começámos a fazer.»

O líder soviético e mulher, Raisa, são esperados amanhã em Nova Iorque para um discurso na Assembleia Geral da ONU. O chefe de Estado soviético reunir-se-á com os presidentes norte-americano, o cessante Ronald Reagan e o eleito George Bush, na ilha dos Governadores em Nova Iorque na quarta-feira.

Vários membros da comitiva que fez a conferência de Imprensa no sábado tornaram-se conhecidos internacionalmente pelas suas comparações em anteriores encontros soviético-americanos e explicações sobre as políticas comunistas a jornalistas de países não comunistas.

«Para todos nós, é a fase mais interessante que vivemos no nosso país», comentou Yefimov. «É uma fase em que todos nós, e connosco milhões de outros cidadãos soviéticos, sentimos que podemos fazer com que haja grande mudança no nosso país».

Sequestradores soviéticos expulsos por Israel

Os sequestradores soviéticos que na sexta-feira desviaram um avião da Aeroflot para Telavive deixaram sábado à tarde Israel com destino a Moscovo, depois de expulsos pelo governo israelita, que rejeitou o seu pedido de asilo político.

Os cinco homens e a mulher do «chefe» do grupo, aparentemente um drogado de 38 anos, regressaram ao seu país no avião «Tupolev» que no mesmo dia transportou a Telavive diplomatas e médicos enviados por Moscovo para negociar a extradição.

Os sequestradores, que haviam recebido na União Soviética um resgate de 3,3 milhões de dólares pela libertação de um autocarro com crianças de uma escola, além do avião em que chegaram ao aeroporto israelita Ben Gurion, passaram a sua única noite em Israel na prisão de Abu Kabir.

Posteriormente, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros convocou o chefe de uma missão consular israelita em Moscovo, Arieh Levin, para lhe agradecer o «gesto nobre» das autoridades do seu país, enviando para a URSS os sequestradores, considerados criminosos de «delito comum».

Ciclone poderá ter feito mais de 10 mil vítimas

Cadáveres flutuam na baía de Bengala enquanto o Bangladesh faz o cálculo das vítimas e prejuízos causados por um ciclone e maremotos que, segundo um funcionário, poderão ter provocado mais de dez mil mortos. O governo do presidente Hossain Mohammad Ershad apelou para auxílio de urgência internacional, sobretudo do Japão e do Canadá, que deram apoio substancial ao país em casos anteriores de desastres naturais.

As mortes confirmadas atingiram já mais de 1600, mas sabe-se que há pelo menos 15 mil pessoas desaparecidas depois do ciclone da terça-feira passada.

Ponte aérea de alimentos para o Sudão

Uma ponte aérea para alimentar dois milhões de pessoas subnutridas na região meridional do Sudão assolada pela guerra, foi ontem iniciada, depois de milhares de mortos durante meses de disputas locais sobre o início da operação.

A Comissão Internacional da Cruz Vermelha (CICV) propôs há um ano o envio de abastecimentos tanto para áreas controladas por rebeldes como por forças governamentais no Sul do Sudão.

Contudo, turtuosas negociações com o governo sudanês e com os rebeldes do Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS) levaram e que os aviões da CICV só ontem fossem autorizados a levantar.

Segundos especialistas em Cartum, os alimentos chegarão demasiado tarde para as dezenas de milhares de pessoas que entretanto morreram à fome e há receios de que a ponte aérea seja demasiado curta dado o que chamam de riscos de «traição» que caracterizam estes cinco anos de guerra.



O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof "Pik" Botha, fala aos repórteres após ter abandonado as negociações de Brazzaville

Quadripartidas suspensas em Brazzaville

ABANDONO SUL-AFRICANO FOI CONSIDERADO "UM INSULTO"

A delegação sul-africana abandonou no sábado à tarde as negociações de Brazzaville, sobre a retirada cubana de Angola e a independência da Namíbia, sem informar os seus parceiros. Para o vice-ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Ricardo de Quesada, a delegação de Pretória "insultou toda a gente", enquanto o seu homólogo angolano, Venâncio de Moura, considerou que a África do Sul respondeu "mais uma vez com arrogância" à flexibilidade angolano-cubana. Mas o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, "Pik" Botha, ao deixar Brazzaville, disse aos jornalistas que precisava de consultar o seu Presidente antes de novos avanços nas negociações.

Botha, antes de embarcar para Joanesburgo, afirmou não ser culpa dos sul-africanos se as pressões exageraram as expectativas quanto aos resultados desta ronda.

Acrescentou que jamais teve a intenção de sair de Brazzaville com um acordo assinado a qualquer preço e que se as restantes delegações entendem não precisar de novas consultas, esse não é o caso da representação sul-africana.

"Não fomos nós quem levantou as expectativas, nem percebo porquê toda esta excitação", referiu o ministro sul-africano quando convidado a comentar se este desfecho não representava um malogro desta ronda.

Botha disse que as negociações poderão ser retomadas brevemente, "até mesmo já na próxima semana", e sublinhou terem sido conseguidos progressos significativos, apesar das questões centrais, como a verificação da retirada cubana e um calendário para a implementação da resolução 435 das Nações Unidas ainda estarem por acertar.

As declarações de Botha, que contradizem o empenho revelado por todas as delegações em sair de Brazzaville com o protocolo de acordo assinado e que, de acordo com elementos da própria delegação sul-africana, se apresentava já esboçado, foram interpretadas na capital congolense com um desfecho teatral, que surpreendeu os seus próprios interlocutores.

De concreto, em Brazzaville, ficou a necessidade de uma 11ª ronda de negociações sobre as questões ainda não acertadas e um sentimento de frustração entre observadores e o Governo congolês, que se preparava para acolher a cerimónia oficial da assinatura.

Desilusão

O ministro angolano Venâncio de Moura, durante uma conferência de Imprensa concedida após a partida da delegação sul-africana, manifestou a sua desilusão por este desfecho. E acrescentou:

"Uma vez mais vemo-nos confrontados a dizer qualquer coisa à Imprensa, mas desta vez de-

sapontados e com a sensação de termos sido abandonados no alto mar, quando se perspectivava a chegada a bom termo dos nossos trabalhos".

Quanto aos verdadeiros motivos que terão levado à decisão sul-africana de proceder a "novas consultas internas", Venâncio de Moura convidou os jornalistas a tirarem as suas próprias conclusões, baseando-se nas declarações prestadas pela própria delegação de Pretória.

"Pensamos que ainda há perspectivas de nos voltarmos a encontrar aqui em Brazzaville, mas tudo dependerá dos contactos que venham a ser estabelecidos pelo mediador" (Chester Crocker), disse ainda Venâncio de Moura.

O vice-ministro cubano, Ricardo Quesada, por seu turno, disse que era "legítimo perguntar se a África do Sul está seriamente empenhada em negociar e se está preparada para conceder a independência da namíbia, quando assistimos a esta atitude inqualificável à beira da solução das negociações".

O mediador norte-americano, Chester Crocker, também atribuiu à delegação sul-africana a suspensão dos trabalhos da quadripartida de Brazzaville.

Uma nota emitida por Crocker diz ter sido conseguido nesta ronda "considerável progresso, em adição ao trabalho feito em Nova Iorque e Genebra", relativamente "aos assuntos pendentes".

Reacção de Castro

O líder cubano, Fidel Castro, disse que as suas tropas ficarão mais dez anos em Angola, mas que não aceitará um acordo insatisfatório sobre a retirada militar daquele país.

Numa conferência de Imprensa, Castro disse que se opõe a qualquer papel pela África do Sul na verificação do acordo de retirada dos seus 50 mil soldados de Angola e pediu que essa função seja desempenhada pelas Nações Unidas.

"Se tivermos que estar mais dez anos em Angola, temos valor suficiente, força suficiente no nosso povo, espírito internacionalista suficiente para lá ficar dez anos", disse.

Iniciada hoje

Reunião do GATT assinalará divergências CEE-EUA

Mario Sampaio
Correspondente «DL»

Os agricultores franceses saíram hoje à rua para se manifestarem no intuito de chamar a atenção da opinião pública para o que se irá passar na reunião do GATT. Em Montreal, os ministros de 105 países membros e associados do GATT iniciam entretanto uma reunião de cinco dias sob o signo dum embate CEE-EUA, cujo desfecho é de momento imprevisível. A atmosfera era tensa, hoje, em Montreal, no início dos trabalhos da reunião chamada de «meio percurso» das negociações do «Uruguay Round». Lançado em 1986 em Punta del Este, o problema das subvenções agrícolas passou a constituir a principal preocupação do GATT (General Agreement on Tariffs and Trade — acordo geral sobre as tarifas e o comércio), e a reunião que começou hoje tem por finalidade estabelecer o balanço dos trabalhos que deveriam, teoricamente, terminar em 1990, e daí a designação de «meio percurso». Os 105 países membros e associados do GATT, cuja sede é em Genebra, tinham concordado em Punta del Este discutir seriamente a reorganização do intercâmbio agrícola mundial. Hoje encontram-se na posição de reféns dos dois gigantes, a CEE e os EUA, cujas desavenças sobre esta questão precisa paralisar por completo as negociações sobre os outros 15 pontos inscritos na agenda do «Uruguay Round». Toda a gente está, contudo, de acordo sobre um ponto: A situação actual não poderá continuar. Enquanto que um terço da humanidade não tem o suficiente para comer, os excessos de produção agrícola persistem e acumulam-se, provocando a intensificação dos conflitos comerciais em detrimento dos consumidores, dos contribuintes, e dos países mais pobres que não podem fazer da agricultura o motor do seu desenvolvimento. Subvenções às exportações, à produção, preços garantidos, auxílios indirectos, tudo isto já atingiu níveis absolutamente surrealistas na Europa e nos Estados Unidos, e começam a subir perigosamente nas potências agrícolas «terceiras», ou seja a Austrália, Argentina, Canadá e alguns outros países. Todos estão de acordo sobre a doença, mas não sobre o remédio, eis resumidamente o que se passa. Os Estados Unidos exigem dos seus parceiros, principalmente dos europeus, que subscrevam um verdadeiro «new deal», cuja finalidade seria a eliminação completa de todas as formas de apoio e de subvenção para a agricultura.

Paquistão

Benazir Bhutto nomeia equipa de governo

A chefe de governo paquistanês, Benazir Bhutto, indigou um gabinete de 23 ministros, ministros de Estado e conselheiros especiais.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Sahabzada Yaqub Khan, mantém o cargo que desempenhava no governo cessante e é o único dos novos ministros com experiência de governação.

Bhutto, de 35 anos, não nomeou ministro das Finanças mas o antigo governador do banco do Estado (banco central), V.A. Jaffrey, foi nomeado conselheiro do primeiro-ministro para as finanças, assuntos económicos, planeamento e desenvolvimento, com equivalência ministerial.

Não foi nomeado ministro da Defesa e conselheiros da chefe de governo disseram que ela deverá assumir essa pasta. O coronel na reserva Ghulam Sarwar Cheema foi nomeado ministro de Estado para a Defesa.

Yahya Bakhtiar foi nomeado procurador-geral da Justiça, posto que desempenhou no governo de 1971-77 no governo do pai de Benazir, Zulfikar Ali Bhutto.

Benazir anunciou uma amnistia para todos os presos políticos, reiterou a actual posição do governo paquistanês face ao Afeganistão e prometeu lutar contra o tráfico de narcóticos e a corrupção.

Na sua primeira conferência de Imprensa após ter sido empossada como chefe do governo, Bhutto afirmou que irá libertar os cerca de mil presos políticos existentes no Paquistão e comutou todas as penas de morte, prometendo igualmente libertar todas as mulheres que estejam detidas por qualquer motivo que não seja homicídio.

Rebeldes renderam-se incondicionalmente na Argentina

PRESIDENTE ALFONSIN ANUNCIA FIM DA CRISE MILITAR

O presidente argentino, Raul Alfonsin, deu hoje por encerrada a crise militar que abalou durante três dias o país e disse que não foram feitas «quaisquer concessões» aos militares revoltosos. Num discurso proferido no palácio presidencial, perante mais de 200 funcionários políticos e jornalistas, Alfonsin agradeceu ao povo argentino, operários, empresários e forças armadas o seu «esmagador apoio» à democracia.

A rebelião liderada pelo coronel Mohamed Ali Seineldin teve início na madrugada de sexta-feira com a ocupação da escola de Infantaria de Campo de Maio, 25 quilómetros a noroeste de Buenos Aires.

O coronel Seineldin desafiou a autoridade do chefe do Estado-Maior do Exército, general José Dante Caridi, e apresentou uma série de exigências que incluíam a aprovação de uma lei de amnistia e o aumento do orçamento das forças armadas.

O presidente Alfonsin, que se

encontrava de visita aos Estados Unidos, regressou um dia depois a Buenos Aires, onde o vice-presidente, Victor Martínez, já havia adoptado um primeiro decreto com ordem de reprimir os rebeldes.

A chegada de Alfonsin veio desmentir rumores de que Martínez tinha feito cedências aos militares sublevados.

As primeiras decisões de Alfonsin foram no sentido de «não aceitar exigências de qualquer natureza» e da repressão «imediata e sem contemplações» dos rebeldes.

A movimentação de milhares de tropas por todo o país aumentou os rumores sobre novos focos de rebelião e alterações constantes da chefia do Exército.

Os militares sublevados deixaram a Escola de Infantaria, já cercada por forças leais ao Governo, e refugiaram-se no Bata-lhão 601, de Villa Martelli, na fronteira noroeste da Argentina.

A maioria dos partidos políticos, com e sem representação parlamentar, condenou a rebelião encabeçada por Seineldin, enquanto organizações sindicais e patronais preparavam greves gerais em protesto pela acção dos rebeldes.

Dezenas de milhar de argentinos vieram para as ruas de Buenos Aires e outras cidades para se manifestarem a favor da democracia e contra a sublevação.

A meia-noite de sábado chegou com a certeza de que a repres-

são do foco rebelde só poderia ser conseguida no dia seguinte.

Ontem, as Forças Armadas mobilizaram mais de meia centena de tanques para o batalhão de Villa Martelli e pediram à população para abandonar o local devido à iminência de um ataque contra a unidade.

No entanto, centenas de populares permaneceram em frente ao quartel, tendo-se registado incidentes com as tropas leais de que resultaram um morto e mais de vinte feridos.

Duas horas mais tarde, o coronel rebelde reuniu-se com o general Isidro Cáceres, em Villa Martelli, para negociar a sua rendição.

No final da reunião, o presidente Raul Alfonsin anunciou a rendição dos militares sublevados e reafirmou a sua confiança no chefe do Estado-Maior do Exército.

Carlos Andres Perez venceu presidenciais na Venezuela

O social-democrata Carlos Andres Perez, que ontem venceu as eleições presidenciais na Venezuela, anunciou que o seu Governo fará uma política de concertação nacional.

De acordo com as projecções fornecidas pelos órgãos de Informação venezuelanos, Perez, do partido Acção Democrática (AD), obteve entre 51 a 54 por cento dos votos, contra 33 a 36 por cento do adversário mais directo, o democrata cristão

Eduardo Fernandez.

Fernandez, que admitiu a sua derrota, felicitou o presidente eleito e ofereceu-lhe a sua colaboração, tendo anunciado já que se candidatará às próximas eleições, dentro de cinco anos.

Muito embora os resultados oficiais só devam ser conhecidos dentro de 48 horas, números não oficiais atribuem a terceira posição nas eleições ao candidato da esquerda Teodoro

Petkoff, do Movimento para o Socialismo (MAS), com apenas cinco por cento dos votos.

A vitória eleitoral de Andres Perez converte-o no primeiro político a ascender duas vezes à presidência do país, por mandato popular. Perez governou pela primeira vez entre 1974-1979, altura em que nacionalizou o petróleo, principal fonte de recursos deste país, que conta cerca de 18 milhões de habitantes, dos

quais aproximadamente nove milhões têm direito a voto.

O único político que até agora governou a Venezuela durante dois mandatos foi o fundador da AD, Rómulo Betancourt, que assumiu o poder em 1945, no seguimento de um golpe de Estado, e voltou ao poder em 1959, após vencer as primeiras eleições democráticas realizadas na Venezuela nos últimos 30 anos.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

TERÇA - FEIRA 8 DE DEZEMBRO DE 1988,
PELAS 18 HORAS,

INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO ICONOGRÁFICA DE

Fernando Pessoa

O IMPOSSÍVEL - POSSÍVEL RETRATO

OBRAS DE:

ALMADA NEGREIROS, JÚLIO POMAR,
COSTA PINHEIRO, MÁRIO BOTAS, ARTUR
BUAL, PEDRO CHORÃO, JOSÉ JOÃO BRITO
RICO SEQUEIRA, MIGUEL YECO,
LAURA CESANA, ALFREDO MARGARIDO

GALERIA ALMADA NEGREIROS

Av. da República, 16 - Lisboa

Para fins de construção, sociedade francesa põe à venda os seguintes equipamentos:

- 1 Bulldozer Hanomag D 700 D
escavadora com cabine
ano 1981
completamente remodelada
perfeito estado
- 1 Niveladora WABCO 444 PF
ano 1980
escarificadora
muito bonita
- 1 Grua TELESCÓPICA HITACHI FH.105
sobrecarregador 8 x 4
capacidade de levantar 30 ton.
frecha + JIB = 44,5
ano 1979
muito bonita
- 1 Auto Betoneira COMET BIG 25
2,5 m³ de cimento
articulada 4 x 4
completamente remodelada

MATERIAIS IMEDIATAMENTE DISPONÍVEIS

Contactar: **STE. TANDEM INTERNACIONAL**

Rua R. Lefebvre, 6-8
93190 LIVRY GARGAN
França

Tel: (1) 43 85 98 13 - 43 85 38 80

Telex: 212 852 TANDM F

Fax: (1) 43 850 002

**INTERZÉRE -
COMÉRCIO E INDÚSTRIA
E MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO, LDA.
CARTÓRIO NOTARIAL DE
AMADORA
A cargo do Notário Licenciado
GERMÃO NUNES DE
GOUVEIA**

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 8 de Novembro corrente, exarada de fls. 76 V.º a fls. 78 do livro de notas para escrituras diversas n.º VINTE-A, deste Cartório, MANUEL RIBEIRO e mulher JÚLIA DOS PRAZERES RIBEIRO como únicos sócios da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe, pessoa colectiva n.º 500 140 880, com sede em Lisboa, na Estrada de Benfica, n.º 462, 3.º esquerdo, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 44 950 do livro C-112, elevaram o capital social de 5 000 000\$00 para 15 000 000\$00 mediante aumento de 10 000 000\$00, sendo 4 568 926\$90 de Reservas, correspondendo 829 871\$70 a Reservas Legais e Estatutárias, e 3 739 055\$20 a Reservas Livres; o resto do aumento, ou seja, 5 431 073\$10, é em dinheiro, subscrito e pago pelos dois sócios, Manuel Ribeiro com 2 715 536\$60 e Júlia dos Prazeres Ribeiro com 2 715 536\$50 cabendo da parte do aumento por incorporação metade a cada sócio. Que adicionaram às quotas já possuídas e o montante do aumento em consequência, alteraram o art.º 4.º, só o corpo do pacto social, que ficou com a seguinte redacção.

QUARTO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e noutros valores, é de quinze milhões de escudos e achase representado por duas quotas de sete milhões e quinhentos mil escudos, uma de cada um dos sócios Manuel Ribeiro e Júlia dos Prazeres Ribeiro.

Está conforme.
Amadora, dezasseis de Novembro de mil novecentos e oitenta e oito.

O Ajudante,
(Natalino dos Santos Correia)

ORGATÉCNICA



SHARP

CASIO

IBM

AV. JOÃO XXI, 12-R/C-E
☎ 88 57 79 - 89 32 99 - 80 08 08
1000 LISBOA



Vitor Paneira com a bolinha bem coberta deixa Quim e Jorge Ferreira a assistir



Em Matosinhos, Leixões e Chaves equilibraram-se em forças e por isso ficou certo o «nulo»



Macaé, protegido por Dudu, escapa-se a Barney e a Bobó. Carlos Valente sempre «em cima da jogada»

Desporto



Muitos à procura da bola: Luisão, Carlos Manuel, Ademar, Eskilsson e Sérgio Araújo

UNHAS MUITO APARADINHAS

«Eu sinto que alguém quer que tudo corra mal: vocês sabem quem são essas pessoas, pelo que não é preciso que eu diga quem são».

São palavras da autoria de Pedro Rocha publicadas na primeira página do «Record» do passado dia 30 de Agosto.

Tinha então o Sporting triunfado em Matosinhos (2-0) e consentido um empate (0-0) em Alvalade. Não havia então razões para excesso de desânimo. O campeonato estava no seu início, o Porto tinha empatado nas Antas frente ao Boavista e conseguido um magro (1-0) em Penafiel e o Benfica havia cedido um ponto na Luz ante o modesto Espinho. Mas Pedro Rocha sentia que alguém lhe pretendia perturbar a missão e desabafou. Dias depois, lá para as bandas de Carcavelos, Wilson Brasil proporcionava o tradicional «jantar da paz» e o que por lá foi escutado mereceu das gentes «leóninas» — dirigentes e alguns dos seus empregados — diversos manifestos de repúdio na tentativa de esconder as realidades contadas nestas colunas.

O barco não encalhou, mas as ondas onde vai navegando parecem cada vez mais agrestes. O campeonato prosseguiu e, decorridas 16 jornadas o saldo é este: 7 triunfos, outros tantos empates e duas derrotas; quanto a pontos, apenas 21, enquanto o Porto soma 23 e o Benfica 26. Significa, portanto, que após menos de metade da prova, já os «leões» se encontram a cinco pontos do guia, o que, agora sim, se afigura preocupante e desanimador para quem tanto prometeu.

A derrota de Faro vem demonstrar que as unhas se encontram muito aparadinhas.

Há crise no Sporting? Dir-nos-ão que não, é natural que esse seja o sentimento dos seus dirigentes e de alguns dos seus empregados, só que já não bastavam os acontecimentos que marcaram a última assembleia para atestar que o acerto da gestão não se finca nos preceitos prometidos; para virem a terreiro os jogadores emprestados (Académico de Viseu) a lamentar que lhe não são pagos os vencimentos há alguns meses; surgir a notícia (que os próprios dirigentes confirmariam corresponder à verdade) de cheques emitidos com direito a ida e volta; do presidente do Vitória de Setúbal publicamente denunciar que o dinheiro da cedência de Maside ainda não chegara a Setúbal; de

Alves Henriques

Ricardo afirmar que o seu caso não está solucionado porque o Sporting não tem dinheiro para pagar o seu passe. E melhor será, não historiar outros factos que, no mínimo, provam algumas insuficiências e demonstram não haver motivo para as afirmações, produzidas por recentes dirigentes do clube, visando esconder o momento real na vida da prestigiosa colectividade nascida no dia 1 de Junho de 1906.

Fazendo uma sumária análise ao comportamento da turma sportinguista no decurso do campeonato, no seu recinto consentiu empates com o Beira Mar (0-0), Boavista (1-1) e Marítimo (2-2), enquanto nos encontros disputados fora apenas venceu em Matosinhos e frente ao Nacional, tendo empatado com o Académico de Viseu, Estrela da Amadora, Penafiel e Braga, tendo perdido em Guimarães e ontem em Faro.

É ou não desanimador?

Nos demais jogos da ronda de ontem, a curiosidade consiste no facto de nenhum dos visitantes ter vencido ainda que o Chaves e o Espinho tenham imposto o «nulo» nos recintos do Leixões e do Portimonense. Porto e Beira Mar, brindaram os seus opositores com três golos sem resposta; Benfica e V. Guimarães ficaram-se pelo dois-zero; enquanto ao Belenenses, Viseu, Marítimo e Farense bastou um golo para averbar dois pontos colocados sobre a mesa.

Uma jornada magra em golos (apenas 14) o que já não se estranha, uma vez que nos 160 encontros já disputados, houve 314 remates certos o que resulta na média inferior a dois golos por jogo.

Quinta-feira, teremos mais uma eliminatória da Taça e no domingo o Benfica vai até à Reboleira, o Belenenses visita Alvalade e os «dragões» estarão presentes no Bonfim. Três jogos que concentrarão as atenções da maioria dos adeptos da bola mas os demais também irão ter muita gente na plateia.



Gilmar lá no alto e os demais nas covas

MARÍTIMO ANTECIPA O S

Neves de Sousa

Funchal — Imagine o leitor: meio milhão de lâmpadas prepara-se para iluminar a mais hospitaleira e cosmopolita cidade madeirense, já a desportarem em catarata, com motivos natalícios que fazem adivinhar um conjunto belamente planificado, ao tempo das felizes turmas que, a tempo e horas (meses de antecedência) conseguiram garantir hospedagem nas 13 mil camas ao dispor de quantos ali desejarem passar a noite de fim de ano, como Churchill gostava, bem nos idos da década de 40. Hoje, porém, o grande festim está antecipado: por causa do futebol, mas não só.

É que, enquanto o União vai fazendo pela vida e o Nacional igualmente procura rápido conforto na tabela classificativa das maiores do nosso pontapé na bola, o Marítimo conseguiu ontem, para além de participação num belíssimo espectáculo de futebol, que a despedida (perante a plateia que chefiou) do presidente António Henriques (seis anos à frente da colectividade mais famosa da Madeira) ficasse firmada pelo êxito sobre um Boavista que, embora envolvido por um conflito de sucessão (Pepe vai ficando com despedida adiada, Raul Águas é a reserva permanentemente sentada à porta da oficina...) possui valores e talentos para sempre fazer peri-

gar uma qualquer formação opoente.

Como o mostrou no bonito «Caldeirão dos Barreiros» em primeira parte de luxo, enquanto mestre Elói conseguiu segurar as rédeas da carruagem e fazer esquecer a ausência de pedras-base, os axadrezados (Frederico, Jaime, Agatão) contendo em respeito uma cercadura que, em momentos demasiados para ter sido fortuito acaso, pareceu mais preocupada em censurar o técnico local (Ferreira da Costa, um jovem que vai afirmar-se no luso futebol) que em incentivar a sua falange para o triunfo que era tão necessário como pão para a boca.

★

No passado dia um, enquanto aniversariava (22 anos) o benfiquista Pacheco fez, nos Barreiros, tal diabrura a Gilmar que o Benfica conseguiu sair incólume do palco e, mais do que isso, robustecido por travagens da concorrência directa, impante e orgulhoso de uma dianteira de comboio mais distanciada dos combóios que também lutam pela posse do trono. Ontem, quando se soube que estava sobre a relva outro «bebê» (o cidadão António Alves de Oliveira Queiró, que competava 32 rios

nhas primaveras), houve madeirenses que se interrogou: será que, à semelhança do que Pacheco conseguiu para a águia, ante o Nacional, no dia da sua alegria, também a defesa boavistense impulsione a sua equipa para um sucesso perante o dono da casa?

Lamentem-se os axadrezados: Queiró não foi (sequer) capaz de jogar o seu normal: tão-pouco os companheiros da defensiva «alvi-negra» lograram fazer esquecer os companheiros que, por castigo federativo, estiveram excluídos de bela passeata à atlântica pérola das mil cores e muitas luzes.

*

Aconteceu um período inicial de certo desnoite «maritimista», com o perigoso Elói completamente à vontade, mostrando a sua qualidade de autêntico «craque»: recebeu chancela do brasileiro do Besa toda a chefia da manobra do «team» de Valentim Loureiro e José Manuel Ambrósio. Mas, pertencendo ao veloz, irreverente e sagaz José Luís a recolha de um galope a cargo da dupla Tozé-Esquerdinha e o duplo Encarnação até à rede de Hubart, como que manifestando que o Marítimo, à porta da passagem do teste-

munho presidencial (de António Henriques para Rui Fontes) não iria limitar-se ao papel de simples comparsa circense.

Todavia, foi preciso o regresso do balneario para isso acontecer. Durante boa fatia do tempo de abertura, a táctica engendrada por Pepe foi suficiente para ensarilhar as armas funchalenses e viu-se (mesmo) que o «team» de Ferreira da Costa parecia aturido com a força do meio-campo opositor onde (como sempre convém salientar) Elói funcionava como professor. E surgiu o lance que marcou o rumo do «show»: grande penalidade assinalada por Rosa Santos a favor do Boavista.

Na bancada, no peão, nos topos e nas casas vizinhas (por onde se espantava o joguinho) nasceu um coro de assobios ao juiz alentejano, com muito boa e ilustre gente a não se escusar de pensar que o toque na ferida da arbitragem intensificado ultimamente por Valentim Loureiro resultava numa qualquer contrapartida de Rosa Santos.

— Onde é que já se viu isto? **Alguém é capaz de dizer que foi falta para «penalite»?**

Gritava-se, barafustava-se, Rosa Santos se estivesse no centro do furacão terisido



Manuel dias, um dos três fundadores do «Record», recebe as felicitações de Juca e Rosa Mota.



Alegre cavaqueira entre Gaspar Ramos, Alvaro, Pais do Amaral e João Rocha



Presença «leonina»



Silva Resende, Pinto da Costa, Ângelo Granja, Carlos Lopes e sua mulher Teresa

O nosso vizinho da Travessa dos Inglesinhos baptizado com o nome de «Record» no dia 29 de Novembro de 1949, tendo por «padrinhos» Fernando Ferreira (professor de Educação Física), Manuel Dias (velha glória do atletismo português) e José Monteiro Poças (jornalista), festejou o seu 39.º aniversário com uma festa bonita, realizada no Hotel Altis e que teve a presença de figuras relevantes do desporto português. Desde Eusébio a Carlos Lopes, de Alvaro a Rosa Mota, muitos foram os atletas presentes e, quanto a dirigentes e técnicos, lá vimos Silva Resende, Pinto da Costa, Jorge Gonçalves, Gaspar Ramos, Juca César Grácio, Pais do Amaral, João Rocha, Ribeiro Magalhães, entre outros.

Correia da Fonseca (Totobola), José Hermano Saraiva e Eduardo Trigo (Diário Popular), Pinto de Sousa (Conselho de Arbitragem), Carlos Valente (árbitro internacional), João Rodrigues (presidente da AFL), Lima Belo, Fernando Machado, Vasco Lynce e Celorico Moreira (COP), foram outros «históricos» do desporto que o «Record» — filho único do ausente Monteiro Poças — agora liderado pelo nosso companheiro Rui Cartaxana, juntou, numa noite em que todos erguemos a taça formalmente votos para fazer caminhar na estrada da dignidade que tem vindo a percorrer há quatro décadas.

ibérico
HIPERMERCADO

TOTOBOLA

O TREZE

1. Benfica-Setúbal 1
2. Porto-Nacional 1
3. Farense-Sporting 1
4. Guimarães-Fafe 1
5. Portimonense-Espinho . X
6. A. Viseu-Penafiel 1
7. Marítimo-Boavista 1
8. Belenenses-E. Amadora 1
9. Leixões-Chaves X
10. Beira Mar-Braga 1
11. Farense-Vizela X
12. Varzim-Académica X
13. Elvas-Estoril 1

TOTOLOTO

4 - 13 - 26 - 37 - 39 - 43 x 6

A NOSSA APOSTA

Concurso n.º 50/88

- E. Amadora - Benfca X
Sporting - Belenenses 1
Setúbal - Porto 1
Guimarães - Portimonense .. 1
Espinho - A. Viseu 1
Penafiel - Marítimo 1
Boavista - Farense 1
Nacional - Leixões 1
Chaves - Beira-Mar 1
Fafe - Braga 2
Vizela - Rio Ave X
O. do Bairro - Feirense 2
Juventude - Elvas X

ibérico
HIPERMERCADO
Paço do Lumiar — 1600 LISBOA
Telef.: 768 00 19 — Autocarros 3 e 4

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	16	10	6	0	23- 5	26
2.º FC Porto	16	8	7	1	15- 6	23
3.º Sporting	16	7	7	2	22-12	21
4.º Setúbal	16	8	3	5	25-18	19
5.º Penafiel	16	7	4	5	17-12	18
6.º Guimarães	16	7	4	5	14-12	18
7.º Beira Mar	16	6	6	4	14-11	18
8.º Amadora	16	7	3	6	16-17	17
9.º Marítimo	16	5	6	5	18-17	16
10.º Chaves	16	6	4	6	14-11	16
11.º Belenenses	16	5	6	5	18-13	16
12.º Boavista	16	6	4	6	18-14	16
13.º Nacional	16	5	5	6	23-25	15
14.º Braga	16	4	5	7	10-18	13
15.º Leixões	16	4	5	7	10-18	13
16.º Farense	16	5	3	8	12-21	13
17.º Espinho	16	4	4	8	21-24	12
18.º Acad. Viseu	16	2	6	8	7-23	10
19.º Fafe	16	2	6	8	7-23	10
20.º Portimonense	16	3	3	10	7-18	9

Próxima jornada (antepenúltima da primeira volta; no próximo fim-de-semana): V. Guimarães - Portimonense, Espinho - Acad. Viseu, Penafiel - Marítimo, Boavista - Farense,

Sporting - Belenenses, Est. Amadora - Benfica, V. Setúbal

- FC Porto, Nacional - Leixões, Chaves - Beira Mar e Fafe - Braga.

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Pecas: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

O SEU NATAL

servido em churrasco. Pois, meus amigos, a verdade é que foi mesmo grande penalidade cometida por Oliveira, como (muito desportivamente) o excepcional «capitão» do Marítimo iria desabafar perante o presidente António Henriques e, depois do banho, para todos nós, os inquiridores da caneta, do microfone, da máquina de filmar.

— **Fiz falta, sim, senhor. O «penalty» existiu mesmo...** Notável exemplo, esse: desse mocetão da Moita que é justo «leader» do «onze» maritimista. E óptimo ensejo para a plateia aquele imenso tribunal que estava nos Barreiros vaiando Rosa Santos, bater com a mão no peito e confessar que teria hoje culpas infinitas, caso tivesse acontecido alguma coisa ao apitador de Beja. Um motivo para reflexão que (oxalá) seja entendido em muitos outros quadrantes do jogo-patrão destas áreas.

Bem: o certo é que, infantilmente, Monteiro proporcionou defesa a Everton e desperdiçou a lógica vantagem que o Boavista estava justificando e iria pertencer a Casaca a segunda grande hipótese de adiantamento boavistense: novamente (em voo de alto gabarito) Everton estorvou a viagem da bolinha e, como a troca de Artur Semedo por Paulo Ricardo deu maior amplitude à sua vanguarda, o Marítimo chegou ao intervalo sob cer-

to sufoco, mas acreditando que, segurando Eloi e aproveitando o dia negativo dos astrais da maioria dos boavisteiros, atingiria os dois pontos equacionados.

Seria isso que ficaria para a história, porque Adelino Nunes passou a policiar menos discretamente o louro brasileiro, que tinha lume na ponta das botas e, porque a defesa portuense não tinha o seu habitual comandante (Frederico), nem sequer um tenente ou um alferes que bem soubesse passar para a testa do exército, como (ao que nos pareceu) o próprio Pepe quase dá ordem a Phil Walker para travar todas as viagens mal se abeira do círculo central, o Marítimo acreditou na outra volta do medalhão: um completo equívoco do quarteto que deveria ser barreira ante Hubart facilitou as coisas: e o soberbo toque de Jorge Silva para José Luís encontrou a gazela rubro-verde com a exacta calibragem para o golo.

A questão ficou logo ali arrumada, embora o treinador boavistense tivesse feito trocas e mudanças: mas, não apenas o magnífico pé esquerdo de Oliveira como a segurança de Teixeira, o labor de Tozé e o desconcertante serpentear de Esquerdinha contribuíram para o triunfo madeirense, já que (para repouso dos nervos de Alberto João Cardoso Gonçalves

Jardim e seus pares de paixão clubista, que tanto tinham sofrido na tribuna) continuaram a ser os rapazes do bloco de Ferreira da Costa os mais atiradiços para a baliza contrária (sozinho,

com a baliza aberta, Tozé tentou uma finta a Hubart e perdeu o 2-0; Paulo Ricardo atirou para as nuvens apenas a três metros do apetecido risco branco) e, embora Jorge Andrade também mandasse para as urtigas um golpe de sorte que passou pelo seu rio, estava descoberto o sinal para o Totobola, rejubilava António Henriques pelo bonito adeus que estava dando à batuta maritimista. Mas, para gáudio (espanto ou surpresa) do conclavê, ainda iria ver-se um lance verdadeiramente inédito, pelo menos para estes olhos que a terra terá de trincar: a um minuto do fim, marca-se um pontapé de canto defronte de Everton e, enquanto o possante Adão ficava grudado ao grande círculo, toda a sua equipa galopou para a grande área funchalense. Toda,

repito: porque a toque de caixa, o guarda-redes Hubart foi colocar-se a um palmo de Everton, desejoso de poder recolher a bola e, com um toque de cabeça, enfiá-la para o empate. Não resultou, paciência para os boavisteiros. Mas, se algum dos repórteres fotográficos teve engenho, arte e rapidez de raciocínio para segurar a imagem, aqui es-



Litos com a bola tendo junto de si os companheiros Douglas e Carlos Manuel e Sérgio Araújo na briga

tou a garantir bom prémio em qualquer certame internacional.

Bom prémio que, já hoje, embolsam os funchalenses que, em Alvalade, pelo esforço para o empate, tinham sido contemplados com 90 daqueles rectângulos com o Dom Pedro vincado:

entre o que o clube concedia pela vitória e a festa de despedida de António Henriques, bem se pode dizer que foi bela semana para Oliveira e Everton, José Luís e Adelino Nunes, Teixeira e Jorge Silva, Tozé e Nazaro Nunes, Esquerdinha e todos os demais parceiros de emblema que, conseguindo conter o ímpeto de Eloi e Jorge Andrade,

Marcos António e Casaca, garantiram que será iluminado e alegre o Natal e a despedida do ano para o clube que Alberto

João Jardim transporta no coração e trata como menino de berço.

Neves de Sousa

Arbitragem de Rosa Santos (Beja) que esteve auxiliado por José Balsinha (bancada) e Carlos Vigonho (peão). Seria excelente, verdadeiramente exemplar se não tivesse ficado por marcar uma falta cometida por um defesa boavistense sobre Jorge Silva, em plena área de rigor. As equipas:

Marítimo: Everton; Rui Vieira, Teixeira, Oliveira e Nazaro Nunes, Tozé e Esquerdinha; José Luís (Vadinho, 64) e Jorge Silva.

Boavista: Hubart; Queiró, Valdir, Adão e Marcos António; Phil Walker; Casaca, Eloi e Parente (Isaías, 60); Monteiro (Nelson, 60) e Jorge Andrade.

Golo por José Luís (55 minutos).

Farense, 1 - Sporting, 0

Árbitro: José Pratas (Évora).

Golo: Sérgio Duarte, aos 63 minutos.

FARENSE: Celso; Eugénio, Orlando, Luisão e Pereirinha (Marco, 70); Vitinha, Pitico, Ademar e Sérgio Duarte; Resende (Hairy, 45) e Ricardo.

SPORTING: Rodolfo Rodriguez; João Luís, Morato, Venâncio e Oceano; Carlos Manuel, Litos (Forbs, 57), Douglas e Silas; Eskilson e Jorge Plácido.

Ação disciplinar: cartão amarelo para Douglas (31), Carlos Manuel (55), Marco (73) e Ricardo (85).

Belenenses, 1 - E. Amadora, 0

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

Golo: 1-0, por Dudu, aos 17 minutos.

BELENENSES: Jorge Martins; Carlos Ribeiro, José António, Sobrinho e Teixeira; Paulo Monteiro, Juanico, Dudu (Dele, aos 62 minutos) e Adão (Chico Faria, aos 73 minutos); Macaé e Mladenov.

ESTRELA DA AMADORA: Hugo; Marlon Alves (Coeelho, aos 27 minutos), Duílio, Barny e Caetano; Rebelo, Basaúla, Bobó e Nelson Borges (Sessay, aos 67 minutos); Paulo Jorge e Marlon Brandão.

Ação disciplinar: cartão amarelo para Duílio (38 minutos), Carlos Ribeiro (49), Bobó (56) e Basaúla (88).

Benfica, 2 - V. Setúbal, 0

Árbitro: Bento Marques (Évora).

Marcadores: 1-0, por Ricardo, aos 31 minutos e 2-0 por Hernâni, aos 64m.

NÚMEROS E NOMES DA JORNADA

BENFICA: Silvino; Veloso, Ricardo, Mozer e Fonseca; Hernâni, Vítor Paneira, Pacheco e Lima (Vata, aos 84m); Diamantino (Abel, aos 75m) e Magnusson.

V. DE SETÚBAL: Meszaros; Crisanto, Edmundo, Quim e Zezinho; Jorge Ferreira, Flávio, Vando e Cadete (Aparício, aos 45m); Roçadas e Jordão.

Ação disciplinar: cartão amarelo a Crisanto, aos 30 minutos.

Ac. Viseu, 1 - Penafiel, 0

Árbitro: Adão Mendes, de Braga.

Golo: Abel, aos 88 minutos, de grande penalidade.

ACADEMICO DE VISEU: Paulo Renato; Morgado, Leal, Nogueira e Kappa; Rui, Quim e Djaló (Amaral, 79m.); João Manuel, Abel e Amadeu (Melo, 44m.).

PENAFIEL: Cerqueira; Bio, M. Correia, Nilson e Artur; Rui Manuel, Elias (Tó Portela, 85m), e China; Amâncio (Paulo Henriques, 68 m.), Caetano e Djão.

Ação disciplinar: Cartão amarelo para Melo, aos 90 minutos.

Beira Mar, 3 - Braga, 0

Árbitro: António Marçal, de Lisboa.

Golos: 1-0, por Allain, aos 29 minutos; 2-0, por Jarbas, aos 56 minutos; 3-0, por Allain, aos 65 minutos.

BEIRA MAR: Miguel; João Gouveia; Costeado (Freitas, aos 45 minutos), Dinis e Ivan; Redondo, Abdel Gahny e Simões; Dreiffus, Alain e Jarbas (Dedé, aos 80 minutos).

SP. BRAGA: Hélder; Chico Silva, Laureta, Vítor Duarte e Valinho; João Mário, Kiki e Santos; Serrinha (Jorge Gomes, aos 45 minutos); Tiano e Fernando Pires (Vinicius, aos 59 minutos).

Ação disciplinar: Cartão amarelo a Jorge Gomes, aos 72 minutos.

Guimarães, 2 - Fafe, 0

Árbitro: Miranda Sousa, do Porto.

Golos: 1-0, Nando, 3 minutos e 2-0, Chiquinho, 17.

VITÓRIA: Neno; Nando, Bené, Germano e Nascimento; Carvalho, N'Dinga (Roldão, 70), René e Chiquinho; João Baptista e Silvino (Ebongué, 78).

FAFE: Lopes; Camilo, Grosso, Cláudio e Figueiredo; Perduv, Gomes, Zé Albano e Sotil (Mário, 60); Rogério (Padiinha, 60) e Abel.

Ação disciplinar: cartão amarelo para Camilo (80 m) e Figueiredo (84).

Portimonense, 0 - Espinho, 0

Árbitro: Sipa Santos (Lisboa)

PORTIMONENSE: Figueiredo; José Carlos, Justiniano, Nivaldo e Aurélio; José Pedro (Oliva, 81), Vado e Augusto (António Luís, 52); Mazolla, Skoda e Zé Tó.

SPORTING DE ESPINHO: Silvino; Eliseu, Nené, Sousa e Nito; Nelo, Luís Manuel, Pingo (Rui Filipe, 39) e Ivan (Ado, 82), Ralph e Marcos António.

Ação disciplinar: cartão amarelo para Ivan (55) e para Nelson, massagista do Sporting de Espinho (67).

Leixões, 0 - Chaves, 0

Árbitro: José Garcia, de Setúbal.

LEIXÕES: Jesus; Abílio, Barreto, Mauro e Amarildo; Tozé I, (Quim, aos 45 minutos); Ruben (Osias, aos 67), Quinho e Makukula; Moreira de Sá e Penteado.

CHAVES: Padrão; Vicente, Figueiras, Jorginho e Cerqueira; Gilberto, Eurico, Luís Saura e David (Paulo Henriques, aos 67 minutos); Radi e Erasmo (Júlio Sérgio aos 78).

Ação disciplinar: cartão amarelo para Barreto (45 minutos) e Amarildo (84).

Porto, 3 - Nacional, 0

Árbitro: Mário Leal (Leiria).

Golos: 1-0 por Gomes, aos 66 minutos, 2-0 por Semedo, aos 86 e 3-0 por Gomes, aos 89.

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Geraldão, Kongolo e Branco; Jaime Pacheco (Semedo, aos 45 m), Rui Aguas, Madjer e Gomes, Sousa (Bandeirinha, aos 45 m) e André.

NACIONAL: Gilmar; Tininho, Leiz, William e Vieira; Ladeira, Heitor, Mário e Cristiano; Toninho e Bino (Higino, aos 45 m).

Ação disciplinar: cartão amarelo para Geraldão (40) e Mário (67) e cartão vermelho também para Mário (80 m).

projecto

móveis e equipamentos
para escritório

Av. João XXI, 64-A — Lisboa

KIT-MARKET

Móveis e utilidades
para a casa

4000 m² — Centro Comercial das Olaias

RESISTÊNCIA ATÉ À "DESLEALDADE"

Toda a gente viu, o árbitro o confessaria e Madjer o confirmaria. O gol inaugural do FC Porto frente ao Nacional foi precedido de falta sobre o guarda-redes Gilmar. Protestaram (com razão) os madeirenses, mas o árbitro sr. Leal fincou-se na deslealdade validando um gol obtido às margens do código. Um caso mais para ser discutido durante a semana, como por exemplo a derrota sportinguista em Faro.

Vejamos a síntese da ronda dos três «nacionais»:

Resultados

V. Guimarães-Fafe	2-0
Portimonense-Espinho	0-0
Acad. Viseu-Penafiel	1-0
Marítimo-Boavista	1-0
Farense-Sporting	1-0
Belenenses-Estrela Amadora	1-0
Benfica-V. Setúbal	2-0
FC Porto-Nacional	3-0
Leixões-Chaves	0-0
Beira Mar-Braga	3-0

Marcadores

Vata (Benfica) e Jorge Silva (Marítimo), 8; Aparício e Jordão (V. Setúbal), 7; Jorge Andrade (Boavista), Amâncio (Penafiel) e Abdel Ghany (Beira Mar), 6; Dino e Edmilson (Nacional), 5 Pingo (Espinho), Chico Faria (Belenenses), Chiquinho (V. Guimarães), Gomes (FC Porto), 5; Mladenov (Belenenses), Marlon (Est. Amadora) e Djão, Penafiel, 4.

II Divisão

ZONA NORTE:

Resultados da jornada: Varzim-Vizela, 2-2; Bragança-Freamunde, 1-0; Moreirense-Trofense, 1-2; Tirsense-Salgueiros, 0-0; Gil Vicente-Amarante, 2-1; Marco-Santa Maria, 1-0; Joane-Felgueiras, 2-1; Paredes-Aves, 0-2; Paços Ferreira-Rio Ave, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
Tirsense	12	7	4	1	21	7 18
Vizela	12	6	5	1	17	9 17
Aves	12	6	4	2	24	10 16
Rio Ave	12	7	2	3	22	12 16
Varzim	11	4	6	1	18	10 14
Freamunde	12	5	4	3	16	12 14
Felgueiras	12	4	5	3	16	11 13
Gil Vicente	12	5	3	4	13	12 13
Joane	12	4	4	4	13	15 12
Bragança	12	3	5	4	7	10 11
Marco	11	4	3	4	9	13 11
Trofense	12	3	5	4	9	16 11
Paços Ferreira	11	4	2	5	12	16 10
Salgueiros	12	3	4	5	4	9 10
Paredes	12	3	3	6	8	14 9
Moreirense	11	1	4	6	6	14 6
Amarante	12	1	4	7	9	21 6
Santa Maria	12	1	3	8	8	21 5

Próxima jornada: Varzim - Bragança; Freamunde - Moreirense; Trofense - Tirsense; Salgueiros - Gil Vicente; Amarante - Marco; Santa Maria - Joane; Felgueiras - Paredes; Aves - Paços Ferreira; Vizela - Rio Ave.

ZONA CENTRO:

Resultados da jornada: U. Leiria-Mealhada, 0-1; Marialvas-Caldas, 2-2; Luso-Estarreja, 3-0; Águeda-U. Lamas, 0-1; Covilhã-Portalegre, 2-0; Est. Portalegre-Ol. Bairro, 0-0; Feirense-Académica, 0-0; Lousanense-Mangualde, 3-0 e Peniche-Marinhense, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
Feirense	12	9	3	0	29	4 21
Marialvas	12	6	4	2	19	10 16
U. Lamas	12	6	4	2	15	8 16
Académica	12	4	7	1	14	10 15
Oliv. Bairro	12	5	5	2	9	8 15
Sp. Covilhã	12	6	2	4	20	8 14
Caldas	12	5	4	3	24	17 14
Portaleg.	12	5	4	3	19	13 14
Águeda	12	3	8	1	11	8 14
Lousanense	12	4	3	5	17	20 11
Peniche	12	3	5	4	13	18 11
Luso	12	3	4	5	13	15 10
U. Leiria	12	3	3	6	16	21 9

Mangualde	12	3	3	6	9	16 9
Mealhada	12	2	4	6	12	19 8
Marinhense	12	2	3	7	7	29 7
Est. Portalegre	12	1	4	7	5	14 6
Estarreja	12	2	2	8	10	24 6

Próxima jornada: U. Leiria - Marialvas; Caldas - Luso; Estarreja - Águeda; U. Lamas - Sp. Covilhã; Portalegre - Est. Portalegre; Oliv. Bairro - Feirense; Académica - Lousanense; Mangualde - Peniche; Mealhada - Marinhense.

ZONA SUL:

Resultados da jornada: Alverca-Silves, 2-0; Torreense-Juv. Évora, 2-0; «O Elvas»-Estoril, 1-0; Montijo-Ol. Moscavide, 2-0; Sant. Cacém-Barreirense, 2-1; Oriental-Atlético, 3-1; Sacavenense-Olhansen, 0-1; U. Madeira-Esp. Lagos, 1-0 e Lus. Évora-Louletano, 1-2.

	J	V	E	D	G	P
Louletano	12	5	5	2	17	7 15
Olhansen	12	6	3	3	20	13 15
Torreense	12	6	3	3	19	12 15
União Madeira	12	6	3	3	15	10 15
Elvas	12	6	3	3	14	10 15
Estoril	12	6	2	4	14	8 14
Alverca	12	5	3	4	14	11 13
Oliv. Moscavide	12	6	1	5	13	18 13
Juventude	12	4	4	4	15	10 12
Oriental	12	5	2	5	13	15 12
Atlético	12	2	7	3	15	16 11
Esp. Lagos	12	5	1	6	12	16 11
Silves	12	3	5	4	15	20 11
Lusitano Évora	12	3	4	5	9	9 10
Montijo	12	4	2	6	17	18 10
Barreirense	12	3	4	5	12	20 10
Sant. Cacém	12	3	2	7	10	18 8
Sacavenense	12	1	4	7	10	23 6

Próxima Jornada: Alverca - Torreense; Juventude - Elvas; Estoril - Montijo; Oliv. Moscavide - Sant. Cacém; Barreirense - Oriental; Atlético - Sacavenense; Olhanense - União Ma-

deira; Esp. Lagos - Lusitano Évora; Silves - Louletano.

Divisão 3

Série A: Mirandes - Neves, 2-0; Vila Pouca - Ponte Barca, 1-3; Valpaços - Vieira, 0-2; Vianense - Delães, 4-1; Prado - Lanhese, 1-0; Famalicão - Espoense, 2-0; Celoricense - Valenciano, 1-1; Maria da Fonte - Vinhais, 1-1 e Valdevez - Mac. Cavaleiros, 4-1.

Guia: Ponte da Barca com 18 pontos, seguido do Vianense com 17 mas menos um jogo.

Próxima jornada: Mirandês - Vila Pouca; Ponte Barca - Valpaços; Vieira - Vianense; Delães - Prado; Lanhese - Famalicão; Espoense - Celoricense; Valenciano - Maria Fonte; Vinhais - Valdevez; Neves - Mac. Cavaleiros.

Série B: Valonguense - Vila Real, 0-0; Ol. Douro - Leça, 2-4; Régua - Lordelo, 1-0; Lixa - Infesta, 0-4; Lourosa - Maia, 1-0; Ermesinde - Lousada, 1-2; Pedrouços - Ovarense, 3-3; Torre Moncorvo - Vilanovaense, 4-0 e Paivense - Sandinenses, 2-2.

Guia: Infesta com 18 pontos, seguido do Valonguense com 17.

Próxima jornada: Valonguense - Oliveira Douro; Leça - Régua; Lordelo - Lixa; Infesta - Lourosa; Maia - Ermesinde; Lousada - Pedrouços; Ovarense - Torre Moncorvo; Vilanovaense - Paivense; Vila Real - Sandinenses.

Série C: Oliveirense - V. Benfita, 3-0; S. Romão - Alba, 1-0; Ac. Paço - Oliveirinha, 2-3; U. Coimbra - Pesseguereense, 1-0; Santacombadense - Gouveia, 0-0; Seia - Valonguense, 1-0; Anadia - Ol. Hospital, 1-0; Argus - Guarda, 1-1 e Mortágua - Valecambrense, 1-1.

Guia: Guarda com 18 pontos, seguido do Oliveirense com 17.

Próxima jornada: Oliveirense - São Romão; Alba - Académico Paço; Oliveirinha - U. Coimbra; Pesseguereense - Santacombadense; Gouveia - Seia; Valonguense - Anadia; Oliveira Hospital - Argus; Guarda - Mortágua; Viseu Benfica - Valecambrense.

Série D: Bombarralense - Cast. Vide, 1-0; 22 Junho-Ferrel, 4-0; Alcanenense - Atouguense, 3-0; Sertanense - Desp. Fátima, 0-0; Alcobaça-Nazarenos, 1-0; Naval-Beneditense, 4-0; U. Tomar-Bf. Castelo Branco, 0-0; Usseira-Mirandense, 2-3; Mirense-Marrazes, 6-0.

Guia: Mirense com 22 pontos, seguidos do Fátima e Benfita Castelo Branco, com 17.

Próxima jornada: Bombarralense - Amor; Ferrel - Alcanenense; Atouguense - Sertanense; Fátima - Gin. Alcobaça; Nazarenos - Naval; Beneditense - U. Tomar; Benf. C. Branco - Usseira; Mirandense - Mirense; Castelo Vide - Marrazes.

Série E: Samora-Campomaiorense, 1-0; Lusitânia Açores-Almeirim, 2-0; Arraiolense-Cartaxo, 2-0; Pêro Pinheiro-Portosantense, 1-0; Fut. Benfita-Santa Clara, 0-0; Cacém-Fanhões, 3-2; Lisb. Olivais-Sintrense, 1-2; Vialonga-Praiense, 1-0 e U. Santarém-Vilafranquense, 3-0.

Guia: Futebol Benfica com 17 pontos, seguido do Vilafranquense com 15.

Próxima jornada: Samora Correia - Lusitânia; U. Almeirim - Arraiolense; Cartaxo - Pêro Pinheiro; Portosantense - Fut. Benfita; Santa Clara - Cacém; Fanhões - S.L. Olivais; Sintrense - Vialonga; Praiense -

U. Santarém; Campomaiorense - Vilafranquense.

Série F: Quarteirense-C. Piedade, 3-0; Sesimbra-Amora, 1-0; Pescadores-Montemor, 2-1; Palmelense-Banheirense, 0-0; Quimigal-Moura, 0-0; Ferreirense-Vasco da Gama, 1-2; Lusitano V. Real-Imortal, 0-0; Est. Vendas Novas-Alvorense, 1-0 e Seixal-Almancilense, 3-0.

Guia: União Montemor com 18 pontos, seguido do Seixal com 17.

Próxima jornada: Quarteirense - Sesimbra; Amora - Pescadores; U. Montemor - Palmelense; Banheirense - Quimigal; Moura - Ferreirense; Vasco Gama - Lusit. V. Real; Imortal - Vendas Novas; Alvorense - Seixal; Cova Piedade - Almancilense.



Mário Leal: estreia sem glória



MANUEL ANTÓNIO JERÓNIMO
(COLECCIONADOR FILATÉLICO)

FALECEU

Sua mulher, filhos, genros, nora, netos, mãe, irmã, sogra, cunhados e mais família participam o seu falecimento e que o funeral antecedido de Missa de Corpo Presente se realiza amanhã às 10.30 horas, da Igreja de Santo Condestável para jazigo de família no Cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA BARATA

INATEL

POSTO DE VENDAS

CONCESSÃO DE EXPLORAÇÃO

Aceitam-se propostas até às 12 horas do dia 20 de Dezembro de 1988, para a exploração do Posto de Vendas do Centro de Férias do INATEL, em Oeiras, para o período de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1989, nos termos do Caderno de Encargos que se fornecerá a todos os interessados, quer no Centro de Férias, quer na Sede deste Instituto, Calçada de Santana, 180 - 1198 LISBOA CODEX. Após a abertura das propostas, que terá lugar às 15 horas do dia 20 de Dezembro de 1988, proceder-se-á à licitação verbal entre os concorrentes presentes, para apuramento da maior oferta, cujo valor base é de 300 000\$00 (trezentos mil escudos).

A DIRECÇÃO

GRUPO TEATRO HOJE TEATRO DA GRAÇA/VOZ DO OPERÁRIO

“... um espectáculo inteligente servido por interpretações excelentes”.

VALENTIM LEMOS - “Diário Notícias”

ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES
ATÉ DIA 18

TENNESSEE WILLIAMS

Vieux Carré

3.º MÊS

Subs. SEC

Horário: de terça a sábado às 21.00 h

Domingo só às 16.00 h

MARCAÇÃO pelos Telef.: 87 56 26 - 87 58 00

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução de Sentença n.º 4780/A, 2.ª Secção. Exequentes - União Fabril Farmacêutica, SA. Executado - Amaro José Seruga e mulher Josefina Conceição Mourinha Ferro Seruga, residentes na R. da Restauração, 30-C, Extremoz. Lisboa, 23 de Novembro de 1988

O Juiz de Direito

Assinatura ilegível

O Escrivão de Direito

Assinatura ilegível

«DL» - 5/12/88 - 1.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do segundo e último anúncio.

Execução SUMÁRIA n.º 6260 2.ª secção.

Exequentes - EFACEC - EMPRESA FABRIL DE MÁQUINAS ELÉCTRICAS, SA. Executado - MANUEL FERREIRA CORDEIRO, residente na Quinta do Malagasto, Lote 19-3.º-F - 2675 ODI-VELAS. Lisboa, 22 de Novembro de 1988

O Juiz de Direito,

Alfredo Carlos André dos Santos

A Escrivã-Adjunta,

Maria de Lourdes Basílio Veloso

«DL» 5/12/88 - 1.ª Pub.



Fute: discutir dá expulsão

O encontro Real Madrid-Atlético (de Fute), que a RTP nos proporcionou, foi caracterizado por muita indisciplina e alguma violência. Por seis vezes o árbitro Martin Lajarrete foi forçado a exibir a cartolina amarela a três jogadores, entre eles o nosso «menino de ouro», foram «convidados» a antecipar a sua acção em campo. Na foto Paulo esqueceu-se de que lhe está vedado protestar e, como consequência, teve de abandonar o espectáculo.

Lisboa vai ter mais árbitros

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Lisboa, continua a desenvolver excelente trabalho na valorização, aperfeiçoamento, actualização e fomento. Neste momento, decorre mais um curso de formação de mais umas dezenas de árbitros e, em homenagem aos órgãos de informação, entenderam os responsáveis pelo sector designá-lo «Curso da Comunicação Social».

A chamada acorreram 40 jovens com idades variáveis entre os 17 e os 31 anos (acrescenta-se que a média na formação literária destes candidatos é o 10.º ano) e, segundo nos foi referido pelos leccionadores, trata-se de uma «fornada» que garante elevada percentagem de aprovações.

No passado sábado, teve lugar no auditório do Centro de Medicina Desportiva (Cidade Universitária) uma sessão de trabalho em que foram convidados como palestrantes o professor Silveira Ramos, o treinador Manuel Oliveira, os dirigentes Armando Bischoito e Joaquim Conceição e o nosso companheiro de trabalho Alves Henriques.

Silveira Ramos — que recentemente desempenhou o cargo de preparador físico do Estrela da Amadora e do Belenenses — alertou, na sua bem esquematizada dissertação, os novos árbitros para os cuidados a ter na alimentação, a forma como devem atentar no preparo físico, entre outros tipos de comportamento, julgados convenientes para o bom desempenho da difícil missão. As diversas questões colocadas pelos candidatos, tiveram esclarecimento preciso e Silveira Ramos fez-se entender pelo auditório.

Manuel Oliveira (que se congratulava pelo facto de há dois anos não ter visto nenhum amarelo, o que fez questão de referir se fica a dever à mudança de atitudes advindas de bem compreender as dificuldades dos árbitros) abordou a questão das relações treinador/árbitro, tendo lamentado que ambas as classes teimem em não encontrar o ponto de contacto imprescindível para a moralização do futebol.

Manuel Oliveira abordou, com rara clareza, diversos aspectos do fenómeno futebolístico e no «espaço» de perguntas e respostas, estabeleceu animado e útil diálogo com a assistência.

Os dirigentes Armando Bischoito (Estrela da Amadora) e Joaquim Conceição (vice-presidente da AFL) fizeram importantes intervenções de ordem pedagógica e o nosso companheiro Alves Henriques recorreu aos jovens árbitros as recomendações basilares da sua função, citando o que Ribeiro dos Reis, Gameiro Pereira, Marques de Matos, Leopoldo Santana e muitos outros tratadistas da ciência arbitral escreveram e legaram a uma causa que importa fortemente moralizada. As relações árbitro/crítico tiveram largo «tempo de antena» e cremos que os candidatos, em presença, ficaram com a certeza de que o mais forte aliado do árbitro é o jornalista.

A sessão teve ainda a presença de Porfírio Alves (presidente do CA da AFL), Vítor Correia (dirigente), Alberto Hélder, Fernando Costa, Adelino Antunes, Francisco Silva (dirigente) entre outros.

Recorde-se que o exame final destes candidatos terá lugar no próximo dia 17 no ISEF.

Atletismo

GÉMEOS CASTRO DOMINAM A "CONSTITUIÇÃO"

Domingos Castro, seguido pelo seu irmão Dionísio, venceu a sétima edição do crosse internacional da Constituição, no circuito de Alcobendas, arredores de Madrid.

A prova, de 9800 metros, foi um renhido despique entre os gémeos portugueses, os quenianos William Musyoki e Kipsu-bai Koskei, os espanhóis António Prieto e António Serrano e o vencedor do ano passado, o britânico David Lewis.

A vitória de Domingos Castro apenas se decidiu na última volta ao acidentado circuito, quando surpreendeu o então líder Prieto e ganhou os escassos metros de vantagem que garantiram o triunfo à frente do seu irmão Dionísio.

Domingos cortou a meta com o tempo de 28 minutos, 23 segundos, e Dionísio gastou mais dois segundos.

A prova feminina, de 4200 metros, foi ganha pela espanhola Dolores Rizo, em 15.28, seguida pelas suas compatriotas Ana Isabel Alonso, 15.31, e Angelines Rodrigues, 15.44.

A classificação dos 10 primeiros da prova masculina:

1.º DOMINGOS CASTRO, 28.23; 2.º DIONÍSIO CASTRO, Portugal, 28.25; 3.º António Prieto, Espanha, 28.27; 4.º António Serrano, Espanha, 28.33; 5.º David Lewis, Grã-Bretanha, 28.37; 6.º Vicente Polo, Espanha, 28.51; 7.º William Musyoki, Quênia, 29.05; 8.º Abel Anton, Espanha, 29.09; 9.º Juan José Rosário, Espanha, 29.09 e 10.º Kevin Foster, Grã-Bretanha, 29.16.

Rosa Mota e Fernando Reis vencem o GP FNAC

Fernando Reis (Electrolfber) e Rosa Mota (CAP) foram os vencedores do 1.º Grande Prémio de Atletismo FNAC que se realizou na zona de Belém com a participação de 641 atletas.



Gémeos Castro e Prieto: o sorriso pelo pódio

Na competição masculina FERNANDO REIS ganhou com alguma dificuldade, terminando a prova apenas com três segundos de vantagem sobre Joaquim Morraças (Vinhais) e oito sobre o 3.º classificado, Raul Cruz (PSP).

Na prova feminina a campeã olímpica, ROSA MOTA, evidenciou a sua natural superioridade, triunfando sem problemas com uma vantagem de 1,50 minutos sobre Cristina Pires (Núcleo Odivelas).

A prova, destinada a atletas federados e não federados, disputou-se numa distância de

13 quilómetros e contou ainda com os seguintes vencedores nas restantes categorias:

Veteranos 1 (dos 40 aos 44 anos) — CARLOS SANTOS (Quimigal), veteranos 2 (45-49) — VLADIMIRO RAPOSO (Sporting), veteranos 3 (50-54) — ARMANDO ALDEGALEGA (Sporting), veteranos 4 (mais de 55 anos) — RAUL SANTOS (CDPO), juniores — PEDRO RODRIGUES (FNAC).

Albertina e Canário no pódio de Vanves

Albertina Machado classificou-se em 2.º lugar e Ezequiel Canário em 3.º nas provas femi-

nina e masculina do Crosse Internacional de Vanves, em França.

A competição masculina, de oito quilómetros, foi ganha pelo britânico, Tim Hutchings, em 23 minutos, 17 segundos, seguido pelo francês Thierry Pantel, 23.51. Ezequiel Canário entrou em 3.º lugar, em 24.11.

O queniano John Ngugi, três vezes campeão mundial de crosse e campeão olímpico dos 5000 metros, terminou na 12.ª posição.

Na prova feminina, de quatro quilómetros, a vencedora foi a britânica Jill Hunter, em 13.44, seguida por Albertina Machado, 13.50, e pela francesa Rosário Múrcia, 13.59.

Ténis: final do "Masters" joga-se hoje

Becker quer provar a Lendl que à terceira é de vez

O checoslovaco Ivan Lendl, número dois do «ranking» ATP, joga hoje a sua nona final consecutiva do Torneio dos Mestres, enfrentando na «corrida» para o título de mestre dos mestres o alemão-federal Boris Becker. O «Masters» é considerado a final do Grande Slam ou seja, o último torneio dos últimos doze meses e está dotado de um «prémio» de 750 mil dólares, contra 112 500 contos.

Para chegarem ao derradeiro encontro, ambos os tenistas tiveram de suar um bom bocado, de modo a levarem de vencida os seus adversários das meias-finais. Lendl bateu o cabeça-de-série número cinco do torneio e campeão de Wimbledon, o sueco Stefan Edberg, pelos parciais de 6/3 e 7/6 (7-4). Becker, por seu turno, eliminou a surpresa do torneio, o suíço Jakob Hlasek, que o obrigou a disputar dois «tie-breaks». O alemão-federal venceu por 7/6 (7-2) e 7/6 (7-3), naquela que foi a se-

gunda derrota de Hlasek em quatro semanas, e a única neste «Masters».

A final de hoje trata-se de uma repetição das decisões de 1985 e 1986, tendo então o triunfo sorrido, de ambas as vezes, ao checoslovaco.

No entanto, o prognóstico apresenta-se hoje bastante mais difícil, devido à quebra física e psicológica que o ainda campeão do Mundo sofreu durante esta temporada, a primeira desde 1984 em que não conseguiu arrecadar nenhum dos torneios do «Grand Slam». Depois de uma fractura de esforço num pé, Lendl submeteu-se a uma operação a um ombro logo após a final do «Open» dos Estados Unidos, e este Torneio dos Mestres é o primeiro que disputa desde então (participou no «Exibição» de Estugarda mas que não é oficial).

Daí a falta de ritmo manifestada por Lendl logo no seu primeiro encontro (e derrota) da primeira fase, contra o suíço Hlasek. É certo que se redimiou nos confrontos com os norte-americanos André Agassi e Tim

Mayotte, mas todos concordamos que, por enquanto, Boris Becker representa um perigo maior às pretensões do checoslovaco.

Com efeito, embora também tenha sofrido um desaire na fase preliminar do «Masters» perante o sueco Edberg (curioso o facto de Lendl e Becker terem derrotado nas meias-finais os jogadores que infligiram o único desaire do seu adversário de hoje), o alemão-federal demonstrou encontrar-se em bom momento de forma, principalmente no primeiro encontro, onde esmagou o outro sueco do «Masters», Mats Wilander (titular de Roland Garros, Flushing Meadow e «Open» da Austrália), graças ao seu poderoso serviço. Contudo, recorde-se que também Becker não esteve isento de problemas físicos, pois padecia de uma lesão num pé logo após a sua vitória em Indianápolis, que o impediu de competir durante algum tempo.

Lendl com melhor palmarés

Ivan Lendl, o cabeça-de-série

número dois deste Torneio dos Mestres, é o tenista que detém o recorde de vitórias no «Masters», desde que ele foi criado em 1970. Por cinco vezes o checoslovaco recebeu o gigantesco cheque, símbolo do triunfo na final, nos anos de 1981/2/5/6/7.

Nesta temporada, já com 29 anos, o campeão do Mundo (título que este ano perderá para Wilander) só venceu três torneios: Monte Carlo, Roma e Toronto.

O checo sente-se particularmente à vontade no piso atapetado do Garden («supreme» é o nome técnico da superfície) e, agora que parecem ultrapassadas as lesões, bonito seria se conseguisse conquistar o seu primeiro grande título da época, um bom incentivo para a próxima que se inicia logo em Janeiro. No entanto, terá de passar primeiro por um supermotivado Becker a querer dar razão ao ditto popular que afirma: «À terceira é de vez».

Assunção Ribeiro

Râguebi: Taça Ibérica para o Benfica

O Benfica venceu a 13.ª edição da Taça Ibérica em râguebi, ao vencer a equipa da Arquitectura de Madrid por 25-4, no Estádio da Luz.

Ao intervalo o Benfica venceu por 9-4.

João Queimado foi o melhor marcador do Benfica, com 17 pontos, seguindo-se Moita e Miguel Ferreira, com quatro cada.

O jogo, a que assistiram cerca de mil pessoas, foi dominado pela equipa portuguesa, embora no primeiro tempo os espanhóis equilibrassem a partida.

Na fase final registaram-se algumas cenas mais violentas, com agressões entre os jogadores, que levaram à expulsão dos espanhóis Rodriguez e Goizueata, aos 69 minutos.

O árbitro português João Puga, auxiliado por Levy Quitério

(português) e Loscertales (espanhol), dirigiu o jogo e o Benfica alinhou assim: Ricardo Miões, Moita, Pedro Coutinho, Paulo Gaspar (Gonçalves, 68), Miguel Ferreira, Queimado, Eduardo, Craig, Chanca, Vinagre, Pedro Rodrigues (Pedro Nunes, 78), Rui Paulo, Rui Duarte, Octávio e Vítor.

Voleibol: Leixões e Fluvial derrotados na Taça CEV

Ambas as equipas portuguesas — Leixões e Fluvial — que participaram na primeira «mão» da 2.ª eliminatória da Taça Confederação Europeia de Voleibol (CEV), sofreram derrotas pela diferença máxima (0-3).

Assim, para a variante masculina daquela competição, o Leixões foi batido no seu recinto, por 0-3, pela equipa jugoslava do Mladort Monter, com os resultados parciais de 13-15,

7-15 e 12-15.

Na variante feminina o Fluvial perdeu também, em casa, por 0-3 com o Budapesti Vasutas, da Hungria, com os parciais de 11-15, 8-15 e 8-15.

Ginástica acrobática: Portugueses em 6.º lugar

Atletas portuguesas participaram pela primeira vez numa final do Campeonato do Mundo de Ginástica Acrobática, terminando no 6.º lugar.

O trio constituído por Paula Serra, Maria Faria e Cláudia Ferreira, do Sporting, foi 6.º classificado, na final da especialidade de equilíbrio do Campeonato Mundial de Ginástica Acrobática, que se disputou em Antuérpia (Bélgica).

Nesta 8.ª edição do campeonato, o trio português foi 8.º classificado no termo das três disciplinas do torneio

Andebol

Benfica continua de "mão-cheia"

A 14.ª jornada do nacional maior de andebol (seniores masculinos) não registou qualquer surpresa, ao contrário da 13.ª (com jogos no feriado de 1 de Dezembro) em que a Académica de Coimbra bateu o Sporting, registando a sua quarta vitória consecutiva e confirmando a melhoria de prestações que vinha registando. Os coimbrões quase que faziam uma «gracinha» na Luz, anteontem, mas já lá iremos, ficando-nos agora pela análise à ronda n.º 13, que teve os seguintes resultados: Académica de Coimbra, 23-Sporting, 20; Belenenses, 24-Caramão, 14; Salgueiros, 16-Benfica, 28; FC Porto, 20-Académico de Braga, 15; Clube TAP, 24-Francisco da Holanda, 15, e Comércio e Indústria, 22-Vitória de Setúbal, 27.

Em Coimbra, registou-se, como já dissemos, um resultado que poucos vaticinariam, mesmo atendendo às três vitórias nas três jornadas anteriores (uma das quais contra o Clube TAP) averbadas pelos donos da casa. O Sporting, por seu lado, somou a sua terceira derrota, o que implicou ser alcançado pelo Vitória de Setúbal no 2.º lugar da classificação.

Neste encontro, que os leões venciam por 11-10 ao intervalo, alinharam e marcaram:

Académica de Coimbra: Pitzov (Urbano); Vítor Lemos (3), Hélio, Neiva (1), Silva (1), Liberato (1), Chiquinho (1), Sérgio (1), Praxedes (3), Remelhe (8) e Rebelo (4).

SPORTING: Carlos Silva (Pedro Miguel); Cabaço, João Costa, Tó Leite (4), Rui Manuel Ferreira (4), Pires (4), Veselin, Dragan (4), Luís Lacerda (1), Afonso Cabo e João Gonçalves (3).

No encontro que era tido como o mais importante da jornada, o FC Porto recebeu e bateu o Académico de Braga interrompendo, deste modo, a sua série negra de 5 encontros sem saborear a vitória e coincidindo com o regresso à sua casa, depois da interdição verificada após os incidentes do encontro com os «leões».



Excelente triunfo (27-20) do Sporting frente ao Belenenses

Tal facto (o levantamento da interdição do Pavilhão das Antas) levou a que o ABC jogasse sob protesto por considerar que houve irregularidades nesse processo. Esperemos para ver a resposta da Federação da modalidade.

Nos restantes quatro prélios vitórias dos favoritos com a TAP a impor-se a um competidor directo para o apuramento, o Francisco da Holanda, por diferença que não deixa margem para dúvidas (9 golos).

Passando à ronda n.º 14, eis os resultados: Camarão, 18 - FC Porto, 30; Sporting, 27 - Belenenses, 20; Académico de Braga, 31 - Comércio e Indústria, 17; Francisco da Holanda, 31 - Salgueiros, 26; Vitória de Setúbal, 18 - Clube TAP, 16 e Benfica, 18 - Académica de Coimbra, 15.

Em resumo 5 vitórias dos visitados e apenas uma vitória para os visitantes, exactamente o FC Porto que veio bater o Camarão, ao Pavilhão da Ajuda, por números que demonstram poucas dificuldades.

Nos outros jogos destaque para as vitórias esperadas do ABC sobre o Comércio e Indústria e do Francisco da Holanda perante o Salgueiros.

No Pavilhão «Borges Coutinho» a Académica de Coimbra demonstrou claramente a melhoria que vinha demonstrando e por pouco não conseguiu desfazer o comandante, mas chegando, mesmo, ao intervalo a vencer por 9-7. Na 2.ª metade, porém, os encarnados rectificaram os processos e aproveitando as falhas dos estudantes deram a volta ao resultado. Uma palavra

para o guarda-redes jugoslavo da turma coimbrã, Pitzov de seu nome, e que realizou uma exibição simplesmente impecável — o melhor em campo.

No Pavilhão «António Velge» (mais uma vez a abarrotar de público) os sadinos tiveram de suar para bater o Clube TAP, num jogo extremamente equilibrado. Os donos da casa não puderam contar com três dos seus melhores elementos (Obradovic, António Morais e Paulo Salgado) e tal veio a tirar-lhe capacidades como é óbvio, mas a conseguirem o 5.º triunfo consecutivo e a manutenção do 2.º lugar de parceria com o Sporting.

Sporting, que, depois do precalço do feriado, regressou às vitórias na sua nave, frente ao Belenenses, num encontro equilibrado até ao intervalo (14-12 para os donos da casa). Após o descanso os «leões» empregaram mais velocidade que, simultaneamente com a desconcentração dos azuis, levou ao desnivelar do resultado final.

Classificação

	J	V	E	D	P
Benfica	14	11	2	1	38
Sporting	14	10	1	3	35
V. Setúbal	14	10	1	3	35
Ac. Braga	14	10	-	4	34
F.C. Porto	14	8	2	4	32
Clube TAP	14	7	1	6	29
Belenenses	14	7	1	6	29
F. Holanda	14	7	-	7	28
Ac. Coimbra	14	5	-	9	24
C. Indústria	14	3	-	11	20
Salgueiros	14	1	-	13	16
Caramão	14	1	-	13	16

Jorge Marques

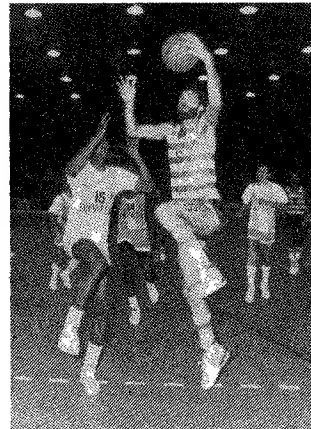
Basquetebol

Honras para o Ginásio Figueirense

Naturalmente que as honras da dupla jornada do último fim-de-semana cabem, por inteiro mérito, ao Ginásio Figueirense, que impôs a primeira derrota à Ovarense, a qual havia terminado a primeira volta do «nacional» sem que qualquer dos seus opositores tivesse conseguido travar a sua marcha vitoriosa. Na Figueira da Foz o Ginásio fez vergar a bandeira dos vareiros por 109-101 e, obviamente, que os aplausos mais vibrantes foram remetidos da Luz, Alvalade e das Antas, já que o Benfica, Sporting e FC Porto são os mais directos seguidores dos actuais campeões nacionais.

Notas de destaque destas jornadas:

• Duplas derrotas do Belenenses (frente ao Estrelas da Avenida e Benfica), Esgueira (Beira Mar e Ginásio Figueirense) e Estoril (FC Porto e Illiabum).



Os «leões» encestaram bem frente aos «dragões»

• Duplos triunfos do Sporting (Illiabum e FC Porto), Benfica (Belenenses e Imortal de Albufeira) e Ginásio Figueirense (Ovarense e Esgueira).

Resultados

12.ª JORNADA: Sporting, 85 - Illiabum, 83; Belenenses, 69 - Benfica, 94; Ginásio Figueirense, 109 - Ovarense, 101; Imortal, 100 - Estrelas das Avenidas, 85; Beira Mar, 101 - Esgueira, 82.

13.ª JORNADA: Belenenses, 82 - Estrelas das Avenidas, 89; Imortal, 77 - Benfica, 91; Ginásio Figueirense, 95 - Esgueira, 88; Beira Mar, 93 - Ovarense, 117; Estoril, 91 - Illiabum, 117; Sporting, 102 - Porto, 91.

Classificação

Após a 14.ª jornada é esta a tabela classificativa:

1.º, Ovarense, 25 pontos; 2.º, Benfica, 24; 3.º Sporting, 23; 4.º FC Porto, 23; 5.º, Imortal, 20; 6.º, Illiabum, 20; 7.º, Esgueira, 19; 8.º, Estrelas da Avenida, 18; 9.º, Beira Mar, 17; 10.º, Ginásio Figueirense, 17; 11.º, Belenenses, 16; 12.º, Estoril, 13.

CONTRATO DE SOCIEDADE

No dia vinte e quatro de Outubro de mil novecentos e oitenta e oito, no Primeiro Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, licenciado Domingos Vicente Janeiro, notário-adjunto deste cartório, compareceram:

PRIMEIRO — o dr. JÚLIO MANUEL NUNES VELOSO, natural da Lajeosa, Sabugal, casado com a segunda outorgante sob o regime de bens da comunhão de adquiridos, residente em Lisboa, na Rua Mark Athias, 42.

SEGUNDO — a dr.ª MARIA EDUARDA GONÇALVES DO CARMO, natural de Tavira (Santiago), Tavira, casada com o primeiro outorgante sob o indicado regime de bens e com ele residente.

TERCEIRO — o eng.º JOSÉ ALBERTO ABRANTES RIGOR TAVARES, natural de Fundão, casado com Maria Graciosa Nunes Veloso sob o regime de bens da comunhão de adquiridos, residente em Lisboa, na Rua Mark Athias, lote JLM, 3.º esq.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por exibição dos bilhetes de identidade, respectivamente, números: 2620772, de 3 de Dezembro de 1986; 4716197, de 3 de Dezembro de 1986, e 4064519, de 7 de Maio de 1984, passados pelo Centro de Identificação Civil e Criminal.

E POR TODOS OS OUTORGANTES FOI DITO:

Que eles, primeiro e segunda outorgantes, exercem profissão de médicos, como tal inscritos na Ordem dos Médicos, portadores das Cédulas Profissionais, respectivamente, números vinte e um mil e noventa e oito e vinte e quatro mil oitocentos e trinta e um, emitidas pela Secção Regional do Sul, da referida Ordem, exibidas neste acto.

Que, pela presente escritura, acordam entre si, na constituição de uma sociedade comercial por quotas, regida nos termos do contrato objecto dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «COMED — SERVIÇOS MÉDICOS, LIMITADA», e tem a sua sede em Lisboa, na Rua Mark Athias, número quarenta e dois, freguesia do Lumiar.

ARTIGO SEGUNDO

UM. Por deliberação da gerência, pode a sede social ser deslocada, dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe.

DOIS. A criação de sucursais, agências, delegações e outras formas locais de representação não depende de deliberação dos sócios.

ARTIGO TERCEIRO

UM. O objecto social consiste na prestação de serviços médicos e paramédicos.

DOIS. A sociedade poderá vir a desenvolver actividades em outras áreas das profissões liberais não sujeitas a legislação especial, através dos seus sócios ou de pessoas contactadas para tal efeito.

TRÊS. A sociedade pode, ainda, mediante deliberação, vir a participar, em outras sociedades ainda que de objecto diferente, em sociedades reguladas por legislação especial e em agrupamentos complementares de empresas.

ARTIGO QUARTO

UM. O capital social é de quatrocentos mil escudos, correspondendo à soma das quotas e entradas dos sócios, em dinheiro, a saber: duas, iguais, de cento e cinquenta mil escudos, uma de cada um dos sócios, Júlio Manuel Nunes Veloso e Maria Eduarda Gonçalves do Carmo, e outra de cem mil escudos, do sócio José Alberto Abrantes Rigor Tavares.

DOIS. As entradas dos sócios, referidas no número anterior, foram já realizadas integralmente.

ARTIGO QUINTO

Precedendo deliberação dos sócios e observados os necessários requisitos, podem ser exigidas prestações suplementares até ao montante de cinco milhões de escudos.

ARTIGO SEXTO

A cessão de quotas, bem como a sua divisão, dependem do consentimento da sociedade, excepto quando efectuadas em benefício de sócios, tendo estes direito de preferência na admissão a estranhos.

ARTIGO SÉTIMO

UM. A amortização de quotas é permitida, nos seguintes casos:

a) penhora, arrolamento, arresto ou outro procedimento judicial sobre uma quota;

b) morte de sócio a quem não sucedam herdeiros legítimos;

c) interdição, inabilitação, falência ou insolvência de qualquer dos sócios;

d) exoneração de sócio.

DOIS. A contrapartida da amortização será o valor que para a quota amortizada resultar do último balanço social aprovado.

TRÊS. O pagamento da contrapartida da amortização poderá ser fraccionado em seis prestações semestrais, iguais.

ARTIGO OITAVO

UM. A administração e representação da sociedade incumbem a um ou mais gerentes eleitos em assembleia geral, não remunerados se assim se vier também a deliberar.

DOIS. Fica desde já designado gerente, o sócio José Alberto Abrantes Rigor Tavares.

TRÊS. A sociedade vincula-se em todos os actos necessários ou convenientes à prossecução do objecto social, com a intervenção de um gerente.

DECLARAM AINDA TODOS OS OUTORGANTES:

a) Que a sociedade assume, desde já, de pleno direito, a responsabilidade pelo pagamento de todos os encargos e despesas, relativos à constituição, publicações e registos do presente contrato social, até ao limite de cento e vinte mil escudos; e

b) Que a sociedade fica, desde já, autorizada a proceder ao levantamento da importância representativa das entradas em capital, depositadas na Caixa Geral de Depósitos, nos termos da guia a que adiante se fará referência e tendo em vista a aquisição de equipamento e mercadorias, necessários à prossecução dos fins sociais.

ASSIM O DISSERAM.

Exibiu-se: a) certificado de admissibilidade da denominação adoptada, passado em 14 de Outubro de 1988, pelo Registro Nacional de Pessoas Colectivas.

b) duplicado do depósito em nome da sociedade, relativamente à quantia de quatrocentos mil escudos, representativa da soma das entradas em dinheiro, realizadas pelos sócios, efectuado na Caixa Geral de Depósitos, em vinte de Outubro corrente.

Foi feita aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de todos, a leitura desta escritura, a explicação do seu conteúdo e a advertência da obrigatoriedade do registo deste acto, dentro de noventa dias.

Júlio Manuel Nunes Veloso
Maria Eduarda Gonçalves
do Carmo
José Alberto Abrantes
Rigor Tavares

O Notário-Adjunto,
(Ilegível)

"D.L." 5/12/88

SPORTING "PATINOU" NAS ANTAS

O encontro principal da 5.ª ronda do Nacional da I Divisão teve por palco o pavilhão das Antas e na plateia estiveram mais de quatro mil espectadores para assistir ao confronto entre o Sporting (liderado por Livramento) e o FC Porto (comandado por Cristiano).

Realista foi a grande figura do encontro ao marcar três golos (tantos como os obtidos por Pedro Alves (do Sporting) no jogo que terminou com a significativa marca de 8-3 a favor dos «dragões», o que evidenciava a sua superioridade no decurso da partida, que, ao intervalo registava, 5-2 a favor dos portistas.

Esta foi a nota dominante da jornada que os 11 golos (contra dois sofridos) do Benfica perante o CACO devem ser considerados como factor relevante para a turma que lidera (invicta) o campeonato.

Sobre os demais encontros, nada que justifique referência especial a não ser a dificuldade experimentada pela Juventude de Viana (3.º classificado)

para derrotar (2-1) o Turquel e para o único triunfo, fora, conseguido pelo Sp. de Tomar frente ao Famalicense.

No que respeita a goleadores Jorge Conceição (Benfica) e Alfredo (Barcelos) foram os mais certos com cinco golos enquanto Serginho (Barcelos) obteve quatro tentos e Realista (Porto) e Pedro Alves (Sporting) remataram três vezes com acerto.

Resultados

OC Barcelos-Paço de Arcos, 9-4; Sanjoanense-Oliveirense, 3-2; FC Porto-Sporting, 8-3; Benfica-Campo de Ourique, 11-2; J. Viana-Turquel, 2-1; Famalicense-Sp. Tomar, 3-5 e Parede-I. Sagres, 3-2.

Classificação

	J	V	E	D	P
BENFICA	5	5	0	0	15
FC Porto	5	4	0	1	13
Juv. Viana	5	3	1	1	12
Sporting	5	3	0	2	11
Sanjoanense	5	3	0	2	11
Sp. Tomar	5	3	0	2	11
Turquel	5	2	1	2	10



Fase do encontro Porto-Sporting

Parede	5	2	1	2	10
Inf. de Sagres	5	2	0	3	9
Oliveirense	5	2	0	3	9
OC Barcelos	5	2	0	3	9
Paço de Arcos	5	1	1	3	8
Famalicense	5	1	0	4	7
C. Ourique	5	0	0	5	5

Europeu de Juvenis:
Portugal no 2.º lugar

A turma nacional de juvenis, que perdeu perante a Suíça (jogo inaugural) e com a Itália,

acabou no 2.º posto mercê dos triunfos conseguidos nas últimas jornadas, frente à Inglaterra e Espanha ambos pela mesma marca (3-2). A classificação final ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	P
ITALIA	7	6	1	0	13
PORTUGAL	7	5	0	2	10
Espanha	7	5	0	2	10
Suíça	7	3	2	2	8
França	7	3	1	3	7
RFA	7	2	0	5	4
Inglaterra	7	1	1	5	3
Holanda	7	0	1	6	1

Competições europeias:
sorteio

O sorteio realizado em Montreux, a contar para as competições organizadas pela CRES ditou os seguintes parceiros para as equipas portuguesas: TAÇA DOS CAMPEÕES: Sporting-Kurink (Bélgica). TAÇA DAS TAÇAS: FC Porto-Rolta (Bélgica). TAÇA CERS: Montreux (Suíça)-Paço de Arcos, Benfica-Genève (Suíça) e Barcelos-Réus (Espanha).

As pré-eliminatórias — o Barcelos está nessa — disputam-se a 4 e 18 de Fevereiro enquanto os demais, terão lugar a 4 e 18 de Março excepto os jogos da Taça dos Campeões que só terão lugar em Abril.

16.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Av. ALMIRANTE REIS, 104-1.º

NOTÁRIO: Lic. FERNANDO LOPES CORREIA SEMEDO

VISTA LEASING - AUTO, ALUGUER DE AUTOMÓVEIS, SA
CAPITAL SOCIAL: DEZ MILHÕES DE ESCUDOS

Faço público que por escritura de onze de Novembro, corrente, exarada de folhas vinte e oito verso a folhas trinta do livro C-CENTO OITENTA E SETE-H, das notas deste cartório, foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo contrato seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO

A Sociedade adopta a denominação «VISTA LEASING - AUTO, ALUGUER DE AUTOMÓVEIS, SA», e durará por tempo indeterminado a partir da sua constituição.

ARTIGO SEGUNDO

A sua sede é em Lisboa, na Travessa das Amoreiras, número sete, Letra «A», freguesia de São Jorge de Arroios, podendo a mesma ser transferida para outro local dentro da mesma cidade, por simples deliberação do Conselho de Administração.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade tem por objecto a indústria de Aluguer e Leasing (Rent-a-Car) de Automóveis e respectiva assistência.

CAPÍTULO SEGUNDO
CAPITAL, ACÇÕES E OBRIGAÇÕES
ARTIGO QUARTO

O Capital Social é de dez milhões de escudos, representado e dividido em dez mil acções, cada uma com o valor nominal de mil escudos, e está inteiramente subscrito e realizado em trinta por cento por cada um dos accionistas, sendo o restante diferido para o prazo de seis meses, a contar de hoje.

ARTIGO QUINTO

As acções são nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis, à vontade do accionista a cargo de quem ficarão as despesas de conversão.
Parágrafo primeiro - Haverá títulos de dez, cinquenta, cem, quinhentas acções.
Parágrafo segundo - As acções serão assinadas por dois administradores, podendo a assinatura de um deles ser efectuada por chancela.

ARTIGO SEXTO

A Sociedade poderá emitir obrigações, nos termos das leis aplicáveis e nas condições que forem estabelecidas em Assembleia Geral.

ARTIGO SÉTIMO

A Sociedade pode, sob qualquer forma legal, associar-se com outras pessoas jurídicas para, nomeadamente, formar sociedades, agrupamentos complementares de empresa, consórcios e associações em participação, bem como adquirir e alienar participações no capital de outras empresas privadas ou estatais.

Parágrafo único - A Sociedade poderá adquirir acções e obrigações próprias e sobre elas efectuar quaisquer operações, por deliberação do Conselho de Administração.

CAPÍTULO TERCEIRO
ÓRGÃOS SOCIAIS
ARTIGO OITAVO

Os Órgãos Sociais são: A Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal.

ARTIGO NONO

A Sociedade é gerida por um Conselho de Administração, composto por três ou cinco membros, eleitos em Assembleia Geral, os quais designarão, entre si, um membro que será o presidente.

Parágrafo único: O Conselho de Administração poderá designar, de entre os seus membros, um Administrador - Delegado, ao qual caberá especialmente, o expediente e execução das resoluções do Conselho.

ARTIGO DÉCIMO

A Sociedade, por intermédio do seu Conselho de Administração, poderá conferir mandatos a trabalhadores da empresa ou a pessoas estranhas a ela, encarregando-as do desempenho permanente ou temporário de quaisquer funções que deverão ficar expressas no respectivo mandato.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

Compete ao Conselho de Administração, sem prejuízo das demais atribuições que lhe conferem a lei a estes estatutos:

- Gerir todos os negócios e efectivar todas as operações relativas ao objecto social;
- Representar a Sociedade, em juízo e fora dele, propor e contestar quaisquer acções, transigir e desistir das mesmas e comprometer-se em arbitragens. Para o efeito, o Conselho de Administração poderá delegar os seus poderes num só mandatário constituído nos termos do artigo nono;
- Aprovar o orçamento e plano da empresa;
- Adquirir, alienar e onerar quaisquer bens imóveis e móveis, incluindo acções, quinhões, quotas e obrigações;
- Deliberar que a Sociedade se associe com outras pessoas para, nomeadamente, formar sociedades, agrupamentos complementares da empresa e celebrar contratos de consórcio e de associação em participação;
- Contrair empréstimos no mercado financeiro nacional e/ou estrangeiro prestar as garantias necessárias e aceitar a fiscalização das entidades mutuantes;
- Designar quaisquer outras pessoas, individuais ou colectivas, para o exercício de cargos sociais noutras empresas;
- Deliberar que a Sociedade preste às sociedades de que seja titular de acções, quotas ou partes sociais, apoio técnico e financeiro, concedendo empréstimos e prestando avales e fianças.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

Com excepção do disposto na alínea b) do artigo anterior todos os documentos que obtenham a Sociedade, incluindo cheques, letras, livranças só a vincularão quando assinadas por:

- Dois administradores;
- Um administrador e um procurador de outro;
- Um administrador e um mandatário, constituído nos termos do artigo décimo;
- Um administrador se para o acto ou actos tiver mandato dos restantes administradores.

Parágrafo único - Os documentos de mero expediente poderão ser assinados por um só administrador ou por um dos mandatários constituídos nos termos do artigo décimo.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

Fica expressamente proibido aos administradores, procuradores ou mandatários obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

O Conselho de Administração reunirá, normalmente, uma vez por mês e, além disso, todas as vezes que o presidente o convocar, devendo constar das respectivas actas as deliberações que foram tomadas.

Parágrafo primeiro - O Presidente convocará a reunião do Conselho sempre que o julgar necessário e, ainda, quando for solicitado para tal por algum dos seus membros.

Parágrafo segundo - Fora dos casos em que se dispõe contrariamente, as deliberações serão tomadas por maioria dos votos, tendo o presidente, em caso de empate, o voto de qualidade.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

A fiscalização da Sociedade será exercida por um Conselho Fiscal composto de:

- Três membros efectivos e um suplente, eleitos em Assembleia Geral ou;
- Uma Sociedade de Revisores de Contas nomeada em Assembleia Geral

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

As atribuições do Conselho Fiscal são as que lhe são especificadas na Lei, e as que lhe ficam consignadas nestes Estatutos.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

O Conselho Fiscal reunirá, ordinariamente, uma vez por trimestre, em dia designado pelo presidente, e, extraordinariamente, sempre que algum dos seus membros o julgar conveniente e, ainda, a pedido do Conselho de Administração para dar o seu parecer sobre assuntos que este lhe submeta.

Parágrafo único - As deliberações são tomadas por maioria de votos, tendo o presidente, em caso de empate, voto de qualidade.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

Os Conselhos de Administração e Fiscal poderão reunir em sessão conjunta para apreciar os assuntos que exijam parecer do Conselho Fiscal, a solicitação do presidente do Conselho de Administração.

Parágrafo único - A convocação destas sessões conjuntas será feita pelo Presidente do Conselho de Administração, por carta registada, indicando o assunto a tratar, expedida com a antecedência mínima de cinco dias.

ARTIGO DÉCIMO NONO

No caso de falta, renúncia ou impedimento, quer temporariamente quer prolongado, de qualquer dos membros do Conselho de Administração, compete ao Presidente da Assembleia Geral a designação de um substituto que exercerá as suas funções até à próxima Assembleia Geral.

ARTIGO VIGÉSIMO

Os membros do Conselho de Administração cautionarão o exercício do seu cargo, conforme for deliberado pela Assembleia Geral que os elegeu.

CAPÍTULO QUARTO

ASSEMBLEIA GERAL
ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

A Assembleia Geral é constituída por todos os accionistas possuidores de acções ou títulos de subscrição que as substituem, que, até ao início da sessão façam a prova da sua titularidade.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

Cada acção corresponde a um voto, tendo os accionistas tantos votos quanto as acções que possuírem, sem qualquer limite.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO

Os accionistas poderão fazer-se representar por outros accionistas a quem confiaram mandato por simples carta, que, indicando o número e a data do «Diário da República» em que haja sido publicado o aviso convocatório da assembleia, seja dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral e entregue até ao início da sessão.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

A Assembleia Geral poderá funcionar em primeira reunião, desde que se achem presentes accionistas com direito de voto que representem mais de cinquenta por cento do capital social.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO

Se a Assembleia não puder funcionar, à primeira convocatória, por insuficiência de representação, será convocada nova reunião que terá lugar dentro de trinta dias, mas não antes de quinze, considerando-se válidas as decisões nela tomadas qualquer que seja o número de accionistas presentes e o capital representado.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO

O clausulado nos dois artigos anteriores não se aplica à Assembleia Geral destinada, no todo ou em parte, à nomeação de liquidatários.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO

A Mesa da Assembleia Geral será constituída por um presidente e um secretário.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO

A Assembleia Geral reunirá:

- Em sessão ordinária, no primeiro trimestre de cada ano;
- Em sessão extraordinária, sempre que os Conselhos de Administração ou Fiscal o julguem conveniente ou quando requerida por accionistas que representem pelo menos vinte e cinco por cento do capital social.

CAPÍTULO QUINTO
DISPOSIÇÕES GERAIS
ARTIGO VIGÉSIMO NONO

O exercício social coincide com o ano civil.

ARTIGO TRIGÉSIMO

As eleições para os cargos sociais serão feitas de três em três anos, sendo permitida a reeleição.

Parágrafo único - Os membros dos órgãos sociais permanecerão no exercício das suas funções até à eleição e posse de quem deva substituí-los.

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO

As remunerações dos membros dos órgãos sociais serão fixadas anualmente por uma comissão de vencimento composta por três membros eleitos trienalmente pela Assembleia Geral.

ARTIGO TRIGÉSIMO SEGUNDO

Os lucros líquidos, apurados em cada exercício, terão a seguinte distribuição:

- A percentagem que a lei determinar para integração ou reintegração do Fundo de Reserva Legal;
- O remanescente terá o destino que lhe for dado em Assembleia Geral, pelos accionistas que representem, pelo menos, cinquenta por cento do capital social, mesmo para constituição ou reforços de fundos e reserva, sem qualquer limite.

ARTIGO TRIGÉSIMO TERCEIRO

Para o triénio de mil novecentos oitenta e oito a mil novecentos e noventa o Conselho de Administração será composto pelos seguintes membros:

Presidente: Mahendrakumar Narotamo Volobdasse, casado, residente na Rua Alves Fedol, 314-11.º E, H38, 4000 PORTO.
Administrador: Narendrakumar Gordhandas, casado, residente na Rua Damião de Góis, 329 - 1.º Dt.º, 4000 PORTO;
Administrador: Harichandra Gordhandas, casado, residente na Rua Damião de Góis, 307 - 2.º Dt.º, 4000 PORTO;
Administrador: Lee Doo Hieng, casado, residente na Urbanização da Portela, Lote 152 - 5.º Dt.º Sacavém;
Administrador: Sadrudin Momade Ali Manji, casado, residente na Av. do Brasil, n.º 188 - 6.º Esq.º - 1700 LISBOA.
Está conforme. - Lisboa, aos dezasseis de Novembro de mil novecentos oitenta e oito.

A escriturária Superior:
Maria Beatriz Rei: Costa

«DL» - 5/12/88

Aumenta agitação em França e Itália

Trinta mil operários das fábricas Renault iniciaram, esta manhã, uma paralisação de cinco horas causando a maior ameaça industrial ao Governo a seguir à crise da Primavera.

Os trinta mil operários da fábrica de Billancourt nos arredores de Paris serão secundados durante o dia por cerca de outros tantos empregados da Renault que efectuarão greves simbólicas em mais quatro fábricas.

Por sua vez, Roma e a província vizinha encontravam-se hoje paralisadas quando cerca de um milhão e 500 mil o-

perários continuavam uma greve de protesto de 24 horas. Os romanos viam-se privados de jornais, pessoal das fábricas e dos campos permaneciam em casa, tendo os comboios deixado de circular, cortando os transportes vitais entre o norte e o sul da Itália.

Começou o debate sobre a Lei de Meios na Assembleia Nacional

A Assembleia Nacional reuniu-se esta tarde para se ocupar da proposta da Lei de Autorização de Reitas e Despesas para o ano de 1969.

Entrando-se na Ordem do Dia, abriu o debate sobre a

proposta da Lei de Meios para 1969 o deputado eng.^o Virgílio Cruz. Começou por se referir à doença do Presidente Salazar, que «amargurou o País mas não arrastou consigo uma crise, nem interrompeu a normalidade da vida nacional...»

Emboscada

Na emboscada, que ontem armaram perto de Saigão às forças norte-americanas, que desembarcavam de um helicóptero, os "vietcongs" mataram ou feriram mais de cem soldados dos Estados Unidos - anunciou um informador militar. Acrescentou que em retaliação a aviação norte-americana dizimou um batalhão de guerrilheiros nos arrozais do delta do Mekong.

EM PORTUGAL

	1.6 h	Min. rec.	1.13 h.
Bragança ...	3	0,0	P. nub.
V. Castelo ...	12	0,0	Chuva
Vila Real ...	6	0,0	P. nub.
Porto ...	12	0,0	Neb. n.
Cóimbra ...	8	0,0	Limpo
C. Carvoeiro ...	16	0,0	Encob.
C. Branco ...	6	0,0	P. nub.
Portalegre ...	9	0,0	P. nub.
Lisboa ...	12	0,0	P. nub.
Evora ...	9	0,0	Limpo
Beja ...	5	0,0	Neb. n.
Faro ...	1	0,0	Limpo
S. Ag. ...	13	0,0	Limpo
P. Delgada ...	16	0,0	M. nub.
Horta ...	1	0,0	M. nub.
Funchal ...	18	0,0	P. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 17, Faro 19, Ponta Delgada 20, Funchal 21

Temperatura em °C • Precipitação em mm

EM EUROPA

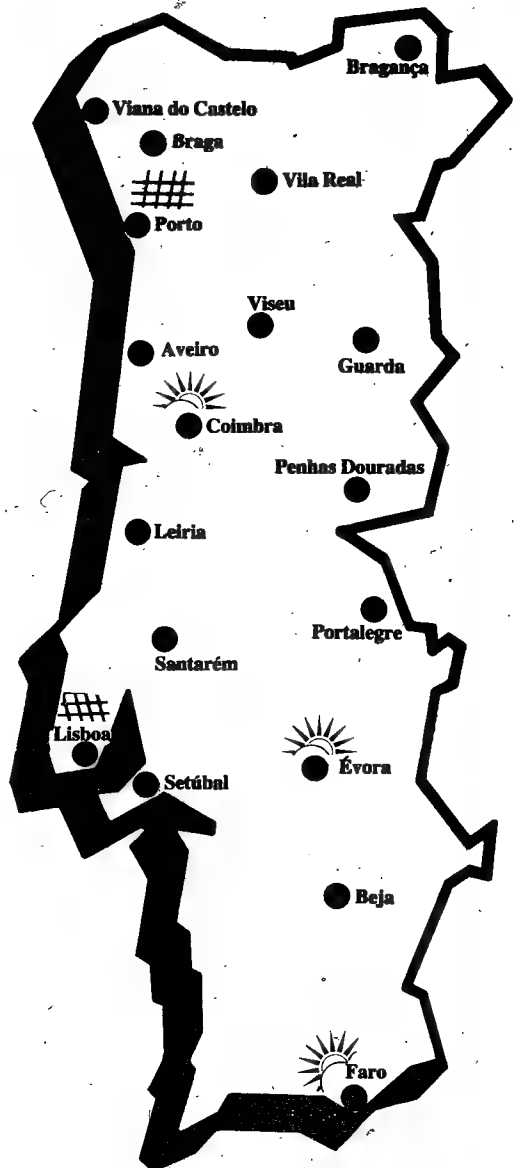
	1.6 h	Min. rec.	1.13 h.
Madrid ...	-1	0,0	Neb. n.
Londres ...	6	0,0	M. nub.
Paris ...	8	0,0	M. nub.
Bruxelas ...	6	0,0	M. nub.
Amsterdão ...	6	0,0	P. nub.
Ginebra ...	11	0,0	Ag. n.
Roma ...	11	0,0	Neb. n.
Oslo ...	-1	0,0	Neve
Copenhaga ...	3	0,0	Neb. n.
Estocolmo ...	1	0,0	Ch. n.
Berlim ...	6	0,0	Chuva
Viena ...	8	0,0	M. nub.
Ag. n. ...	4	0,0	Chuva
Atenas ...	13	0,0	Encob.
Moscou ...	-14	0,0	M. nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	1.13 h.
Caracas ...	16	24	Nublado
Johannesburgo ...	10	26	Limpo
Los Angeles ...	13	24	Limpo
Montreal ...	0	5	Nublado
Nova Deli ...	8	24	Limpo
Nova Iorque ...	1	12	Limpo
R. de Janeiro ...	18	28	Limpo
S. Francisco ...	9	20	Limpo
São Paulo ...	16	24	Nublado
Tóquio ...	6	18	Nublado

Temperatura em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE
No Continente:
Regiões do Norte: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de oeste. Períodos de chuva fraca ou chuvisco a partir da tarde. Neb. n. ou nevoeiro durante a manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros.

Regiões do Centro: Céu pouco nublado; apresentado-se temporariamente muito nublado nas regiões do litoral. Vento geralmente fraco. Neb. n. ou nevoeiro durante a manhã. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros.

Regiões do Sul: Céu pouco nublado e vento fraco a moderado de nordeste. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação de cerca de dois metros na costa Ocidental e ondulação inferior a um metro na costa Sul.

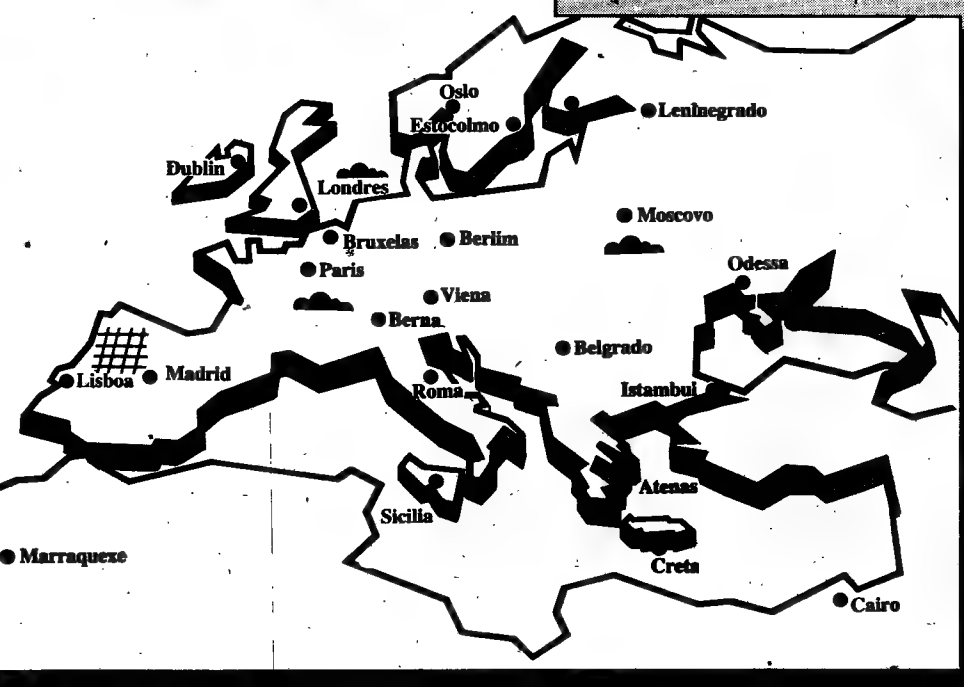
Nos Açores:
Grupo Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sul. Período de chuva.

Estado do mar: Mar de pequena vaga ou cavado ondulação noroeste de dois metros.

AMANHÃ
Céu pouco nublado. Vento moderado de nordeste. Desce da temperatura mínima e formação de geada nas regiões do Interior.

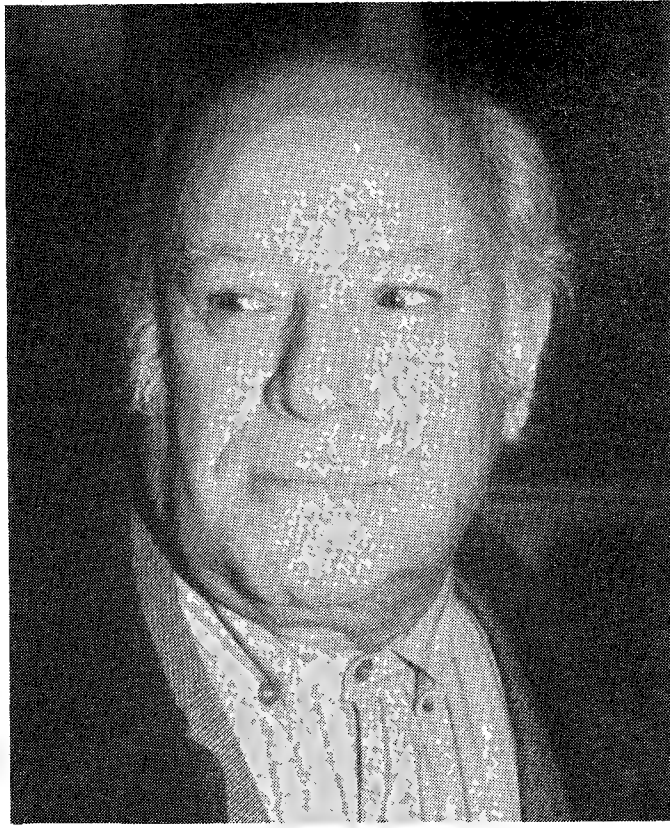
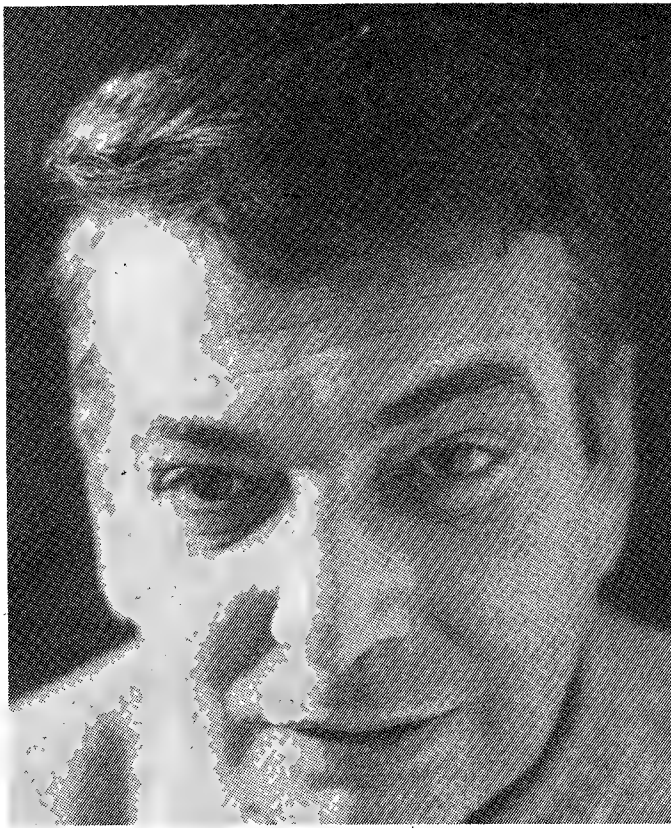
MARES
Hoje
Praia-Mar: 09.00 3,5 m; 12.28 3,6 m
Baía-Mar: 05.52 1,7 m; 18.15 1,6 m
Amanhã
11.40 3,5 m; 05.04 1,9 m; 17.34 1,7 m

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



EFEMÉRIDES

- 1956** Forças britânicas e francesas iniciam a retirada do Egipto.
- 1961** Forças das Nações Unidas lançam um ataque no Katanga.
- 1962** Os Estados Unidos e a União Soviética concordam em cooperar na invasão espacial para fins pacíficos.
- 1966** A Rodésia rejeita o projecto da Grã-Bretanha que propunha solucionar a crise rodésiana.
- 1971** A URSS vota, no Conselho de Segurança da ONU, a resolução que previa o cessar-fogo entre a Índia e o Paquistão na disputa sobre Caxemira.
- 1973** Os EUA e a Roménia assinam um acordo de cooperação económica, no termo de uma visita do presidente Nicolau Ceausescu a Washington.
- 1976** Após 44 anos de clandestinidade, o Partido Socialista Operário espanhol (PSOE) realiza o seu primeiro congresso em Espanha.
- 1977** O Egipto corta relações diplomáticas com cinco nações árabes, devido à hostilidade manifestada por esses países em relação aos seus esforços para alcançar a paz com Israel.
- 1980** É decretado o luto nacional, por cinco dias, pela morte do primeiro-ministro Francisco Sá Carneiro e do ministro da Defesa, Adelino Amaro da Costa.
- Os EUA suspendem a ajuda a El Salvador, depois de três freiras terem sido assassinadas pelas forças de segurança salvadoreñas.
- 1983** O gabinete de Imprensa da NATO, em Bruxelas, revela que Portugal gastou, 1983, 3,4 por cento do seu produto interno bruto em despesas de defesa, ocupando a sexta posição em um conjunto de 14 países da NATO.
- O social democrata Jaime Lusinchi converte-se no sexto presidente constitucional da Venezuela.
- 1984** Apresenta-se à Imprensa o Movimento Regenerador, que se autodefine como «não partidário (...), mas um movimento político» que defende «uma doutrina personalista».
- O presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, inicia o seu terceiro mandato como supremo magistrado do país.
- 1985** Os inventores portugueses presentes no 34º Salão Internacional de Invenções de Bruxelas «Eureka-85» conquistam quatro medalhas de ouro, duas de prata e quatro de bronze.
- A Grã-Bretanha decide retirar-se da organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO).
- 1986** Um tribunal de Granada condena à morte, por enforcamento, 14 antigos soldados e líderes governamentais pelo assassinio do primeiro-ministro Maurice Bishop e 10 colaboradores em 1983.



Alves Redol, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, três grandes escritores do movimento neo-realista

Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira

MEMÓRIA E LEITURA DA REALIDADE DE TODA UMA ÉPOCA DO NOSSO VIVER

Há pouco mais de seis meses foi empossada em Vila Franca de Xira a Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo, movimento que exerceu e continua a exercer profunda influência na sociedade portuguesa.

Ernesto Sampaio

No esquema inicial de organização do Museu, foram cometidas à referida Comissão, apoiada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, por uma Comissão de Honra, por um Conselho Consultivo de carácter permanente e por um Grupo de Promoção, as tarefas necessárias à preparação, orientação dos trabalhos e criação de condições de realização.

Hoje, a Comissão Instaladora já dispõe de instalações próprias, embora de carácter provisório (na Av. dos Combatentes, 80, em Vila Franca), que em breve irão estar preparadas com equipamento e pessoal especializado para recolher, catalogar, registar, tratar e inventariar os materiais que irão constituir o património do museu.

Conforme pode ler-se em, carta-circular que nos foi enviada, «dentro das tarefas imediatas e na perspectiva da dimensão histórica e real que caracterizará o Museu do Neo-Realismo, este só poderá começar a ter expressão, por um lado, fazendo parte do seu espólio museológico documentos, tais como livros (se possível primeiras edições), manuscritos, revistas, jornais, fotografias, obras de arte, etc.; por outro lado, contando com o testemunho vivo (gra-

vado para o efeito) de inúmeras pessoas que viveram, apoiaram, participaram e mesmo criticaram este movimento».

Justificação

Do modo como, em cada caso, se entendam as razões de ser que oferece uma sociedade e se considerem o que logrou alcançar e o seu futuro, resultará uma peculiar visão da marcha da história, na qual, inversamente, a vida conjunta do grupo humano constituído nessa sociedade encontra a expressão do seu sentido.

Das perspectivas que esse grupo crie, das tarefas a que se proponha, da avaliação da sua história feita, e da sua história por fazer, dependerá, em parte muito importante, a organização cultural e política que os comprometidos no jogo de interesses definido por essa acção comum, consigam constituir e desenvolver.

Cada poder, cada regime de Estado engloba — o que não significa que absorva — o tecido de relações estruturais de variado tipo, estabelecidas no seio de uma sociedade, e estas são as linhas fundamentais que desenham coerentemente a figura do mundo dos homens de cada época.

Essa figura esbater-se-á, e com ela muito do que no passado permite explicar o presente e prever o futuro se os vários tipos de património não forem recolhidos, conservados, estudados, apresentados e divulgados, sendo isso que justifica a necessidade dos museus.

O movimento neo-realista, como refere a citada carta-circular, «estendeu a sua influência a várias áreas da vida cultural com extensões de ordem social e política, contribuindo, influenciando e enriquecendo durante largos e críticos anos o património e a vida colectiva do nosso país.» Mesmo balizado temporalmente ao sabor de interpretações variáveis, avaliado segundo os mais contraditórios critérios ou não constituindo para as novas gerações mais do que memória do nosso passado próximo, a verdade é que o neo-realismo constituiu e constitui referência obrigatória e incontornável de toda uma época do nosso viver colectivo.

Pela sua profunda inserção nas diversas componentes culturais, pelo grande número de intelectuais e outras camadas da população que envolveu, pelos testemunhos muito marcados que deixou, o movimento neo-realista justifica um tratamento aprofundado, quer como memória quer como proposta de uma leitura da realidade, e é esta a principal função que um museu deverá cumprir.

Porquê o Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira?

«Poderia», respondem os organizadores, «ter surgido num dos outros locais que constituiram os focos do movimento —

Coimbra, Lisboa, Porto, Santiago de Cacém e outros. Foi, porém, em Vila Franca de Xira, importante foco da génese do neo-realismo, que mais se aglutinou a produção literária e artística com a intervenção activa e empenhada na vida cultural e social local. Hoje, ao dinamizar a formação do Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, a Câmara Municipal apoia a preservação de um património nacional — que se projecta também a nível internacional — e assume, assim, de uma forma pioneira a constituição deste museu».

Composição

O plano do museu compreende as seguintes áreas: exposições, centro de documentação, serviços e anexos-reservas. Na área de exposições, haverá uma secção de literatura constituindo o núcleo central do museu, basicamente formado por primeiras edições, manuscritos, correspondência, estudos, críticas, biografias, relacionamentos e conexões com outras actividades nacionais e internacionais: um núcleo de artes plásticas, outro de fotografia (documentação) e cinema, e ainda outros de música e teatro.

O Centro de Documentação terá secções de microcomputação e programação, investigação e pesquisa, gabinetes de investigação (área restrita a trabalho de investigação a quem o solicitar), uma biblioteca pública e uma biblioteca restrita (com acesso preferencialmente a investigadores, devido à natu-

reza ou à raridade dos materiais).

Os Serviços possuirão área de recepção - atendimento - secretaria, administração - direcção - consultadoria, extensão cultural (divulgação do património do museu fora da sua sede), auditório / sala de conferências e espaços de convívio (entre os quais uma cafetaria) e acolhimento a escritores, artistas plásticos e investigadores.

Os anexos reunirão as reservas, o arquivo de documentos, um laboratório fotográfico para registo e inventariação dos materiais, uma pequena área para trabalhos de restauro e manutenção, oficinas com equipamento para montagem de exposições e manutenção do museu, e a secção de transportes.

A Comissão Instaladora do Museu é formada por Arquimedes da Silva Santos, Rogério Ribeiro, Júlio Graça, Rodrigo de Freitas, António Mota Redol e António Teodoro Garcez da Silva, aos quais se juntam, em representação da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Daniel Branco (presidente da autarquia), José António Carmo (vereador do pelouro cultural do município) e Maria Clara de Frayão Camacho (directora do departamento de acção socio-cultural da edilidade).

Uma força activa

O neo-realismo foi um movimento totalizante, abarcando o homem todo, não separando a psicologia da biologia, o indivíduo da sociedade ou da circunstância económica em que procu-

ra resolver o problema fundamental do pão para a boca e da cultura para a inteligência.

Para o escritor neo-realista, o homem vai-se fazendo pela história e fazendo-a por sua vez, e a arte está comprometida nessa empresa, é uma força activa que se insere nesse movimento que o fomenta.

O neo-realismo começou em Portugal nos princípios da Segunda Guerra Mundial, pelos anos 40, com a publicação dos sucessivos documentários sociais de Alves Redol, que trouxeram a um público desatento a novidade de sectores populares, em geral desconhecidos. Outros escritores se lhe seguiram, como Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Vergílio Ferreira, Faure da Rosa, José Cardoso Pires, ect.

Na poesia, o neo-realismo atingiu uma alta e inovadora expressão com Mário Dionísio, Cochofel, Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado, Carlos de Oliveira, Sidónio Muralha, Polbino Gomes dos Santos, Francisco José Tenreiro e outros poetas de preocupações ideológicas afins, inseridos naquilo a que chamaram a estética da esperança — «de esperança terrestre, que na terra se há-de consumir; e um progresso que ao homem dará o domínio do universo e fará felizes, sobre a terra, os homens», conforme escreveu Maria de Lourdes Belchior Pontes.

Não importa se a esta estética, alguns tenham chamado «retórica» dá esperança. Pelo neo-realismo passou, durante largos anos, a voz popular não resignada, sóbria e cheia de desolação, mas impregnada dos sonhos e dos anseios dos homens.



Uma foto histórica: dia 10 de Maio de 1958, no café Chave de Ouro em Lisboa, o general Humberto Delgado, em conferência de Imprensa apresenta-se ao País e o prof. Vieira de Almeida apresenta-o a ele. Na mesa, da esquerda para a direita: Aquilino Ribeiro, Rolão Preto, Artur Andrade, Humberto Delgado, Vieira de Almeida e António Sérgio; atrás deste e à direita, Alcina Bastos

De hoje até dia 7, com a presença de Soares, seu ex-aluno

COMEMORADO O CENTENÁRIO DE VIEIRA DE ALMEIDA

O centenário do nascimento do prof. Francisco Vieira de Almeida é comemorado, a partir de hoje e até quarta-feira, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estabelecimento de ensino onde foi mestre e catedrático de Filosofia.

Das comemorações, destaca-se um colóquio que se prolonga pelos três dias, com sessões de manhã e à tarde e uma exposição documental intitulada «Vieira de Almeida-Vida e Obra».

A sessão de encerramento do colóquio conta com a presença de Mário Soares, antigo aluno de Vieira de Almeida.

O programa do colóquio é o seguinte:

Dia 5 (a partir das 10 horas): apresentação, por Manuela Saraiva; Vieira de Almeida e Filosofia em Portugal, por Francisco Gama Caeiro. O lugar do conhecimento na concepção de Filosofia de Vieira de Almeida, por José Barata Moura; debate e projecção de um documentário biográfico sobre Vieira de Almeida, (a partir das 15 horas): Evocação de Vieira de Almeida, por Joel Serrão; debate; História de Filosofia e Filosofia Sistemática na hermenêutica heideggeriana, por João Paisana; Da Teodiceia à Filosofia da História, em torno das implicações filosóficas do terramoto de Lisboa de 1755, por Viriato Soromenho Marques; a Filosofia da História no Renascimento em Portugal - João de Barros, por Pedro Calafate; debate.

Dia 6 (a partir das 10 horas): Intervenção cívica e acção pedagógica de Vieira de Almeida, por Piteira Santos; debate; Baumgarten e a fundação da Estética, por Adriana Veríssimo Serrão; O novo mundo amoroso da mônada feliz, por Carlos Couto; debate; (a partir das 15 horas): 100 anos de filosofia da Lógica, com a exi-

bição do filme «Kurt Godel», debate, leitura, escrita e ciência, por Fernando Belo; Kant e a Filosofia como análise da linguagem metafísica, por Leonel Ribeiro Santos; a Filosofia do conhecimento como terapia-confronto entre dois modelos: Rorty e Espinosa, por Luísa Ribeiro Ferreira, debate.

Dia 7 (a partir das 10 horas):

Vieira de Almeida e a atitude perante a Metafísica, por Mário Sottomayor Cardia; debate; A ideia de problema em «A impensabilidade da negativa» de Vieira de Almeida, por Nuno Nabais; Alguns pontos de referência no pensamento de Vieira de Almeida por José Pessegueiro; debate; (a partir das 15 horas): mesa-redonda coordenada por Cerqueira Gonçalves com Joel Serrão, Piteira Santos, Manuel Lourenço e Mário Sottomayor Cardia; pelas 17 horas, encerramento com a presença do Presidente da República.



Um livro esgotado de Vieira de Almeida (para quando a reedição das suas obras completas?): «Iniciação Lógica», de 1956

Teoria do Conhecimento

'O APREÇO A UMA SÓ NASCE DE UMA

Pedro Alvim

Outros foram os meus professores quando, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, cursei Filosofia. Foram esses outros professores, pois, que me introduziram na dúvida (que sempre se deve desejar constante) conducente ao possível conhecimento que da realidade devemos ter. Mas certamente que alguns (senão todos) haviam herdado de Vieira de Almeida (através da sua docência, uns, pela leitura das suas obras, outros) o interesse pela nobre actividade que é o acto de pensar sobre o homem e o cerco que o restante existente lhe move, isto é, sobre as coisas (e muitas são) que os seus olhos contemplam, ora deslumbrados, ora desorientados. E como todos somos herdeiros uns dos outros, mutuamente nos informando acerca do ser, é bem provável que partículas do pensamento de Vieira de Almeida tenham chegado até mim por via de uma outra geração de professores de Filosofia. Assim, e com toda a humildade que uma homenagem a outrém exige, vou-me pronunciar, dentro das minhas possibilidades, sobre Teoria do Conhecimento, teoria que precisamente requer a paciente edificação de todos os homens, argumento após argumento, mãos nas mãos, vírgula a vírgula, olhos nos olhos...

Como conhecer a realidade? Esta pergunta constitui um dos problemas, colocado clara e angustiadamente, pela tradição do Ocidente ao longo dos séculos.

Ao longo dos séculos, sim. Basta pensar em altos nomes da Antiguidade, como, por exemplo, Heraclito, Parménides, Sócrates, Platão, Aristóteles... Todos estes pensadores se diferenciavam uns dos outros - e os que se lhes seguiram, e escreveram até aos nossos dias, igualmente se diferenciavam entre si. E porquê...? A resposta, em certa medida, é relativamente fácil: por mais diversas que sejam as doutrinas filosóficas, todas elas, directa ou indirectamente, têm como ponto de partida teórico a questão da relação entre a consciência e o ser, entre o espiritual e o material. Que se anote: «A grande questão fundamental de toda a filosofia, em especial da moderna, é a questão da relação entre o pensamento e

o ser.» (Engels: *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*).

Pois bem: aqueles nomes clássicos acima mencionados (Heraclito, Parménides, Sócrates, Platão, Aristóteles) dão-nos, já então, interpretações díspares: uns afirmam Não, adjectivando com a negativa ser impossível conhecer nada com certeza e de modo absoluto; outros assumem um Sim, adjectivando com a afirmativa ser possível conhecer a realidade e apreender a sua essência, o que nos proporcionaria um verdadeiro conhecimento científico. Entre os primeiros (os do Não), temos os Cépticos e os Sofistas; e entre os segundos (os do Sim), temos Platão e Aristóteles.

Facilmente se depreende que existe já um ovo (que a imagem nos seja permitida) que, no decurso do tempo, nos iria proporcionar a elaboração de propostas diversas relativas ao problema do conhecimento.

Porque o espaço nos escasseia, e numa atitude propedéutica, recorramos, neste passo, a *Filosofia II* (Coleção Textos Pré-Universitários, dirigida pelos profs. João Morais Barbosa, Maria José Vaz Pinto, Leonel Ribeiro dos Santos e António da Silva Marques), transcrevendo o seguinte pertinente parágrafo:

«Mas foi sobretudo a partir do século XVII, com os filósofos modernos (Descartes, Leibniz, Locke, Hume), que o problema do conhecimento passou a ocupar o primeiro plano na reflexão filosófica e se constituiu como questão prévia ao tratamento de qualquer outro problema filosófico, fosse ele de natureza metafísica ou de natureza moral. O racionalismo e o empirismo da filosofia dos séculos XVII e XVIII têm essa característica comum de fazerem depender da solução do problema do conhecimento a solução de qualquer outra questão filosófica e, em última análise, o próprio estatuto da realidade ou do ser. De facto, na filosofia clássica e medieval, o problema do conhecimento esteve sempre subordinado ao problema do ser e por ele suportado. O ser determinava o estatuto do conhecimento e da verdade. A verdade concebía-se como adequação entre o conhecimento e o ser (adaequatio intellectus et rei), como o exprimiu Aristóteles ao dizer: 'Não é por pensarmos de uma maneira verdadeira que tu és branco; mas é por seres branco e pelo facto de assim o afirmarmos que dizemos a verdade.'»

A maioria das pessoas ri-se de ânimo leve destas preocupações, pois que, tendo a realidade como certa, acharão categoricamente ridícula a questão relativa à possibilidade de o homem poder ou não conhecer a realidade. Impre-

CULTURA QUE FOI CULTURA QUE É"

gnadas de senso comum, para elas não faz sentido que se pergunte se o ser (e-las dirão as coisas, o automóvel, a realidade, o pão e o vinho, isto e aquilo) é susceptível ou não de conhecimento. Ora que tolice! - pensarão, seguras de si, tomando o Metro, chegando a casa, acendendo a TV. Adiante, porém...

Suponha o leitor que reflecte sobre o conhecimento. Qual é a primeira dificuldade que se lhe depara...? Cremos que a seguinte: o leitor terá de optar, por assim dizer, sobre que espécie de conhecimento irá reflectir. E isso porque, no âmbito do quotidiano, há um conhecimento que nos atinge por via da percepção sensorial (*conhecimento sensível*) - e um outro conhecimento, quando nos dedicamos a pensar, que nos surge como produto originado pelo entendimento, o qual, como é óbvio, teremos de designar por *conhecimento racional*. Só...? Não: se o leitor se dá por satisfeito com o desenho superficial das coisas (uma cadeira, uma mesa, uma jarra), está a defrontar-se, pura e simplesmente, com o *conhecimento vulgar* do mundo. Mas se o leitor se interessar pela razão profunda das coisas, buscando para essas mesmas coisas uma explicação como que tirada do fundo de um poço, então, nesse caso, está a enfrentar o *conhecimento científico*. Outras modalidades de conhecimento...? Fiquemo-nos por mais duas: a modalidade de conhecimento de tipo imediato (*conhecimento intuitivo*) e a modalidade de conhecimento a que se tende através de uma cadeia de raciocínios (*conhecimento discursivo*).

Vejamos esse relacionamento através de um esquema deveras simples. Como...? Assim:

A primeira modalidade

com que o problema do conhecimento se apresentou foi precisamente a da distinção entre conhecimento sensorial (*sensível*) - aquele que procede dos nossos sentidos - e *conhecimento racional* (o que nos é ditado pela razão, mesmo que trabalhando sobre o material proporcionado pelos sentidos). Aqui reside, precisamente, uma das primeiras grandes conquistas da Filosofia. E Platão (Teoria das Formas, o imutável, o permanente como cognoscível) e Aristóteles (o «realmente real», a descida à matéria, a forma como conquista do juízo actuando sobre a dita matéria) reclamam, embora por modos diferentes (atentar no conteúdo dos parêntesis), a necessidade de ultrapassar o plano do *conhecimento sensível* para se chegar ao plano do *conhecimento intelectual*.

Ora bem: que medida de segurança nos pode fornecer o *conhecimento sensível*...? Poderíamos dizer, medindo bem as palavras, que nenhuma medida de segurança - e isso porque se encontra sujeito à flutuação impressionista dos objectos. Como fazer então para obtermos um resquício de verdade...? Os filósofos já há muito que se pronunciaram (e se vêm pronunciando) sobre tal: unicamente o *conhecimento intelectual* garante uma concepção estável da realidade. Assim de maneira tão simples...? Não. Explicando melhor: unicamente o *conhecimento intelectual* garante uma concepção estável da realidade (recorrendo agora aos nossos apontamentos), «simultaneamente de acordo com os objectivos da ciência (que exige um comportamento uniforme - segundo leis estáveis - por parte da realidade) e de acordo com as leis lógicas da razão humana (nomeadamente o princípio de não contradição e

o princípio de identidade.)»

Logo: Platão e Aristóteles, como se depreende do exposto, ultrapassam no que nos Sofistas se limitava a mera relatividade, afirmando, pelo contrário, «a possibilidade de uma concepção científica da realidade, segundo a qual esta aparece não como algo que procede ao acaso ou sujeita a uma permanente mobilidade de orientação imprevisível, mas como algo que age segundo leis mutáveis, correspondentes, aliás, às leis porque se rege a razão humana.»

Tenha o leitor paciência e atente ainda no seguinte: caso o leitor quisesse distinguir entre *conhecimento sensível* e *conhecimento intelectual*, seria levado, desde que ponderasse tudo devidamente, a uma outra distinção merecedora de toda a atenção. Qual...? A distinção entre *conhecimento vulgar* (opinião, *doxa*) e *conhecimento científico* (ciência, *epistème*). Qual o perfil destas duas formas de conhecimento...? O primeiro encolhe os ombros quer à objectividade, quer à coerência; o segundo, muito pelo contrário (e de novo indo aos nossos apontamentos), «não se contenta com ver o que acontece, mas procura a razão de ser ou o porquê do que acontece.»

Certamente se apercebeu já o leitor de que a ciência ou *conhecimento científico* é em Aristóteles o conhecimento da realidade pelas suas causas. Significa isto que se conhece a realidade quando se sabe o porquê das suas causas. Claro: esse porquê foge aos nossos sentidos, exigindo que a razão o descubra. Citemos, a propósito, Aristóteles: «(...) as sensações não nos dizem o porquê de nada, não nos dizem, por exemplo, a razão pela qual o fogo é quente; elas limitam-se a contestar que ele é quente.»

Quem pode acreditar, leitor, assim as coisas sendo, nos nossos sentidos...? Que não nos esqueçamos da atitude dos homens do século XVII face às teorias de Copérnico e Galileu, «segundo as quais não era o Sol que andava à volta da Terra, mas a Terra que andava à volta do Sol...» A evidência dos sentidos era desmentida, mas o *conhecimento vulgar* persistiu então, sendo Galileu obrigado a renegar o que descobrira. Discretamente, teria, no entanto, murmurado: *Eppur si muove*, assim se referindo ao movimento do globo terrestre.

Obviamente que nos tempos presentes o problema do conhecimento ganhou outra altura. Foi criada, inclusive, uma disciplina filosófica: *Teoria do Conhecimento*. Mas, como é sabido por todos quantos estes subidos assuntos não menosprezam, «sem ter em consideração o poder e o limite das nossas faulades cognitivas (assim estudei no Curso de Filosofia) não é possível hoje fazer filosofia.» E porquê...?

Porque qualquer dizer nosso sobre a realidade seria uma grande ilusão se não cuidássemos do modo de sobre ela falarmos. Pois não é Husserl que admite (com influência, entre outros, sobre Heidegger, Merleau-Ponty, Sartre) que talvez não sejamos ainda o estádio superior da evolução humana, tal como vem expresso em *A Ideia de Fenomenologia*...?

Assim, pois, a *Teoria do Conhecimento* nunca poderá ser uma teoria definitivamente acabada. A cultura não tem meta. Para fecho deste escrito, lembramos aqui palavras do prof. Vieira de Almeida, extraídas de um artigo publicado no DL em 12 de Maio de 1958: «O apreço a uma cultura, que foi, só nasce de uma cultura que é.»



Vieira de Almeida: uma inteligência arguta e imbatível, um certo ar chaplinesco

Ele não dizia nada... e afinal disse-nos tudo

Rodrigues da Silva

As primeiras aulas foram, a bem dizer, um tormento. Nós tínhamos acabado de sair do liceu, com compêndios, programas e livros únicos, e eis que nesse 1.º ano de Faculdade se nos deparava um professor que falava todo o tempo... e não dizia nada.

Esse professor era Vieira de Almeida e só mais tarde nós — ou alguns de nós — havíamos de entender que, «não dizendo nada», fora ele o único que nesse ano nos dissera tudo.

1957-58. Exacto, o ano lectivo das eleições do general Humberto Delgado (ou «do Delgado», como se dizia). As aulas começaram mais tarde. Havia a gripe asiática e, no caso de Letras, o antigo curso de Histórico-Filosóficas, em que nos matriculáramos, acabava de ser dividido em dois. Eu optei por História, mas o currículo do 1.º ano mantivera-lhe, mesmo assim, a cadeira de Introdução à Filosofia. Vieira de Almeida era o professor.

Após as primeiras aulas, o número de alunos começou a crescer. Quem só queria tomar apontamentos, sentiu-se a mais e foi-se embora. Vieira de Almeida, quanto a si, não queria saber de faltas. Ficaram os que ficaram, eu fui um deles, para o escutar.

Nas vésperas da 1.ª frequência, porém, mesmo nós, os seus fiéis, percebemos que não sabíamos que havia para estudar... e Vieira de Almeida impassível falando sempre, numas aulas que, não raro, começavam logo à porta do edifício da antiga faculdade (à Rua da Academia de Ciências) e só terminavam, horas mais tarde, no Príncipe Real, onde ele morava.

Um dia, Vieira de Almeida deixou de aparecer. Foi-se a ver... tinha sido preso pela PIDE, Salazar não lhe perdoara o «crime» de ter solicitado a vinda a Portugal do líder trabalhista britânico Bevan e mais tarde ter sido subscritor da candidatura de Humberto Delgado. Não queríamos acreditar. Vieira de Almeida, para além do mais, tinha 69 anos, daí a poucos meses jubilava-se, para nós era um sábio, prendê-lo era uma infâmia antes mesmo de ser uma prepotência.

O exame final ficou adiado «sine die», muitos de nós fomos à secretaria declarar que não aceitávamos passagem administrati-

va, modo subtil de reclamar para Vieira de Almeida a liberdade.

Um dia, ele reapareceu, sorridente, irónico, afável, o mestre de sempre, um senhor. Falámos-lhe do que se imaginava, ele foi evasivo; abordámos o exame, ele foi conclusivo: «Não sabem nada? Ótimo, que queriam vocês saber em Introdução à Filosofia? Para um dia de síntese é preciso um ano de análise e o nosso ano foi um bocado mais curto».

Os exames foram a grande surpresa: Vieira de Almeida não chumbou ninguém, na maior parte das orais era ele que falava («Tinha para aí umas aulas em atraso» — ria-se), uma vez contou que tendo-lhe um «pide» perguntado na cadeira: «Que quis V. Ex.ª dizer com isto?», ele limitara-se a responder: «Precisamente o que aí está...».

Nunca mais o vi. Em Setembro, a Faculdade de Letras reabriu já no novo edifício da Cidade Universitária e a Vieira de Almeida, a pretexto de que completara 70 anos em Agosto, foi-lhe vedada a «última aula».

A dívida ficou sempre em aberto, até agora que a Faculdade, onde foi mestre incontestado, lhe vai comemorar o centenário.

Nascera no ano de Fernando Pessoa, morreu no ano da greve académica, em 1962, e no calor da refrega a poucos de nós terá ocorrido que sermos capazes de estar ali, de algum modo, também, a Vieira de Almeida o devíamos.

Eu devo-lhe ainda mais: o termo ele ensinado, tinha eu 18 anos, que a Filosofia, antes de ser outra coisa, é uma intenção, uma disponibilidade. Para a dúvida mais do que para a aceitação, menos para o jugo do que para a liberdade.

Festival Internacional de Filmes Realizados por Mulheres

Nouchka Van Brakel:

A PIONEIRA HOLANDESA

Luisa Alexandra Botinas

Depois do tom pessimista do último texto proponho que conheçam hoje o lado negro do cinema europeu feito por mulheres. Quer isto dizer que nem tudo vai mal por estas bandas, à excepção - é claro - do cinema feminino português que infelizmente continua mergulhado num limbo de onde parece não querer sair. Nouchka Van Brakel é uma das mais importantes realizadoras holandesas. Foi ela a pioneira do cinema feminino dos Países Baixos. Depois de ter começado com um filme que ela mesma produziu, agora já a Warner Brothers se decidiu a financiar o seu último filme, «One Month Later». Vamos conhecer o caminho que percorreu para aí chegar...

Um facto não é estranho ao percurso de Nouchka Van Brakel. O de ela ser holandesa e de neste país o cinema ser apoiado pelas instituições oficiais, nomeadamente pelo governo. Há gente com sorte. Na verdade, a Holanda é em todos os aspectos uma sociedade à parte no seio da Europa, um microcosmos incrustado na grama da produção cinematográfica do cinema de minorias. Nouchka conta-nos como começou: «Há dez anos tive que ser eu a produzir o meu primeiro filme, mas a minha preocupação principal era a de me mostrar como realizadora competente e preocupada com aquilo que estava a fazer. Nem sequer acentuei o pormenor de ser uma mulher que fazia um

filme. O que eu queria era fazê-lo. Talvez por isso não fui discriminada nem enfrentei dificuldades de maior. Penso mesmo que a Holanda é o melhor sítio para se fazer filmes sem que por isso sejamos olhadas de maneira diferente. Quando comecei não havia mulheres a fazer cinema, actualmente já existem nove realizadoras no meu país e todas elas têm produzido regularmente».

A mentalidade holandesa é assim um pormenor determinante para compreender este fenómeno. Segundo a realizadora, «na Holanda o feminismo de 'combate', tal como era encarado há alguns anos, já não faz muito sentido. A situação das mulheres alterou-se. Os movimentos femininos tornaram-se



As duas mulheres que trocaram as vidas

menos agressivos, embora ainda existam os objectivos de maior justiça para as mulheres, que ainda não foram totalmente atingidos. Neste momento a situação tende a equilibrar-se».

Feminismo «levezinho»

A filmografia de Nouchka Van Brakel é predominantemente constituída por temas que abordam os problemas das mulheres. Ela justifica esta sua opção: «Procurava fazer filmes sobre mulheres porque sinto que as conheço bem e vejo que no cinema é um tema pouco tratado. Os filmes feitos por mulheres sobre mulheres são forçosamente diferentes, talvez porque nós agarramos as nossas histórias com uma sensibilidade diferente. Veja-se o exemplo da sexualidade no cinema. Ao contrário dos homens nós não relevamos os aspectos pura-

mente corporais, preocupamo-nos mais com os sentimentos». É natural: o homem «vê», a mulher «sente».

Nouchka Van Brakel já ultrapassou a fase em que fazia filmes demasiado sérios sobre o feminismo. Prova disso mesmo é o seu último projecto, «One Month Later», exibido neste Festival e seleccionado para concurso. Nouchka reconhece que se trata de um filme feminista «levezinho». Esta história: «A ideia deste filme baseia-se num facto real que se passou em Nova Iorque há três anos. Um jornalista holandês viu nas páginas do «Village Voice» um anúncio onde uma mulher casada propõe trocar por um mês a sua vida com outra solteira. Esta «life swap» aguçou a criatividade de um dramaturgo holandês que escreveu uma peça sobre o assunto e que

teve um êxito estrondoso nos Países Baixos. Eu vi a peça e logo pensei que podia fazer um filme sobre estas duas mulheres e sobre o que aconteceria um mês depois da troca».

Em «One Month Later», o casal tradicional é posto em questão, bem como a vida da mulher solteira e sem responsabilidades. Durante um mês, as duas mulheres vivem experiências interiores que transformam radicalmente as suas concepções de vida.

Na Holanda o filme teve um grande sucesso devido, em grande parte, ao final «aberto». Todas as soluções eram possíveis e isso agradou particularmente ao público feminino. Não se chega a saber como cada uma das personagens irá voltar às suas vidas anteriores. O «sonho» fica como que em suspenso...

Vantagens e desvantagens

O filme de Nouchka conseguiu o aval da Warner Brothers porque, segundo a realizadora, se trata de uma comédia. O facto de ter sido produzido por um grande estúdio foi uma vantagem. No entanto, depois do produto acabado a realizadora deixou de o controlar e aconteceram coisas que se podem considerar, no mínimo, hilariantes. Por exemplo, em Espanha o filme foi exibido numa sala de cinema porno. Segundo Nouchka, «o filme não passou na comissão de classificação e foi remetido para o circuito. O mais engraçado de tudo é que isto já se passou com filmes de Bergman e Fellini, o que até é uma «honra» para mim...»

Em Portugal, o último filme de Nouchka Van Brakel, por estranho que pareça, esteve três dias em exibição para «tapar um buraco». Ninguém deu por ele e muito menos se soube se o realizador era um homem, uma mulher ou um marciano.

Nouchka Van Brakel sente-se satisfeita com os resultados obtidos até agora. Espera que se intensifique a produção de cinema feito por mulheres mas não tem ilusões de que em 1992 o cinema feminino e europeu continuará a enfrentar as investidas do cinema americano, que não só as do cinema masculino e macho.



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

N.º 117/88

OBRAS DE BENEFICIAÇÃO GERAL

Faço saber que correm editos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por meu Despacho de 24 de Outubro de 1988 e por delegação de competência de Sua Ex.ª O Presidente (Despacho 62/P de 10 de Janeiro de 1986) os herdeiros dos co-proprietários do prédio situado no Largo do Rato, n.º 12/12-C, cujos nomes e moradas se desconhecem, a iniciar no referido imóvel no prazo de 15 dias, findo o dos editos, obras de reparação e beneficiação geral as quais deverão ficar concluídas nos 30 dias seguintes.

Foi determinada a ocupação do prédio para execução coerciva ao abrigo do disposto no artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70, de 15 de Abril, a obra a executar não carece de licenciamento municipal. Todavia se ocupar a via pública com andaimes, amassadouros, caldeiras, tubos de descarga, apetrechos, acessórios e materiais para obras, deverá munir-se de licença para o efeito. Deverá, ainda, juntar uma declaração de responsabilidade no caso de armar andaime, conforme dispõe o artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 41 821, de 11 de Agosto de 1958.

Paços do Concelho de Lisboa, em 23 de Novembro de 1988

Por delegação do
Presidente da Câmara Municipal
O Vereador
a) Vasco Franco



ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL
TRIÊNIO 1989-1992

CONVOCATÓRIA

No cumprimento do disposto nas alíneas a) e b) dos artigos 4.º e 6.º do Regulamento Eleitoral, previstos nos artigos 40.º e 66.º dos Estatutos, convoco todos os associados deste Sindicato no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Eleitoral a realizar no dia 19 de Janeiro de 1989, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— ELEIÇÃO DOS MEMBROS DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL E DA DIRECÇÃO PARA O TRIÊNIO DE 1989 A 1992.

As mesas de voto funcionarão das 9h00 às 21h00, nos locais a designar oportunamente.

Os processos de candidatura devem obedecer ao estabelecido no artigo 65.º dos Estatutos e art.ºs 2.º e 8.º do Regulamento Eleitoral e serem entregues à Mesa da Assembleia Geral, na sede do Sindicato, Rua Almirante Reis, 68 no Barreiro, até ao dia 20 de Dezembro de 1988, no horário normal de funcionamento dos serviços, ou seja: Dias úteis, das 10h00 às 13h00 e das 15h00 às 19h00.

Barreiro 3 de Dezembro de 1988

Pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(José Ferreira Antunes)

Maria João e Takase no S. Luiz

O FADO DO JAZZ

Jose Duarte

Dá sempre jeito encontrar o afinador de pianos antes de um concerto.

Nunca em tal tinha reparado. São as figuras essenciais que habitam a sombra, que asseguram um espectáculo, as regras de um concerto, porque um dó tem que ser mesmo um dó.

Depois do concerto, e durante, o afinador já não tem razão de ser, agora então que os «clusters» de antebraço são muito praticados, que os pianos se «preparam», que o teclado é declaradamente zona de percussão.

Cecil Taylor, em Portugal, está com uma média de seis cordas partidas por concerto.

A de Aki Takase não investi-guei. Diz-se que Stravinsky gostava de se sentar ao piano logo a seguir a um concerto de jazz.

O piano ainda arfava, dizia ele, quente de ter sido instrumento.

No teatro do S. Luiz (um santo), no sábado à noite, as primeiras palavras que vieram do palco foram: «foi por vontade de Deus!» Maria João, de preto vestida, avançava pelo território do fado, só com o propósito de o utilizar, deformar, recriar.

Ao piano, de preto vestido, atacava Takase, japonesa e enérgica, música de vários estilos, segura e dedicada à arte.

Bom som e público escasso. Repórter cumpridor vai beber às fontes fidedignas, o porteiro

que os rasgou, um a um: «Estão 287 pessoas!» Somei-lhe os fotógrafos, subtraí-lhe os convites. É o fado do jazz!...

Depois assisti ao passeio musical das duas senhoras, passeio variado de braço dado pelos fados, pelos «standards», pelos inesperados («Lush Life» de William Strayhorn), pelo «bop» quase puro, por temas nipónicos (como é que João fixou a letra?), por «encores» forçados (é desconto que o público português sempre exige) que inclui o lastimável tema, típico do género Bassey, que fala de palhaços.

A solo, Aki Takase, desenvolveu uma boa versão de «Giant Steps», mostrando um excelente fraseado linear que alternou com blocos, antebraçadas, pura percussão teclada. Foi um momento alto, que deu para meditar na subversão que a linguagem do piano moderno levou à sensibilidade oriental a qual, sabe-se lá porquê, cá deste lado do globo, é tida como contemplativa.

Houve ainda uma peça na qual as artistas cantaram ao desafio e para o espectáculo ficar esgotado só faltou João tocar piano pois as combinações de aptidões quase se esgotaram.

Foi então que a minha teoria sobre a diferença entre palavras e sons abstractos caiu por terra, na velha carpeta do sombrio São Luiz: é que, mal eu suspeitava, a diferença só funciona entre



povo que canta na mesma língua! Takase ao improvisar, entoando sons sem significado, chegou ao dissílabo pu-ta, musicalmente certo e que não ofendeu ninguém. Só fez sorrir em amarelo os portugueses e estimulou o diálogo com João, que era afinal o pretendido.

Maria João mostrou também, e às claras, várias influências cruzadas e inevitáveis nos tempos musicais que correm: as esperadas de Sheila Jordan e Lauren Newton, embora mais comedidas do que era habitual há meses, a da música afro-

brasileira, a da rainha Betty Carter, a do omnipresente McFerrin.

Na sua peça a solo, João contou uma história que foi do orgasmo até outros acontecimentos na vida duma mulher, utilizando a tal espécie de «scat», sons improvisados que saem pela boca fora com uma interessante invenção e precisão musicais. Boa ideia, sim senhora! Só que as legendas, em português, a separar os capítulos é que são absolutamente desnecessárias. Ou a música fala, se explica, ou acrescentar por ela é redundância, é pleonasmo. A boa música não usa bengalas, amanhã João vai deitar essas fora. Assim seja.

E lá foi João Takase embora, para a Europa, para os States, para o Oriente Extremo, encher salas, ouvir aplausos, gravar discos, brilhar. É o fado!

Saímos os mesmos 287, mas só alguns em direcção ao Hot, um clube de Portugal, onde nos esperava outra Maria, a Viana, outra música, com os manos e primo Moreira.

Não perca o próximo capítulo, no jazz nunca se sabe se a música acaba bem.

Grande Prémio de Huelva para Fonseca e Costa

O filme de Fonseca e Costa "A Mulher do Próximo", foi galardoado no sábado, com o Grande Prémio do Festival de Huelva, em Espanha.

Produzida por Tino Navarro e já estreado em Portugal, esta película é interpretada pelos actores portugueses, Carmen Dolores, Virgílio Teixeira, Mário Viegas e Vítor Norte e pela brasileira Fernanda Torres.

Semana Cultural de Algés

Conforme noticiámos no sábado, tem hoje início a Quarta Semana Cultural de Algés, uma iniciativa do "Intervalo - Grupo de Teatro. Uma alteração de última hora surgiu, todavia.

Acontece que todas as sessões programadas para a sede do "1º Acto - Clube de Teatro" já não se efectuam neste local, mas sim no Palácio Anjos, da Câmara Municipal de Oeiras.

Segundo nos revelou esta manhã um elemento da organização, tal mudança fica a dever-se a "quebra de compromissos, por escrito" que oportunamente tinham sido assumidos pela direcção do "1º Acto". Encerrada a Semana Cultural, tentaremos informar os nossos leitores, mais detalhadamente, sobre os motivos que estiveram na base desta alteração.

Artesanato regional em Coimbra

O governador civil de Coimbra, Carlos Loureiro, inaugurou nesta cidade o Primeiro Salão de Artesanato Regional, promovido pela Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC).

A amostragem de manufacturas artesanais ocupa 30 «stands» do pavilhão da ACIC, nos quais se patenteiam objectos de olaria, latoaria, louça artística, tapeçaria, tecelagem, rendas, cestaria, palitos e outros artefactos em madeira.

O Primeiro Salão de Artesanato Regional funcionará até 11 de Dezembro com os artesãos mostrando ao vivo as suas técnicas de fabrico.

Até quarta-feira na Gulbenkian

Encontro Internacional Pessoaano inaugurado esta manhã por Soares

«Portugal sente, naturalmente, o maior orgulho e estímulo pela admiração que hoje dedica à obra do genial poeta, símbolo emblemático da cultura moderna, ser partilhada por tantas e tão diferentes nações, algumas das quais aqui representadas por figuras cimeiras das suas culturas, contando-se entre elas ilustres pioneiros no estudo e divulgação da obra ímpar de Fernando Pessoa» — disse esta manhã o Presidente da República ao inaugurar, na Fundação Gulbenkian, o Encontro Internacional Pessoaano, que decorrerá até à próxima quarta-feira.

«Não há de certo melhor forma de homenagear Pessoa do que juntar num encontro, para debater a sua obra, aqueles que há muitos anos a amam, a estudam, e a deram a conhecer nos seus diferentes países. Entre tão ilustres pessoanos, alguns que não puderam estar fisicamente presentes, mas que por igual desejo saudar, outros já falecidos, permitam-me que invoque aqui — e no momento solene da abertura do encontro — o nome de João Gaspar Simões, escritor de raríssima probidade intelectual e homem de princípios, cu-

ja devoção à obra de Pessoa, de que foi dos primeiros e mais distintos estudiosos, está na origem da extraordinária aventura do seu conhecimento e divulgação» — afirmou ainda Mário Soares, a dado passo do seu discurso.

A secretária de Estado da Cultura participou também na sessão solene de abertura do Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa.

O encontro, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, está integrado no programa comemorativo «Um Século de

Pessoa».

Eugénio Lisboa, Angel Crespo e Arnaldo Saraiva são alguns numerosos especialistas nacionais e estrangeiros que participam no encontro, cujos temas vão permitir uma análise da obra do poeta e do seu enquadramento cultural e que conta com o patrocínio da Fundação Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

O coordenador deste encontro é o ensaísta Eduardo Lourenço, nele participando, entre outros, Cleonice Berardinelli, Robert Vrechon (um dos responsáveis pela tradução, em França, da obra de Pessoa), Georg Rudolf Lind, Eugénio Lisboa, Angel Crespo, Clara Rocha e José Sasportes.

O temário do encontro compreende rubricas que vão da linguística, ao pensamento de Pessoa, passando pela religião e do imaginário cultural do escritor.

Ainda durante o encontro, realizar-se-á uma mesa-redonda entre escritores portugueses e espanhóis.



Angra do Heroísmo deve ser um "pólo intelectual"

O director do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo, disse que a cidade tem de transformar-se num «pólo intelectual e em centro administrativo».

Falando num colóquio comemorativo do quinto aniversário da inclusão de Angra do Heroísmo na lista do património mundial da UNESCO, Maduro Dias disse que a fase de reconstrução da cidade de Angra do Heroísmo «está ultrapassada e que agora é, preciso pôr em prática um plano de salvaguarda da zona histórica».

Para o director do Gabinete da Cidade, um organismo governamental que gere a zona classificada pela UNESCO, a salvaguarda da zona histórica implica «promover o equilíbrio entre o desenvolvimento e os

valores arquitectónicos e históricos que levaram à inclusão de Angra do Heroísmo na lista do património mundial».

O porto de Angra do Heroísmo, que esteve na base do crescimento da cidade no século XV, vai deixar de ter importância comercial com a entrada em funcionamento do porto oceânico da Praia da Vitória, ainda este ano.

«Este facto — afirma Maduro Dias — implica que o futuro de Angra do Heroísmo seja planeado de acordo com um novo ordenamento do território na ilha Terceira.

Participaram no colóquio sobre património mundial, promovido pela Câmara de Angra do Heroísmo, diversos políticos, técnicos e intelectuais.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Alfa 2

**MARCELINO, PÃO E
VINHO**
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 3

A PRIMEIRA DENTADA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 4

**UM PRÍNCIPE EM NOVA
IÓRQUE**
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa Club

FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras

Amoreiras 1

FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 2

FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3

**UM PRÍNCIPE EM NOVA
IÓRQUE**
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 4

ALGEMAS DE CRISTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 5

**MARCELINO, PÃO E
VINHO**
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

Amoreiras 6

**ENTRE O INFERNO E O
CÉU**
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
24.00 h

Amoreiras 7

A HORA DOS HERÓIS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 24.00 h

Amoreiras 8

OS CANIBAIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Amoreiras 9

**O SEGREDO DE
MILAGRO**
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 10

PRETO NO BRANCO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.30, 21.30 e
00.15 h

Pub.



“O Pequeno Nikita” — quando ele adormeceu era um típico rapaz americano. Ao acordar era filho de espões russos. — em exibição nos Cinemas: Terminal, 7.ª Arte e Babilónia Amadora

Apolo 70

ALGEMAS DE CRISTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

MORTO A CHEGADA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e
23.45 h

Berna

— T. 776098

FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitório

— T. 372358

SELF-SERVICE DO SEXO
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e
23.00 h

Cinebolso

SEXO EM MIAMI
(maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
BURLONAS SEXUAIS
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

**AS AMAZONAS DO
TEMPO DE OURO**
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

SALSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FOGO CONTRA FOGO
24.00 h

Cinemateca Portuguesa

OTHON
18.30 h
PASSION
21.30 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

INFERNO VERMELHO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Estúdio Sheza

BIG
(maiores 12 anos)
15.15 e 21.15 h

City Cine

— T. 549999

A BESTA DA GUERRA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

CORPOS ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A PRIMEIRA DENTADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

LACA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

TELHADO NO CÉU
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

A GRANDE CIDADE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

**O SEGREDO DE
MILAGRO**
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

MAD MAX II
(maiores 13 anos)

Gemini

— T. 734009

U 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

CORPOS ESCALDANTES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Sala 2

ARMADILHA DE VENUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e
23.45 h

Império

— T. 555134

FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex

SALSA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Sala 2

**MORTE ENTRE AS
RUÍNAS**
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3

**BARFLY - AMOR
MARGINAL**
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A MULHER DO PRÓXIMO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CORPOS ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A MULHER DO PRÓXIMO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

**A ÚLTIMA TENTACÃO
DE CRISTO**
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 3

**MARCELINO, PÃO E
VINHO**
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

**ENTRE O INFERNO E O
CÉU**
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 h

Odeon

— T. 326283

CHASE - O PERSEGUIDO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

MIÚDAS FORA DA LEI
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(maiores 18 anos)

Pathe

— T. 821933

A CIDADE DO VÍCIO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

**ENCERRADO PARA
OBRAS**

Quarteto

T. 771378

Sala 1

A BESTA DA GUERRA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2

MILHO VERMELHO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
A SEIA DO MAL
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 3

BIRD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
POLTERGEIST II
(maiores 16 anos)
24.00 h

Sala 4

A LEI DOS DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**LEMBRAS-TE DA
ÚLTIMA NOITE?**
(maiores 12 anos)
23.45 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

**PRÍNCIPE EM NOVA
IÓRQUE**
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3

A MULHER DO PRÓXIMO
(maiores 12 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte

— T. 730715

— T. 730715

BOM-DIA VIETNAM
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e
23.45 h

Star

— T. 804210

MORTO A CHEGADA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

INFERNO VERMELHO
(maiores 16 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00,
21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

MORTO A CHEGADA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

TALHADO NO CÉU
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

RUAS DE GLÓRIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia -
«Boinas Verdes em Fúria»,
às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
h (maiores 18 anos).

ALGUEIRÃO - Cine Teatro
Chaby - «Artur, o Alegre
Falido» (maiores 6 anos).

CACÉM - Cinestúdio Flores
- «Academia da Força Aé-
rea» (maiores 12 anos)

MEM MARTINS - Estúdio
Dois Eme - «U 2» (maiores
12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino Estoril -
Encerrado para obras.

ALGÉS - Cinema 2000 -
«Nico à Margem da Lei», às
15.30 e 21.30 h (maiores 16
anos).

OEIRAS - Alto da Barra -
Sala 1 - «A Hora dos He-
róis», às 15.15 e 21.30 h
(maiores 16 anos).

Sala 2 - «A Última Viagem
de Beverly Hills», às 15.30 e
21.45 h (maiores 16 anos).

NOVA OEIRAS - Cine Pal-
meiras - Sala 1 - «Entrevis-
ta», às 15.15 e 21.30 h (maio-
res 12 anos).

CARCAVELOS - Atlântida
Cine - «Manequim», às 15.30
e 21.30 h (maiores 16 anos).

CASCAIS - Miramar - Sala
1 - «A Mulher do Próximo»,
às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00
h (maiores 16 anos).

Sala 2 - «Um Príncipe em
Nova Iorque», às 15.15 e
21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA - Academia -
«Um Ninja Americano», às
15.30 e 21.15 h, (maiores 12
anos).

ALMADA - Incrível Alma-
dense - «Duelo Mortal» às
15.30 e 21.30 h (maiores 16
anos).

O ÍNDIO XINGU EM FOTOGRAFIAS

Em simultâneo com as conferências que o sertanista e etnólogo brasileiro Orlando Villas-Boas veio proferir ao nosso país sobre os índios Xingu, a primeira das quais teve lugar há dias na Gulbenkian, encontra-se patente desta Fundação uma exposição de fotografias sobre o mesmo tema, da autoria de Dudu Tresca e António de Bacelar Carrelhas. A organização é da responsabilidade da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo, cujo presidente é justamente o dr. Bacelar Carrelhas.

A exposição, que cobre os temas "A natureza amazónica" (floresta, rios e fauna, da autoria de Dudu

Tresca) e "O índio do Xingu" (família, pesca, pintura corporal e ritos sociais, de Bacelar Carrelhas), integra trabalhos de extraordinária importância documental e apreciável valor estético.

Sobre Dudu Tresca: trata-se dum artista que conseguiu transformar o seu hobby em profissão e exercê-la com maestria. De fotógrafo de moda e publicitário, transformou-se no fotógrafo do verde. Apaixonado pela natureza e pelos grandes espaços consegue fixar, através da sua objectiva, a exuberância da flor e a vivacidade do animal na pujança do seu habitat natural.

Quanto a António de Bacelar

Carrelha, um advogado português que um dia se decide pela vida empresarial ao mais alto nível internacional, não é apenas o dinâmico executivo, mas também um apaixonado admirador na natureza. Quer seja em África ou nas Américas, nenhum detalhe foge à sua sede de conhecimento, quer sejam as flores nas grimpas das faveiras, o tronco volumoso da sumaúma, ou a piroga do índio deslizando no remanso - daí estas fotos sacadas em plena terra de índios amazónicos, bem como a sua deslocação a Portugal na companhia do seu amigo Orlando Villas-Boas, cuja presença entre nós a Câmara Portuguesa do Comércio de São Paulo patrocinou.



EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 28 de Fevereiro de 89, Tapeçarias de Vieira da Silva.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 30 de Dezembro, uma exposição de Maria José Oliveira de "Ourivesaria Têxtil" intitulada "Pano para Mangas". E ainda as exposições: "tapeçarias de Vieira da Silva" até 28 de fevereiro de 89; exposição evocativa do marquês de Angeja, "Tapeçaria de Cidália de Brito, "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", traje de 1888 a 1935, até 31 de Dezembro de 1989; "Traje de Ópera - Guarda Roupas de Tomás Alcaide" até 30 de Dezembro de 1988.

BIBLIOTECA NACIONAL: até meados de Fevereiro, a exposição "Fernando Pessoa no seu Tempo", com o lançamento das obras "Fotobibliografia de Fernando Pessoa" e o número especial da "Revista da Biblioteca Nacional" dedicado a Pessoa.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 15 de Dezembro, pintura de Paul Mathieu.

ALMADARTE (Costa de Caparica): até 18 de Dezembro, a exposição "Espaços de Falésia" com desenhos e óleos de Louro Artur.

GALERIA TITA (Setúbal): A Cetária - Galerias de Arte apresenta uma exposição individual de pintura de Carlos Canhão.

ESTUFA FRIA (nave de exposições): XVII Salão de Velharias e Objectos de Colecção.

CERVEJARIA

TRINDADE: até 8 de Janeiro, pintura de Ângela Vimonte.

CASA MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): até 18 de Dezembro, colectiva de Cristina Basto, Cláudio Ferreira e Maria João.

CENTRO GALEGO (R. Júlio de Andrade, 3): exposição de pintura de Martinez.

MUSEU DE ETNOLOGIA: até 31 de Março de 89, a exposição "A Aventura Humana".

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): o Centro de Estudos de Fotografia da Associação Académica de Coimbra apresenta a exposição de homenagem a Robert Frank.

GULBENKIAN (galeria das exposições temporárias): a exposição do fotógrafo japonês Hiroji Kubota.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL: exposição de pintura por porcelana subordinada ao tema "Flores e Pássaros", de Fernanda Ruas.

BERTRAND DO CHIADO: pintura de Isabel Pavão.

VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): até 7 de Janeiro, de terça a sábado das 15 às 20, exposição de fotografias do escocês John Thomson (1837-1921). As imagens expostas são os woodbury types da edição original de 1877-78.

ARA-GALERIA DE ARTE (Centro Comercial Libersil, loja 48, Av. da Liberdade 38): até 11 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 22, sábados e domingos das 12 às 22, pintura de Jaime da Silva e escultura de Pedro Fazenda.

CENTRO COMERCIAL LIBERSIL (Av. da Liberdade, 38): a Galeria de S. Bento apresenta, até 22 de

Dezembro, "Libesc 88" - Escultura e Instalação.

Dezenas de artistas, portugueses e estrangeiros. **LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): até 17 de Dezembro, a exposição de pintura de João Vieira "Diálogos de Lisboa-Francisco de Holanda".

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES (Casa do Adro): a exposição "Actualidades da Roménia".

"O PATAMAR"-GALERIA DE ARTE (R. da Ferraria, 13-Vila Velha, Sintra): até 8 de Dezembro, pintura de Edith Forjaz.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 29 de Dezembro, de terça a sábado das 14 às 20, pintura de Felippa Lobato.

SPA (Av. Duque de Loulé, 31): exposição de desenho e pintura de Pais Garcia intitulada "Viagens de Mim" e duas esculturas de Aureliano de Aguiar.

GALERIA CÓMICOS (R. tenente Raul Cascais, 1-B): até 31 de Dezembro, pintura de Michael Biberstein.

GALERIA CAMPO DEL ARTE (R. Vieira Lusitano, 20 A): até 17 de Dezembro, pintura de Regina Machado "Ordem-Desordem", de segunda a sábado das 16 às 20.

GALERIA DE COLARES (R. Fria, 2-Colares): até 8 de Janeiro, às sextas, sábados, domingos e feriados das 14,30 às 19,30, pintura e cerâmica de José Joaquim Ramos.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 8 de Dezembro, "Bonecas de Sempre" de Elsa Ramalho.

MUSEU DE SETÚBAL: até 11 de Dezembro: a exposição de poesia visual "Outra Escrita Novo Suporte".

GALERIA DO MONTE (Santarém): até 31 de Dezembro, a colectiva de Natal.

CENTRO CULTURAL

REGIONAL DE SANTARÉM: até 11 de Dezembro, a Bienal de Artes Plásticas "Salão de Outono 88". O júri é constituído por Maluda, Joaquim Baltazar e António Inverno.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 15 de Dezembro, a 2ª Exposição de Arte Postal Internacional organizada pelo Grupo Arterver.

GALERIA DE ARTE DO HOTEL D. JOÃO III (Leiria): até 11 de Dezembro, óleos e aguarelas de José Rodrigues.

QUADRADO AZUL (R. de Costa Cabral-Porto): pintura de Guilherme Camarinha, diariamente das 10 às 12 e das 15 às 22.

PALMA-GALERIA DE ARTE (Cº de Palma de Baixo, 6): até 14 de Dezembro, todos os dias das 14 às 20, aguarelas de Caldeira Martins.

GALERIA DN (R. Ant. Maria Cardoso, 41): a NOBAR-grupo Editorial, Lda. em colaboração com a Galeria Nasoni apresenta a exposição antológica de Domingos Pinho.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 11 de Dezembro, a primeira exposição individual de escultura de José Silva Teixeira.

GALERIA HOLLY (Largo da Trindade, 17): até 31 de Dezembro, uma exposição de obra gravada de vários artistas, entre os quais Arpad, Bissiere, c. Boumester, Bryen, A. Calder, Charchoune, S. Delaunay, Evandro Jardim, Göets, Hartung, Lansky, Leonor Fini, Magnelli, Malangatana, A. Masson, H. Michaux, Papazoff, Piza, Priner, Renina Katz, Vasarely, Vieira da Silva, J. Villon..

Patente, também, a colectiva permanente de Pintura.

GALERIA IAM (R. da Misericórdia, 92-1ª/2ª): até 16 de Dezembro, de segunda a sábado das 15 às 19, a

exposição de pintura de Carlos Batista "Tradição, Colagens e Outros Movimentos".

A MEIAS BAR - Galeria de Arte (Viseu): até 31 de Dezembro, desenho e pintura de Francisco José Simões e José Noel Perdigão.

ESPAÇO POLIGRUPO/RENECENÇA (R. Ivens, 14): de segunda a sexta das 9 às 20, sábados das 9 às 14, pintura de Manuela Frade.

HOTEL MERIDIEN LISBOA: pintura a óleo do pintor valenciano Manuel Pardo.

CASA DO ALGARVE DE ALMADA: uma exposição de escultura em carções de azeitona, de Alcindo de Jesus Pacheco.

ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta a té 15 de Dezembro, "viagens" - exposição de Pintura de Edgardo Xavier.

GALERIA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4): de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, Serrão Faria apresenta aguarelas, desenho e gravura.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 14 de Dezembro, uma colectiva de Pintura. Patente de segunda a sábado das 9 às 13 e das 15 às 19.

MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): até 12 de Dezembro, pintura de Arnaldo Figueiredo e tapeçaria de Gisela Santi.

GALERIA SPATIUM (Tavira): exposição de estrutura de Sylvia Gyax.

GALERIA LIBERDADE 190 (Av. da Liberdade, 190 s/cv): pintura de Sara Mendes, de segunda a sábado das 15 às 20.

CENTRO EUROPEU DE LÍNGUAS (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3-A): até 30 de Dezembro, pinturas de

Filipa da Silva com o título "Álibi Bis".

GALERIA 111 (Campo Grande): até 14 de Dezembro, pintura de Jacinto Luís.

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 22 de Dezembro, pintura de Helena Pinto, de terça a sexta das 15 às 19,30, sábados e domingos das 16 às 20.

SNBA (R. Barata Salgueiro): todos os dias das 14 às 20, pintura de Fernando Falpe.

GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 17 de Dezembro, uma colectiva de pintura e escultura, patente das 15 às 19,30 incluindo sábados.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2-B): até 10 de Dezembro, desenhos de Clara Menéres.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2ª): até 9 de Dezembro, de segunda a sábado das 15 às 20, "Voando sem Asas nem Motores", uma instalação de António Viana.

MUSEU DE SETÚBAL: até 11 de Dezembro, a exposição "Poesia: outras escritas, novos suportes".

MUSEU DO ABADE DE BAÇAL (Bragança): a exposição "O Arquivo da Casa do São Payo".

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): exposição de pintura de Carlos Martins Pereira com o título "Brueghel Revisitado". Patente ao público no acervo da galeria, obras de Rogério Amaral, Tomás Henriques, Artur Bual, João Mourão, Fernando Cruz, Joaquim Lourenço, Nica Bidarra, Lança Semedo, Victor Mesquita, Álvaro Carneiro, Carlos Dutra, João Rosado, Ema Berta e António Inverno.

HOTEL ALBATROZ (Cascais): das 15 às 22 horas, pintura de Fátima Ramalho.



MÉDICO
DE
URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa -
**PERMANENTE - AMOREI-
RAS - CAMPOLIDE:** Pinto,
R. de Campolide, 11 (T.
682610); **AREIRO - APEA-
DEIRO:** Ideal, Av. Almirante
Gago Coutinho, 49-A (T.
892803); **CAMINHOS DE
FERRO:** Alves Carvalho, R.
Vale de Santo António, 7-9 (T.
840125); **CAMPO GRANDE:**
Neoterapia, Campo Grande,
138-140 (T. 774682);
ENCOSTA DO RESTELO -
**ESCOLA PAULA VICEN-
TE:** Belém, R. Tristão Vaz, 10-
A (T. 776314); **GALINHEI-
RAS - CHARNECA - LUMI-
AR:** São Bartolomeu, Vila
Paulo Jorge, 1 (T. 790969);
**INFANTE SANTO - PAM-
PULHA:** Infante Santo, R. do
Olival, 290 (T. 661003); **ROS-
SIO:** Estoril, Rossio, 60-63
(T. 327067); **SALDANHA:**
Saldanha, Av. Praia da Vité-
ria, 53-55 (T. 543938); **SAN-
TA BARBARA:** Romano
Baptista, R. Passos Manuel,
6-10 (T. 570593); **SETE RI-
OS:** Canto, E. das Laranjeiras,
202-B (T. 724841); **BURACA -**
AMADORA: Vaz Martins,
Pt. Fernando Pessoa, loja E,
36-B (T. 970660); **CARNAXI-
DE:** Central de Carnaxide,
Av. de Portugal, 16-B (T.
2184913); **ODIVELAS:** Jole-
ni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-
B (T. 9810812); **PONTINHA:**
Pontinha, E. de Santo Elói, 4,
lote SE (T. 990220).

REFORÇO - ALFAMA:
Costa, R. das Escolas Gerais,
88-A (T. 863940); **ALTO DE
SANTO AMARO:** Teles, R.
João de Barros, 2, frente (T.
831176); **ALVALADE:** Belo,
Av. de Roma, 53-A (T.
776314); **BENFICA - POR-
TAS DE BENFICA:** Progre-
so, E. A. Damaja, 64-C (T.
702226); **CAMOES - SANTA
CATARINA:** Combro, C. do
Combro, 82 (T. 326059);
CAMPO DE OURIQUE:
Porfírio, R. Francisco Me-
trass, 59-B (T. 663349); **CAM-
PO PEQUENO - APOLO 70:**
Campo Pequeno, Av. Júlio Di-
nis, 10, loja 18-19 (T. 771661);
**CHILE - ALTO DE SÃO JO-
ÃO:** Vitalis, R. Morais Soares,
69-C (T. 780548); **LICEU PE-
DRO NUNES:** Janeiro, Av.
Alvares Cabral, 96-100 (T.
661453); **OLIVAS SUL:**
Antunes Rosas, P. Cidade do
Luso, lote 199 (T. 313610);
PICHELEIRA: Mariz, C. R. Prof.
Mira Fernandes, MAF (T.
880703); **COLINA DO SOL -**
BRANDOA - AMADORA:
Vidal Reis, Urbanização Alfor-
nelos, célula G, lote 35 (T.
996540); **OLIVAL BASTO:**
Nova, R. dos Acores, 11-A (T.
9810305); **PRIOR VELHO:**
Matos, T. das Prioras (T.
2519939).

Outra Banda -
ALMADA: Galeno, R. Cap-
itão Leitão, 85-B (T. 2760565).
Permanente; **COVA DA PIE-
DADE:** Louro, R. Alexandre
Herculano, 6-B (T. 2763517).
Permanente; **MONTE DE CA-
PARICA:** Guerreiro, lote 31-
1-J, Moimho (T. 2950727). Até
às 19 horas; **COSTA DE CA-
PARICA:** Chal, Av. General
Humberto Delgado (T.
2403218). Até às 19 horas;
LARANJEIRO: Almeida
Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T.
2292324). Até às 22 horas; **SE-
SÍMBRA:** Lopes, R. Cândido
dos Reis, 21 (T. 2233028). Até
às 19 horas; **LAVRADIO:**
Parreira, R. D. Silva Cristino,
15-A (T. 2042016). Até às 19
horas; **BARREIRO:** Santa
Marta, R. Dr. Manuel Pacheco
Nobre, 44-B (T. 2072141).
Permanente; **BALXA DA BA-
NHEIRA:** Teixeira, B. de Mo-
cambique, 84-B (T. 2040946).
Até às 19 horas; **CORROIOS:**
Lino, R. Alexandre Herculano
(T. 2530256). Até às 19 horas;
AMORA: Moura Carneiro,
P. General Humberto Delgado,
16-C (T. 2243729). Permanen-
te; **SEIXAL:** Godinho, L. da

Igreja, 51 (T. 2213580). Até às
22 horas; **MONTEJO:** Moder-
na, R. Bulhão Pato, 60 (T.
2310156). Até às 22 horas;
MOITA: Silva Rocha, P. da
República, 16 (T. 2390029).
Até às 19 horas; **ALHOS VE-
DROS:** Portugal, Av. da Bela
Rosa, 8 (T. 2040250). Até às
19 horas; **ALCOCHETE:** Nu-
nes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (T. 2340137). Até às
19 horas; **SETUBAL:** Louro,
R. Frei António das Chagas (T.
24491). Permanente; **Bocagea-
na:** R. do Romeu (T. 23451).
Permanente; **Oliveira Rodrí-
gues:** Vale das Cerejeiras, lote
11 (T. 31567). Até às 22 horas.

Linha de Cascais -
ALGÉS: Cabrira, P. de Miraf-
lores, lote 12 (T. 4101486).
Permanente; **LINDA-A-VÉ-
LHA:** Melo Almeida, R. D.
Diogo Couto, lote 182
(T. 4191697). Permanente; **TI-
RES:** Guimarães, L. Duarte,
lote A, r/c (T. 2441616). Até às
22 horas; **ALCABIDECHES:**
Carvalho, B. Padre P. Correia,
4 (T. 2690363). Até às 22 ho-
ras; **PORTO SALVO:** Ferrel-
ra Bastos, R. D. Firmino Rebelo
(T. 2421015). Até às 22 ho-
ras; **MALVEIRA DA SER-
RA:** Luz, E. Nacional (T.
2850635). Até às 22 horas;
PACO DE ARCOS: Pargana,
Av. Eng. Bonneville Franco
(T. 2435147). Permanente;
OEIRAS: Ribeiro, R. Dr. Flá-
vio Resende, 9-A (T. 2466066).
Permanente; **CAR-
CAVELOS:** Vilar, Av. Maria
da Conceição, lote B (T.
2470777). Permanente; **SÃO
DOMINGOS DE RANA:** Go-
dinho da Silveira, R. Afonso
de Albuquerque, lote B, loja 2
(T. 2470361). Até às 22 horas;
PAREDE: Mendes Junquei-
ro, R. de Luanda, lote 5 (T.
2477838). Permanente; **SÃO
JOÃO DO ESTORIL:** São
João, Quinta da Carreira, 29-
A (T. 2681186). Até às 22 ho-
ras; **SASSOEROS:** Amaral
Semblano, Quinta das Encos-
tas (T. 2461312). Até às 22 ho-
ras; **BIRRE:** Imani, lote 7-B,
Hera (T. 2852121); **MADOR-
NA:** Madeira, R. A. (T.
2476326). Até às 22 horas;
AMOREIRA: Abrantes, Vi-
venda Maria Carlos Anjos (T.
2682313). Até às 22 horas;
CASCAIS: Nova, E. de Alvi-
de, Fontainhas (T. 281044).
Permanente.

Linha de Sintra -
AMADORA: Melo, P. D. João
I, 9-B (T. 4932756). Perma-
nente; **Central:** Av. Cardoso
Lopes, 25-A (T. 4932210). Até
às 22 horas; **QUELUZ:** Zeller,
R. da República, 83 (T.
950045). Permanente; **Alber-
garia:** Queluz de Baixo. Até
às 22 horas; **CAMARATE:**
Fátima, Fetais (T. 2570696).
Até às 19 horas; **CACÉM:** Ro-
drigues Garcia, Av. dos Bons
Amigos, lote 5-D (T.
9243693). Permanente;
ALGUEIRÃO: Vitor Manuel,
E. do Algueirão, 123 (T.
9217814). Permanente; **MER-
CÉS:** Claro Russo, R. Abade
Faria, 2-A (T. 9215275). Até às
22 horas; **RIO DE MOURO:**
Riomouro, Av. Oscar Monte-
iro Torres, 6 (T. 9260194). Até
às 22 horas; **SINTRA:** Miseri-
córdia, Vila Pendoa, 17 (T.
9231070). Permanente; **CO-
LARES:** Abreja, (T.
9290088).

Outras Farmácias -
MOSCAVIDE: Império, R.
1.º de Maio, 48-A (T.
2513234). Permanente; **SÁ-
CAVEM:** Maria, R. Salvador
Alcende, lote 2 (T. 2514369).
Até às 22 horas; **LOURES:**
Sálvia, Av. da República, 29
(T. 9831240). Permanente.

Cascais-Ass. CG Stobbaerts

T. 2670320, junto ao Teatro Gil Vicente. De 3.ª a
dom., às 21.30
«MACBETH», de William Shakespeare. Enc. de Jor-
ge Listopad, fig. de Ana Silva e Sousa, trad. de Ricar-
do Alberty e mús. de João Heitor.

Comuna

P. de Espanha - Tel. 726 08 18
Sala Nova
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00
«ÉDIPUS REI», de Sófocles. Tradução: Agosti-
nho da Silva. Encenação e cenários: João Mota. Fi-
gurinos: Carlos Paulo. Música: Eduardo Paes Ma-
mede. Produção: Acarte - Comuna.
Sala 2
De segunda a sexta, às 14.00 e 16.00; sábados e do-
mínios, às 16.00 e 21.30
«CARCAÇAS», de Eduarda Dionísio, sobre con-
tos populares. Encenação e cenários: João Brites.
Música: Luís Pedro Faro.

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e fe-
riados, matinée às 16.00
A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana,
Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Naza-
ré Fernandes. Música de João Vasconcelos, Fernan-
do C. Martins, Nuno Nazaré Fernandes e Fernando
Ribeiro. Intérpretes: Marina Mota, Carlos Cunha,
Vera Mónica, Carlos Ivo, Fernando Mendes, José
Raposo, Maria João Abreu

Mae d'Água das Amoreiras

Tel. 65 87 43
Terça, quarta e sexta, às 21.30; sábado e domingo,
às 17.00
«UM PARA O CAMINHO», de Harold Pinter.
Pela Humana Comédia - Projecto de Arte e Es-
pectáculo. Tradução e encenação: Fernando Corte-
Real. Cenários: Paulo Seabra.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt - Tel. 73 43 09
3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª e 6.ª, às 21.00; sábado, às
16.00 e 21.00; domingo, às 16.00
600\$00. Até 26 de Novembro.
«ERROS MEUS, MA FORTUNA, AMOR AR-
DENTE», de Natália Correia. Encenação: Carlos
Avilez. Cenários e figurinos: Emília Nadal. Músi-
ca: Carlos Zingaro. Intérpretes: Rogério Samora,
Canto e Castro, Lia Gama, Alexandra Lencastre,
Carlos Quintas, Carlos Freixo, Anna Paula e Zita
Duarte, entre outros.

Teatro Municipal de Almada

R. Conde Ferreira (Telef. 2752175)
De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00
DONA ROSINHA, A SOLTEIRA, de Federico
Garcia Lorca. Enc. de Joaquim Benite, Cenários e
Figurinos de Vasco Eloy. Interp. Ana Nave, Antó-
nio Assunção, Bibi Gomes, Cecília Guimarães, Pa-
ramés, Manuela Cassola, Manuela Costa, Margari-
da Leal, Mário Timóteo e Teresa Gafeira.

1.º Acto

R. Eduardo A. Pedrosa, 16-A, Algés - Tel.
211 50 33
De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00
«ANFITRIÕES», de Augusto Abelaira. Pelo
Grupo Persona - Teatro de Comédia. Encena-
ção: Guilherme Filipe. Cenários: Rui Marcelino.
Intérpretes: Custódia Gallego, Isabel Leitão, Maria
Almeida, Miguel Meneses, Carlos Borges, Guilher-
me Filipe e Jorge Alonso.

Pragal (Almada)

Sociedade Recreativa União Pragalense - Tel.
276 64 69
6.ª e sábado, às 21.30. Até 30 de Outubro.
«O JOGO DO AMOR E DO ACASO», de Mari-
vaux. Pelo GIC - Grupo de Intervenção Cultural.
Intérpretes: Manuel Antunes, Maria José Pinto,
Mário Leça, Sylvie Rocha e António Sousa. (Es-
treado em 10 de Outubro de 1988).

ABC

Parque Mayer - Tel. 36 67 45
Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às
16.00 e 21.30. De 3.ª a sábado, às 21.30
«PIJAMA PARA 6», de Marc Camoletti. Ence-
nação: Carlos César. Cenários: J. Ramalho. Intér-
pretes: Octávio de Matos, Maria Tavares, Luís Ma-
ta, Helena Alvarez, António Smedo e Isabel Da-
mata.

Casa da Comédia

R. São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes
- Tel. 60 72 99
Sábados e domingos, às 15.00 e 16.30

«PIERROT & ARLEQUIM», de Almada Ne-
greiros.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 - Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30
«O BAILE». Pelo grupo A Barraca. Guião e en-
cenção: Hélder Costa. Intérpretes: Maria do Céu

Guerra, Maria João Luís, Paula Sousa, Teresa Pa-
ria, António Cardoso, Luís Tomar, Victor Torres,
Leonor Alcácer, Margarida Barão, Marta Tereno,
João Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues e
António Cruz.

Teatro da Graça

R. de São Vicente, 11 - Tel. 87 56 26
De terça a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«VIEUX CARRÉ», de Tennessee Williams. Pelo
Teatro Hoje. Encenação: Carlos Fernando. Intér-
pretes: Carlos Fernando, Elisa Lisboa, Fernanda
Coimbra, Isabel de Castro, entre outros.

Coliseu

De 3.ª a domingo às 16 e 21.30.

Circo do Natal

Companhia Internacional. Leões, tigres, trígões, re-
vista canina. Trapezista, quadrante aéreo, ciclistas,
perchistas, táxi louco, equilibristas e palhaços.

Circo Chen

P. de Touros Campo Pequeno
As 21.30. A maior e mais espectacular Companhia
Circense. Atração: O rinoceronte gigante.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Tel. 66 15 15
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«AUTO DA FEIRA», de Gil Vicente. Pelo Tea-
tro da Cornucópia. Fixação de texto: prof. Luís Lin-
dley Cintra. Dramaturgia e encenação: Luís Miguel
Cintra. Apoio dramaturgico: João Nuno Alcáda.
Cenários: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão.

III - Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 - Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados
«A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER»

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 - Tel. 38 25 31

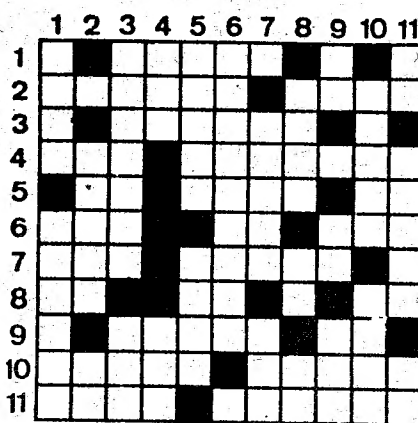
De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados,
às 17.00
«ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA», de Carlos
Fuentes. Encenação: Blanco Xil. Com: Fernando
Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 323

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Jumento.
- Freguesia do concelho de Vila do Conde. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
- Sagaz (Bras).
- Monarca. Endreitar.
- Nota musical. Vais para fora.
- Ilha inglesa no mar da Irlanda. Medida japonesa de dois decilí-
tros. Figura que simboliza o povo
americano.
- Boi selvagem. Conversão das
almas.
- Nota musical. Prefixo de pri-
vação. Quantum satis.
- Estirada. Cobre (s.q).
- Reúne em maço. Deusa dos
rebanhos e dos pastores.
- Taramela. Árvore anónima
cujo fruto é a fruta-do-conde.



VERTICAIS:

- Vila e concelho do distrito de Aveiro. Esposa.
- Artigo definido. Prendera
com elos. Pronome pessoal.
- Pequeno candeeiro de folha-
de-flandres. Bigorna de ourives.
- Larva das feridas dos animais.
Dá aviso de alguma coisa em voz
alta.
- Róis. Coisa excelente.
- Conjunto de roupas (pl).
- Grupos de três. Cidade france-
sa do departamento de Vaucluse.
- Naipes das cartas de jogar.
Pronome reflexo. Duas vogais
desiguais.
- Palavra latina pela qual come-
çam muitos documentos pontifi-
ciais de interesse para Portugal.
Pronome reflexo. Cento e cin-
quenta e um em romano.
- Engasta. Deseja.
- Preposição e artigo. Moves os
remos. Apelido.

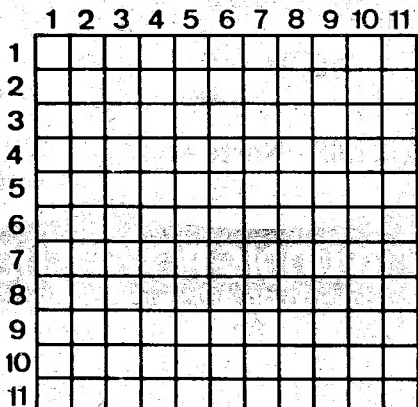
RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 509

HORIZONTAIS:

- Cidade e porto da Suécia, no
Categate. Entre os caldeus, o 5.º
mês.
- Bailarina cigana, espanhola, já
falecida. Mapa.
- Racho. Európio.
- Caminhar. Acompanhar para
guardar ou proteger.
- Aqui. Tornar opado.
- Soluçai. Agora.
- A fina flor. Pronome posses-
sivo.
- Ente. Realiza.
- Rio de França. Branqueamen-
to (inv).
- Cosmético pastoso para trata-
mento da pele (pl). Molhe com
baba.
- Ave pernalta do Brasil. Vir-
gulas dobradas.



VERTICAIS:

- Antiga cidade da Sicília. Cé-
sio (s.q).
- Poisam no mar (o avião). Ba-
tráquio.
- Pêlos de certos animais. Herói
grego, filho de Zeus e de Dánae.
- Antiga cidade da Argélia.
Ave pernalta.
- Sádios. Imagem da Virgem
ou dos santos nas Igrejas ortodo-
xas gregas, russa, romena e sér-
via.
- Cobalido (s.q). Capas sem
mangas.
- A parte mais elevada das cida-
des gregas, que em geral servia de
cidadela.
- Concede. Pátria. Região cau-
dal.
- Fotografaram.
- Trata por tu. Espécie de man-
gueira do Gabão.
- Bário (s.q). Contos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 508

HORIZONTAIS:

- RAIO. NÃO. Dm.
- Eta. Novídeo.
- Garrotes. Ir.
- Içai. An. Ato.
- Na. Apitavas.
- Arena. Uleda.
- Arau. Ralos.
- Papa.
- Apura. Radar.
- Toe. Aacasala.
- Erraram. Sãs.

VERTICAIS:

- Regina. BATE.
- Atacara. Por.
- Iara. Erguer.
- Riana.
- NO. PAU. Aar.
- Notai. CA.
- Aventuraram.
- Ois. Alapas.
- Aveladas.
- DEITADO. Ala.
- Morosas. Rãs.

PROVERBIO: Raio não bate no
pau deitado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 322

HORIZONTAIS:

- Suão. Zagala.
- Agem. Isolam.
- Ladinos. Apã.
- Oro. Andar.
- Ma. Ia. Noira.
- Op. Chinós.
- Nero. Rato.
- Dão. Cede. Pê.
- Édipo. Assem.
- Oxios. Id.
- Uso. Chacim.

VERTICAIS:

- Salamonde.
- Uga. Apeados.
- Aedo. Roixo.
- Onírico. Piu.
- Noa. Coa.
- Zio. Crê. SC.
- Assanhada.
- Go. Noites.
- Aladino. Sic.
- Láparo. Pedi.
- Amarassem.

Rádio

Antena Um

17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.15: Musical; 20.30: O som dos negócios; 21.00: O som dos negócios; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Terra viva, planeta azul; 17.30: Trechos de óperas; 18.40: Quinteto, op. 20, n.º 15, em fá maior, de Luigi Boccherini; 19.00: Integrais; 19.50: Programa eventual; 20.40: Programa eventual; 21.30: Pequena perspectiva da obra de Anton Bruckner; 23.00: Os anos 80; 00.00: Quarteto de cordas, em si bemol maior, op. 18, n.º 6, de Ludwig van Beethoven; 00.27: «Requiem», de Giuseppe Verdi; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: As noites da Comercial; 03.00: Serviço nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Infor-gal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Hora Akai; 01.00: Som da frente; 03.00: Serviço nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional
de OM e FM

15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia; 19.20: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fontes termais.

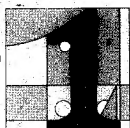
Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; 18.00: Bola branca; 18.30: Voz de Lisboa; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Voz de Lisboa.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; 18.00: Bola branca; 19.00: Jornal da região; 19.30: Largo do Coreto.

RTP



17.30 - Brinca Brincando

«Piaf», «Hey Bumboo», «Tim Tim», «Tao Tao».

18.25 - Tempos Modernos

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.07 - O Tempo

20.10 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura

20.15 - Passerelle

45º Episódio

21.00 - Norte e Sul

9º Episódio: George é nomeado comandante dum regimento onde está também colocado o seu irmão Billy. Os dois distinguem-se durante a batalha de Gettysburg, que se saldou numa vitória para a União. Billy, desejoso de voltar a ver Brett, sua mulher, resolve sair sem autorização para a ir visitar a Mont Royal.

22.50 - A Escrita da Casa

Neste quinto e último episódio de «A Escrita da Casa», duas casas surgem na vida de José Régio como importantes centros de um percurso existencial e literário. Por um lado, a casa de Vila do Conde, lugar onde pairam os cheiros que atravessam toda a infância e se misturam depois com outros que o tempo foi forjando. Por outro a casa de Portalegre, por onde se arrastou a existência anónima de professor de liceu.

23.20 - 24 Horas

23.50 - Remate

RTP 2

17.30 - Trinta Minutos Com...

18.00 - A Culpa não é Minha

19.00 - Music Box Especial

19.55 - O Fugitivo

Último episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - O Sétimo Direito

8º episódio

22.00 - Conta Corrente

(Magazine de Economia)



No 1º canal às 21.00, o 9º episódio da série «Norte e Sul»



O 8º episódio da série «O Sétimo Direito», no 2º canal às 21.30

22.35 - Teatro Nacional

«O Malhadinho»: A partir do conto homónimo de Aquilino Ribeiro, Fernando Lourenço produziu e João Lagarto realizou a versão televisiva de «O Malhadinho». Conhecidos pela sua participação conjunta no programa «Como? Quem? Porque?», Fernando Lourenço e João Lagarto regressam agora ao pequeno ecrã num momento de teatro que começou por ser um divertido espectáculo de rua levado à cena nas praças, pátios e feiras deste país. Três actores, entre os quais João Lagarto, desdobram-se em vários personagens e contam-nos a história de António Malhadas, almocreve beirão que viveu em finais do século passado na região de Viseu.

AMANHÃ

RTP-1

09.02 - Bom Dia

10.00 - Às Dez

12.15 - Brega e Chique

13.00 - Jornal da Tarde

13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto

13.30 - Dallas

14.15 - Os Super Gatos

15.05 - The Forum Presents Neil Sedaka

16.05 - A Última Fronteira

16.30 - Ponto por Ponto

17.30 - Brinca Brincando

18.25 - Tempos Modernos

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.07 - O Tempo

20.10 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura

20.20 - Passerelle

21.05 - Modelo e Detective

22.05 - Primeira Página

23.10 - Tribunal de Polícia

23.40 - 24 Horas

00.10 - Remate

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas

15.25 - Elogio da Leitura

16.00 - Primeiro Andamento

16.30 - Lá em Casa Tudo Bem

16.55 - Helena

17.30 - Trinta Minutos Com...

18.00 - Music Box (via rápida)

19.00 - Music Box

19.55 - No Limiar da Realidade

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Maude

21.55 - CinemaDois

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP

1

21.05 - Norte e Sul

RTP 2

21.30 - O Sétimo Direito

GRUNDIG-PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada — 1495 LISBOA
Telef. 419 75 70





Anónimo do Seixal ganhou 57 mil contos

O Totoloto de sábado enriqueceu, pelo menos, mais um anónimo português, de Amora. Ao fim da manhã estava escrutinado mais um concurso e apenas um apostador tinha acertado nos seis números: 4, 13, 26, 37, 39 e 43. Com cinco mais o «suplementar» apresentam-se entre oito a dez apostadores, revertendo para cada um, na primeira situação, dois mil e 43 contos. Com cinco números «em cheio» há entre 631 e 680, cabendo a cada 86.160 escudos. Com quatro números (quarto prémio) perfilam-se mais de 35 mil apostadores, que receberão 1 554 escudos. O «3» dá 136 escudos.

O anónimo do Seixal receberá cerca de 57 mil contos uma vez que ao primeiro acrescentará 18 terceiros, 45 quartos e 20 quintos prémios.

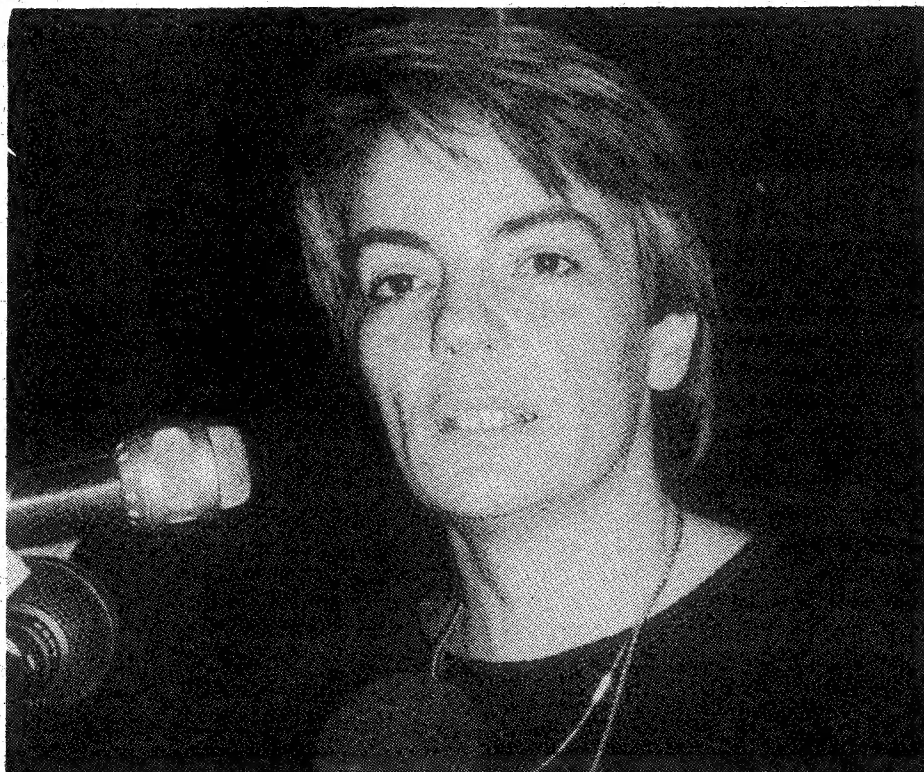
No tocante ao Totobola foi um concurso de «arromba»: mais de duas centenas de finalistas, isto é, de apostadores que acertaram nos treze resultados ou jogos. A cada um caberá cerca de 76 contos. Pouco mais de três mil escudos é a quantia a distribuir pelos «doze» do Totobola, e 326 escudos é quanto se prevê para os apostadores que acertaram nos resultados de onze jogos do boletim da semana finda.

A.M.A. *Auto Monumental do Auto*
CONCESSIONÁRIOS  
 AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
 Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
 1000 LISBOA
 Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

PROMOÇÃO a sua roupa lavada e seca sem preocupação

MENSALIDADES DESDE 3 000\$00
pon'to mil
 SEDE: Rua Barão de Sabrosa, 86-84
 1900 LISBOA ☎ Tel. 83 83 03-83 40 85
 FILIAL: Rua da Filarmónica, 38
 Electrodomésticos Vestilar - Alcobaça ☎ Tel. 4 11 66

D/E/C/A/R/A/S/



ZITA SEABRA, em entrevista à «Antena 1», comentou os resultados do XII Congresso do PCP, que ontem encerrou no Porto. Algumas afirmações:

- **Balanço:** «Este Congresso não é o termo de nada. É fundamentalmente um Congresso adiado. Quando havia absoluta necessidade de renovar o PC, na sua linha política e formas de funcionamento, isso não foi feito. Mas este é um Congresso que deixou marcas profundas na actividade dos comunistas. Hoje é claro para a opinião pública que o PC fervilha e há o empenhamento de muita gente no sentido de uma renovação».
- **Nova Direcção:** «Em relação à futura direcção do partido, Comité Central e organismos executivos, verifica-se a exclusão de toda e qualquer pluralidade de opiniões. Simultaneamente são sacrificadas algumas figuras históricas e afastadas, sem honra, sem glória, para serem substituídas por quadros do aparelho que não têm uma história nem um passado, conhecidos, de dedicação».
- **Democratização:** «Este Congresso ainda não democratizou o PC. Aliás o regulamento do Congresso, e o regulamento da própria eleição dos delegados, foram contestados... porque houve normas democráticas que não funcionaram. O caminho que foi trilhado com a escolha desta Direcção não soluciona nada e adia tudo. Apesar de ter havido, neste Congresso, votos contrários e abstenções, o resultado está à vista: nenhum dos sectores renovadores, ou dos militantes que tomaram posições públicas, entraram para o Comité Central. Pelo contrário, até foram punidos».
- **Crise:** «Envolve problemas de ordem política e de funcionamento interno do partido. Independentemente das pessoas, ela surgiria... O PC perdeu, em quatro anos, um terço dos seu eleitorado e muitos comunistas tomaram consciência que é preciso mudar esta situação. O que transparece do Congresso é uma grande vontade de muitos militantes tentarem impedir que haja uma resposta atrasada aos problemas. E é no conjunto dos quadros e militantes destacados do PC que se tem de encontrar a saída para a Direcção dos partidos, no seu conjunto, e também em relação ao secretário-geral».

ÚLTIMA HORA

Política de defesa, relações bilaterais e cooperação industrial são os temas centrais das conversações iniciadas hoje, em Lisboa, entre os ministros de Defesa de Portugal e da Espanha. Da agenda das conversações constam ainda o desarmamento, a União Europeia Ocidental — a que os dois países acabam de aderir — e o grupo europeu de programas da NATO. O ministro espanhol, Narcis Serra, que chegou esta manhã a Lisboa, regressa amanhã a Madrid.

Juízes em greve por três dias

Continuação da pág.

As consequências estão à vista: numerosos julgamentos já foram adiados para datas posteriores ao dia 15 e, se estes conflitos se arrastarem, segundo algumas fontes, a situação poderá agravar-se bastante com o acumular de processos em julgamento e dos que já estariam em vias de agenda-mento.

Em todos os casos, a questão de fundo é salarial, sendo que os juízes pretendem ter os seus vencimentos indexados aos dos órgãos de soberania. Ou seja, recusam a intenção governamental de de incluir os magistrados na reestruturação geral da Função Pública, que os remeteria para os chamados «corpos especiais», a par, por exemplo, dos docentes universitários.

Assinala-se que numerosos juizes-desembargadores já se manifestaram solidários com a presente greve, que começou por ser de zelo entre os dias 14 e 24 do mês passado, o que bastou para provocar problemas nos tribunais. Por outro lado, convém sublinhar que são mesmo previsíveis adesões de alguns juizes do Tribunal Constitucional.

Por fim, uma referência aos juizes de Macau que em grande parte já manifestaram a sua adesão à paralisação hoje iniciada, insurgindo-se, eles também, contra o Governo e a Assembleia da República que não reconhecem os juizes como «titulares de órgãos de soberania nos termos do Artigo 205º da Constituição da República». E acrescentam que a sua atitude «nada tem a ver com o Governo do território com o qual, aliás, os magistrados têm tido um bom relacionamento». No caso de Macau, não será prejudicado o andamento de processos em que haja réus presos.